

Léguas da descoberta

Romance pelo espírito Rita de Cássia

CLÁUDIO GUILHON

Confraria dos Livros Bons



Créditos

© Jaguatirica 2017

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou armazenada, por quaisquer meios, sem a autorização prévia e por escrito da editora e do autor.

editora Paula Cajaty

capa 54 Design

diagramação Nathalia Amaral

revisão Evaldo Reis e José Fontenele

ISBN 978-85-5662-095-8

Jaguatirica

rua da Quitanda, 86, 2º andar, Centro

20091-902 Rio de Janeiro RJ

tel. [21] 4141-5145

jaguatiricadigital@gmail.com

editorajaguatirica.com.br

Sumário

[Introdução](#)
[A partida](#)
[A tempestade](#)
[Aramin e Duramin](#)
[Novas terras no Atlântico Sul](#)
[A viagem continua](#)
[Novas terras](#)
[O encalhe](#)
[O reparo da nau](#)
[O desencalhe](#)
[Os reparos](#)
[Novas ordens](#)
[Primeiro contato](#)
[Primeira Missa](#)
[Primeiro contato indígena](#)
[Os presentes](#)
[A troca](#)
[Retorno à praia](#)
[O início da revelação](#)
[Novo encontro](#)
[Os preparativos](#)
[Início da jornada](#)
[A captura](#)
[Retorno ao navio](#)
[Nova tentativa](#)
[Rumos formados](#)
[Áreas tenebrosas](#)
[Sonhos de Aluê](#)
[A prisão](#)
[A retirada](#)
[A fuga](#)
[Nova tentativa](#)

[A floresta de ouro](#)
[Os interesses](#)
[Novo ataque](#)
[O abrigo](#)
[Novos planos](#)
[Outros planos](#)
[O sequestro](#)
[O recuo](#)
[O transe](#)
[Discussões](#)
[Novos rumos](#)
[O comentário espiritual](#)
[Aluê, a sequestrada](#)
[Origem indígena](#)
[As minas](#)
[Os encontros](#)
[A estratégia](#)
[A revelação](#)
[Planos de troca](#)
[Intervenção dos sonhos](#)
[Ordens inversas](#)
[A retirada](#)
[Revelações](#)
[Envenenados](#)
[Decisão de voltar](#)
[Rendição de Portarcos](#)
[A fórmula espiritual](#)
[Retorno à tribo dos exploradores](#)
[Novas ideias](#)
[A largada](#)
[A revelação](#)
[Os novos planos](#)
[Segunda Intenção](#)
[Como fugir](#)
[A filha de Aluê](#)
[Novas esperanças](#)
[O sermão](#)
[Novas terras](#)
[Consequência](#)

[Novas revelações](#)

[Outras considerações](#)

[Pós-Fim](#)

[Comentários I](#)

[Comentários II](#)

Confraria dos Livros Bons

Introdução

Em meio a uma tempestade de granizo, partiu em direção ao Atlântico Sul uma comitiva composta de dez navios que se dirigiam a terras jamais conquistadas. Eram pessoas experientes em suas funções de navegação, mas o capitão sabia que jamais poderiam retornar ao velho continente sem alcançar conquistas. Dos dez navegantes, destaca-se o senhor Diogo Álvares, descendente de casta portuguesa que, contratado a peso de ouro, veio compor o grupo. Entre sua tripulação havia um jovem de descendência espanhola de nome Rubenito, cujos afazeres, entre os marinheiros, eram de examinar os cordames do mastro principal para que no momento de cata-vento pudessem as velas obter o máximo de força para jogar a nau em seu rumo certo. Ele tinha somente dezoito anos e partira com o sonho de arrumar dinheiro e fortuna fáceis para superar a vida difícil de menino pseudo-pobre. Ao seu lado, como companheiro de viagem, vinha de áreas europeias do norte o jovem desbravador Ruan Bravi, com vinte e dois anos, apunhalado nas costas quando tinha treze em uma briga doméstica com o irmão de sangue, que o traiu em uma disputa de terras remanescentes de um jogo próprio de sua cidade.

Diogo Álvares deixou as terras portuguesas com a certeza de que os caminhos a tomar seriam decisivos para alcançar as terras brasileiras, principalmente as do nordeste, onde se concentravam as riquezas de um país recém-descoberto. Era o ano de 1638 nas terras dos príncipes de Portugal e Espanha e as disputas de descobrimentos traziam inimizades entre as duas nações. Nada se fazia a respeito de um bom acordo; os lusos eram imitados pelos castelhanos e vice-versa. Nem a casa de Castela, que era responsável pelo bom andamento do relacionamento português, sabia como dominar totalmente as situações que sobrevinham da disputa entre as nações beligerantes.

Então voltemos aos primeiros passos daquela excursão que se iniciara no alvorecer do dia dezoito de fevereiro em direção ao sul.

A frota fora financiada pelo governo maltês em conjunto com os holandeses, que mais procuravam portas para estender seu comércio. Durante a partida, a esquadra fora abençoada pelo Bispo de Castela, e, em seguida, liberadas as espias do porto. Esta história verdadeira foi anunciada neste espaço como testemunho de épocas em que gigantes procuravam terras maiores para aumentar suas conquistas.

A partida

Certamente o cheiro da maresia trazia na imaginação o longo caminho que iriam fazer em direção às terras do sul. Os portugueses chegaram à frente, mas com a frota de dez navios, os espanhóis chegaram mais distantes e percorreram mais costas à procura da tão sonhada ilha do sol, onde outros passados navegadores relataram riqueza não vista por muitos. “A chance de ficar definitivamente rico era enorme,” pensava Rubenito ao apreciar a partida dos navios do porto ao sul da Espanha. Navegar em águas mais quentes significava possibilidade de encontrar espécies de peixes e artigos do mar saudáveis para os pratos da tripulação. Eram cinco da manhã e todas as naus se puseram em formação para o Atlântico Sul.

— Rubenito, solte os velames! — Gritou o timoneiro.

— Sim, senhor, mas não temos vento bastante.

— Não importa, a esta hora da manhã não temos muito a fazer, mas logo virá uma corrente que nos ajudará a manter o rumo certo.

Diogo Álvares, o comandante da nau Aragosa, tomou o primeiro impulso rumo ao destino e os demais acompanharam a nau capitânia.

Ultrapassaram o meio-dia dos primeiros momentos de navegação quando encontraram um grupo de baleias cachalotes cruzando a proa da esquadra, em direção noroeste. Todos os tripulantes gritaram com a intenção de persegui-los e abater alguns, o que foi logo rechaçado pelo comandante da expedição, o que deixou bem claro a intenção da viagem: explorar o máximo da costa brasileira em direção ao sul, rumo ao sol poente, para buscar novas riquezas em terras nunca abençoadas.

— Senhor, não podemos perder esta chance, arpoaremos alguns

cachalotes e depois jogaremos as carcaças fora. Ficaremos só com a carne e o óleo para nossos candeeiros.

— Isto não está nos planos, nos atrasaremos e perderemos os melhores momentos para atingir a costa brasileira. Deixem a nau seguir as correntezas do sul e os ventos que nos levarão ao nosso destino.

Diogo Álvares pega seu sextante e inicia a observação de pequenos pontos no horizonte à procura de estrelas iniciais para bem posicionarem a frota.

A navegação, embora rudimentar, apresentava pequenas engenhocas de cálculos de posicionamento baseados nas posições das constelações e estrelas. Valia a experiência do navegador que, com seus conhecimentos de posições do sol e das constelações, era capaz de se localizar perante o grande oceano que se apresentava à proa.

— Mantenham a nau três graus a boreste e depois a vinte e um graus a estibordo!

Com isto era possível obter uma velocidade maior em busca dos ventos que se apresentavam à popa.

— Borrалhos! — Gritava o comandante. — Não naveguem deste jeito porque desviarão de nosso rumo.

— Sim, capitão. — Respondeu o timoneiro.

Entre a tripulação havia gente de toda espécie, marinheiros com pouca experiência e outros que já haviam participado de outras aventuras. Para Rubenito tudo era novo, para Ruan nada era surpresa porque já tinha participado de uma excursão aos Açores. Estava mais interessado em novas aventuras do que ficar em terras europeias. Achava que era uma época de descobertas e para isto era necessário participar deste momento.

— Nau firme agora que pegamos uma boa correnteza. — Gritou o comandante.

Com eles, enviados da Santa Igreja, um sacerdote franzino de Nova Rieven, jovem, recém-saído de um monastério da ordem dos franciscanos. Era homem que se destacava dos demais pelo hábito que usava e uma bíblia em suas mãos, de modo que sempre estava fazendo leitura. Os cartógrafos avaliaram as cartas

náuticas que foram fornecidas pelos navegantes anteriores e não se deixavam trair pelo seu faro de terra. Diziam que quanto mais longe da costa, mais sentiam os balanços das ondas do mar, que diferiam das ondas próximas da terra. Para Rubenito tudo era igual.

Diogo Álvares se retirou para seu camarote logo que anoiteceu. Levava consigo as cartas náuticas e um punhado de manjar para degustar nos aposentos. Era uma noite fria longe da costa, mas uma brisa levemente aquecida demonstrava para os marinheiros antigos que não deviam estar tão afastados da terra, provavelmente ainda próximos das costas portuguesas. Nada se via na noite escura, somente o tilintar momentâneo do sino de aviso e perenes jatos de água salgada a espirrar no convés da nau. Os demais navios seguiam a primeira embarcação em agrupamento disperso um dos outros. A comunicação era feita usando panos brancos e escuros que formavam um código de letras e símbolos.

A tempestade

Não demorou para enfrentarem a primeira tempestade. Estavam se aproximando das Ilhas Canárias a caminho do Brasil e tiveram que se abrigar nas cobertas abaixo no navio para não serem postos para fora da nau, frente à força dos ventos e da chuva. Neste momento, as velas foram postas abaixo e todos os navios tentaram se agrupar mais próximo possível uns dos outros.

— Tragam as escoras para poder não bater nas outras naus! — Gritava Diogo Álvares, agora com a nau Princesca bem próximo às outras. Só se ouviam os uivos dos ventos e um pouco de gritos dos tripulantes que se encontravam no serviço do comando.

— Deus! Arranquem este velame próximo de mim para que ele não voe em direção à saída do barco. — Gritou o comandante.

Todos prepararam-se para puxar a vela e encostá-la no rebordo da nave.

Passaram horas de medo, alguns marujos nunca tinham visto tamanha força no vento; o barco dançava ao sabor das ondas e o silêncio dos demais tripulantes tomou conta. Ruan sacou uma gaita e soprou algumas notas de maneira baixa para não incomodar os demais.

O padre não parava de entoar seus hinos religiosos e os demais nada faziam.

Na manhã seguinte, com o sol a pino e a embarcação estabilizada, Rubenito foi ao convés para se certificar das coisas e, para sua surpresa, estavam navegando em posição contra o sol. Isto significava que haviam perdido o rumo. Diogo Álvares logo pediu que o cartografista traçasse novos rumos seguindo o seu comando. Quanto aos demais navios, todos permaneceram próximos uns dos outros, sem avarias aparentes. Então o comandante falou:

— Tomemos rumo sul, três graus a estibordo!

E assim foi feita uma pequena manobra; abriram-se os velames para dar novo impulso à nau Aragosa. As demais se afastaram umas das outras. A comida estava escassa e o comandante deu ordens para se aproveitar os restos e sobras de pão e fazer uma espécie de mingau para todos. Este tipo de refeição deveria ser servido uma vez ao dia, devendo as outras refeições serem compostas por uma mistura de farinha de peixe seco e água potável. Tudo bem, não era nenhum manjar, mas dava para manter a tripulação com boa disposição para o trabalho. Muitas noites se passaram e Rubenito ficava olhando tanta beleza no céu estrelado. O comandante autorizava música no convés e todos participavam com dança ou canto.

As costas de Rubenito reclamavam a quantidade de idas e vindas no alto das velas para inspeção da presença de outros navios ou a possibilidade de terras à vista.

— Nada de novo. — Falou ao final do seu turno.

— Muito bem, Rubenito. Pode se recolher e aproveite para relembrar sua fala para com os próximos habitantes de terras a serem descobertas. — Incentivou Diogo Álvares.

— Obrigado, senhor, não sabe o quanto desejo conhecer terras novas, distantes e cheias de aventuras.

— Não sejas tolo, nossa missão é de colonizar estas terras. Trouxemos uma gama de material para construir um pequeno arraial se for o caso. Deixaremos a Divina Providência nos ajudar, não é isto, padre?

— Certamente, senhor, fazer com que almas pecaminosas se convertam é minha missão. A começar pela tripulação.

— Muito bem, padre, mandarei os marinheiros se confessarem e aos poucos irei liberar um pouco de rum porque estes homens precisam de boa disposição para enfrentar o trabalho.

— Não se esqueça que estes homens são filhos de Deus e devemos primeiro mostrar a necessidade de serem bons homens, ordeiros, honestos e se tiverem algum compromisso com as mulheres, que controlem seus instintos e se guardem para a sua família.

— Duvido, padre, que eles consigam, são rudes e cheios de querenças. Não seremos responsáveis pelos seus atos quando a primeira mulher aparecer na frente deles.

— Muito bem, comandante, deixe-me falar com eles.

— São todos seus, mas não os perturbe se estiverem dormindo ou comendo, pois não o respeitarão nestas condições.

— Já percebi, comandante, terei todo o cuidado de não os atrapalhar nos seus afazeres.

Deixaram a conversa correr por algum tempo e a nau deslizava pelo mar com uma tranquilidade impressionante. Já se passavam vinte dias de aventura quando o timoneiro gritou:

— Terra à vista!

E todos correram a estibordo para apreciar montes ao longe.

Aramin e Duramin

Certamente estavam perdidos, ouviu Rubenito de um companheiro de convés. Aquele local não se encontrava nos mapas cartográficos. Estariam nas costas de algum local africano e não nas costas brasileiras e por isso demandariam mais tempo de viagem até atingir o suposto litoral de destino.

— Desçam nos botes e tragam notícias deste local. — Mandou Diogo Álvares.

Assim foi feito. Um grupo de três canoas de tamanhos diferentes, e cada uma com quinze marinheiros, foi desembarcado em direção ao litoral. Após alguns momentos, o próprio comandante desceu em outra embarcação em direção à praia.

— Procuremos civilização e tragam provas da existência de vida. — Ordenou Diogo.

Passaram várias noites ancorados próximo à enseada e os demais comandantes de navios desceram também, a contragosto de Diogo Álvares, pois só ele queria arriscar sua vida e os demais partiriam em debandada caso algo não saísse como o esperado. Após três dias de espera, surge a notícia que um grupo de nativos fora localizado e tudo indicava que seriam da tribo Mabeube, uma aldeia africana de tantos cultos religiosos considerados hostis contra as investidas europeias. Trouxeram a bordo uma grande quantidade de carne fresca de animais para ser salgada e aproveitaram para consertar as velas rasgadas pelo vento, limpar o navio e repor água doce nos tonéis de armazenamento. O banho, já racionado, não fazia mais parte da rotina diária até que o comandante resolve zarpar novamente dando continuidade à travessia. Trouxe para bordo um casal de negros que serviriam como interlocutores com outras raças a serem contatadas. Eram

de pele negra, mas tinham belas feições. Para o comandante serviriam como intérpretes de outras culturas, mas para o resto da tripulação seriam escravos para todos os afazeres.

— Levantar âncoras! — Gritou o comandante. — Hastear velas! Trazer o estoque de alimentos anotados para mim. — Falou para seu ajudante.

A tripulação era pequena. Contavam com trinta e cinco homens, sendo vinte e dois de pura dedicação à navegabilidade da embarcação e os demais ajudantes na cozinha e na estocagem de gêneros e armamentos. Ao todo a expedição contava com quatrocentos e cinquenta homens distribuídos nos diversos barcos. O principal, apesar de ser o maior, não tinha acomodações para mais gente porque era utilizado como transporte de vários tipos de tonéis de bebidas e outros utensílios. Navegaram por mais quinze dias até chegar a uma formação de pedras de nome atol. Provavelmente estavam próximos do destino desejado e, apesar das ondas do mar e do mau tempo, o comandante aciona um bote com cinco marinheiros, inclusive Rubenito, para averiguar o conjunto de pedras perdidas no oceano e ver se havia indícios de alguma civilização nesta área. Foi procurado tudo em vários locais, mas nada fora encontrado, somente algumas espécies de pássaros e lagos naturais com peixes coloridos. Certamente ninguém, em outras épocas, descera neste lugar. Rubenito ficou lisonjeado em fazer parte desta comissão.

— Saiam logo daí. — Falou o contramestre, alertando que ondas maiores estavam chegando ao largo desta formação e poderiam ficar em perigo ao tentar sair mais tarde.

Saíram todos agradecidos de ter tido esta experiência.

— Voltem ao barco! — Ordenou o comandante próximo da nau.

A contrabordo observavam o casal de negros que passaram a chamar de Aramin para o homem, e Duramin para a mulher, pois se pareciam como um casal de pássaros das terras espanholas.

Durante o regresso dos marujos a mulher tentou jogar-se ao mar e foi impedida pelos homens da tripulação. O homem se acovardou e ficou agachado no canto do convés. Por que ela teve

esta atitude? Certamente se afogaria naquele revolto mar, cheio de tubarões à caça de uma presa.

— Tragam-na para cá! — Gritou o segundo timoneiro, indicando as cobertas do navio.

Ela gritava intensamente e chorava muito. Realmente foi uma cena preocupante.

Diogo Álvares foi até ela e a esbofeteou com certa violência, mas foi o que a fez calar.

— Deixem esta mulher próximo ao meu camarote, ela está com jeito de ter adquirido uma confusão no seu juízo talvez por falta de comida. Dê-lhe comida e bebida para ver se ela se acalma.

Foi cumprido finalmente seu pedido e ela voltou a chorar e a gritar, mas de modo menos estridente.

— Deem-lhe mais água, isto é consequência da sede. — Falou o comandante.

Duramin logo adormeceu e deixou seu parceiro em estado confuso. Ambos foram levados ao interior do navio.

— Não os deixem sozinhos, eles podem tentar outra situação. — Falou o comandante.

Novas terras no Atlântico Sul

Foi observado um grupo de tubarões próximo aos navios; vinham seguindo as comidas que não serviam mais, estas atiradas ao mar. Só se fazia isto quando o mau cheiro impregnava aqueles alimentos. O primeiro oficial de bordo, Sr. Smith, de natureza irlandesa, desceu de seu observatório próximo do convés e anunciou que se continuassem a jogar fora aqueles alimentos estragados, logo uma grande quantidade de tubarões estaria a circundar a frota, o que seria prejudicial caso quisessem fazer algum tipo de pesca para suprir os estoques de comida.

— Muito bem, Sr. Smith, determino que todos os dias deixemos nossos homens em alerta a respeito destes tubarões. Se ficarem em tamanha quantidade, recolheremos os botes externos e deixaremos as comidas estragadas próximo deles para que possamos jogar estes detergentes de limpeza em cima das comidas e, com isso, o sol queimar até ficarem totalmente ressequidas e assim não utilizar a saída de simplesmente oferecer aos tubarões os restos alimentares.

Chamou-se o cozinheiro e foi dada a ordem de que se tal alimento estivesse impróprio para o consumo, deveria logo descartá-lo. Desta maneira, o comandante orientou também que os homens de bordo retirassem todo o lixo da embarcação e fizessem uma limpeza com bastante água, evitando a contaminação e a propagação de doenças. Diogo Álvares tinha certeza de que certas doenças de pele e dos ossos eram provocadas pelo contato de substâncias trazidas dos corpos dos tripulantes, e, para isto, deixou os negros em situação de quarentena à espera de que algum mal maior aparecesse. O comandante também determinou que logo que pudessem levantariam âncora para finalmente chegar ao destino proposto.

— Larguem os ferros, suspendam a âncora. — Gritou o comandante.

E, na manhã seguinte, a nau Aragosa e a tripulação partem em direção ao continente sul-americano. Passaram-se mais cinco dias e avistaram o litoral belo do Brasil. Gritavam eufóricos de alegria ao ver tão linda paisagem de longe. Havia coqueirais, sol e um vento constante e agradável.

A tripulação não cansava de ver aquela costa.

— Seis graus a estibordo! — Gritava o comandante. — E tragam mais água, estamos com muito sol e o calor é grande.

Mais cinquenta minutos e estavam atravessando uma entrada de mar dirigindo-se a uma água mais calma. Podia-se ver em determinados pontos a profundidade do local.

— Lancem a âncora o mais próximo possível. — Ordenou o comandante.

— Não deixem os mais novos partirem em direção à praia. O melhor é procurarmos nativos para que possamos trocar o ouro deles com materiais os mais simples possíveis.

Assim se trocou um carregamento de ouro por uns pares de sapatos velhos, e aí Rubenito começou a entender a manobra.

— Tragam mais sal, estes nativos não conhecem comida salgada. — Falou Diogo Álvares.

Cerca de trezentos quilos de sal e açúcar foram negociados com aqueles nativos. Não entendiam a língua da tripulação, mas sabiam o valor que tinham certos objetos, como pente, escova e sapatos.

— Ah! Os sapatos! — Exclamou Rubenito. Este objeto era o que mais atraía os locais, diziam que faziam qualquer negócio para obtê-lo.

Certa manhã, por curiosidade, Rubenito pediu para ir ao encontro dos locais com a ideia que quanto menos homens descessem nos botes para a terra, menos chances teriam de ser hostilizados e teriam a certeza de que voltariam à Espanha tão logo os porões estivessem cheios de materiais para os reis de Castela.

Doravante chamada de Arreios, este local logo fora aclamado

como propriedade espanhola sem a assertiva de Diogo Álvares. O cartógrafo desenhou o litoral local e disse que em breves minutos deixaria a imaginação desenhar uma futura cidade. Mas as ordens de Diogo Álvares eram para descer o máximo que pudessem pelas costas brasileiras até chegarem em um ponto ainda não explorado.

E assim fora feito. Após escoltar os soldados em direção a terra, Diogo Álvares reuniu os demais comandantes para propor o final da expedição ao extremo sul do Atlântico. O plano era navegar o mais próximo do litoral e chegar a um ponto nunca ainda navegado. Tinham receio porque outras embarcações tentaram, mas até aquele momento não haviam regressado. Justo agora que já estavam se acostumando com aquela vida de tranquilidade, é chegado o momento de partir do litoral baiano em direção à tão sonhada “Cidade dos desejos”. Este conto veio à tona quando navegavam estre a costa africana e o atol; disseram que esta praia era repleta de seres diferentes deles, como enormes sereias e belas mulheres a encantar todos os marinheiros que por ali passavam.

A viagem continua

Durante o início da expedição ao Atlântico Sul, Diogo Álvares recebera instruções firmes dos reis de Castela sobre a necessidade de exploração do solo brasileiro e as descobertas de novas terras porque é meio vital de o governo espanhol sobreviver. Assim era o pensamento do monarca espanhol. Seguindo estas ordens, o comandante da expedição e toda a tripulação alertaram que a continuidade da viagem era de suma importância e que novos ares seriam necessários pelo bem do reino de Castela. As embarcações partiram próximo da costa, navegando a meio nó, fitando toda a beleza da costa brasileira. Ao meio-dia, já se encontravam em alto mar com as ondas a açoitar o costado do navio. Logo vieram as intempéries da agitação do mar, como náuseas e dor de cabeça. Rubenito ficou várias horas deitado no convés do navio esperando que melhorasse a indisposição. Era sempre assim, a cada começo de viagem, muito mal-estar, e assim foi-se navegando pelo resto do dia.

Aramin apareceu próximo ao convés assustado, dizendo que sua companheira despertara de um mau sono e com pressentimentos de destruição de tudo e de todos. Foi isto que interpretaram com aquela linguagem diferente da nossa, mas que os gestos se faziam entender. Duramin era da tribo africana que mais deuses tinha e suas devoções eram fortes. Isto não assustava a tripulação, pelo contrário, dava forças para continuar com a viagem. Duramin, novamente com gestos e berros, atrai a atenção da tripulação que imediatamente pedem que o padre a acalme. A escrava tinha marcas no corpo de desenhos de seres estranhos para a cultura europeia. Diziam que a dupla vinha de seres devotados ao satã. Logo alguns tripulantes pensaram, com

imaginação fértil, que seriam seres do além e outras fantasias. Tudo passava muito rápido e de repente eles uma boa parte da costa daquele lugar. Atingiram outro arquipélago próximo da costa, mas nada foi decidido para explorá-lo. O sol era cada vez mais escaldante e nos fazia tremer de frio durante a noite. A pele ficava vermelha em brasa, não éramos acostumados com o clima quente da região. Logo atingiram um lugar que não havia sido demarcado pelo último cartógrafo. Era a formação de três pequenas ilhas, sendo uma maior que foi apelidada de Ilha Grande, outra Dos Prazeres, Das Alegrias, Dos Derradeiros.

— Sr. Diogo, o que faremos daqui por diante? — Perguntou o Sr. Smith.

— Nada, Smith, deixaremos nossas embarcações seguirem os rumos que os ventos assopram porque eles nos levam mais ao sul, o que desejamos com certeza.

— Muito bem, senhor, estou convosco em todas as situações, até os momentos finais que uma batalha exige.

Durante vários dias, os navegantes continuavam a apreciar as belezas daquele litoral. Em determinado ponto da costa foi autorizado que um pequeno grupo descesse em uma praia deserta para localizar uma fonte de água doce e assim encher os barris já vazios. Teríamos água fresca novamente, disse o timoneiro.

— Logo vamos partir daqui. — Observou Diogo Álvares.

— Tragam para bordo todos os barris dispersos em terras! — Gritou o Sr. Smith.

Rubenito apaixonou-se pela região; viu flores incríveis com cores variadas que encantaram seus olhos. Percebeu que quanto mais andava, mais achava que aquele mundo era dotado de belas paisagens. Pediu que o Sr. Diogo Álvares esperasse mais tempo para que pudessem delimitar terras e arrumar mais madeira de árvores que continham em seu caule uma espécie de leite grosso que fluía com determinada abundância. Logo percebemos que índios avistados de longe usavam o pigmento do caule da árvore para passarem nos seus corpos nus.

— Que espécie de árvores são estas? — Perguntou o Sr. Smith,

quando o grupo retornou à embarcação.

— Não sabemos, senhor, só vimos os índios pintados no rosto de vermelho e marrom. Acho que é algum produto facilmente encontrado aqui.

— Chame o padre! — Pediu Diogo.

— Certamente, senhor, irei chamar. — Respondeu um marinheiro.

— Diga, padre, o que o senhor acha desta árvore que solta um líquido com cor?

— Acho que devemos levá-la para dar um fim justo, para quem mexa com pinturas de pele.

— Encostem esta árvore em mim! — Gritou um marinheiro doente.

Após súplicas, o material para avaliação passou a fazer parte da tripulação, que tirava o líquido da árvore para passar no corpo e rosto, a exemplo dos homens que habitavam as terras brasileiras. Diogo Álvares, impaciente, aceitou a opinião dos marinheiros que queriam parar para ouvir algumas prosas.

Novas terras

Todo aquele carregamento de madeira era para ser analisado pelos estudiosos da Europa com a finalidade de saber a viabilidade econômica daqueles materiais. O que a tripulação não contava era que aqueles presságios da escrava Duramin, tornariam-se realidade à medida que a tripulação do Aragoosa avançava em direção aos mares do sul.

Duramin era uma comunicante direta com o mundo dos espíritos, que a acompanhavam desde a infância. Na realidade, ela fora preparada nas zonas espirituais para exercer um mandato de intercomunicações entre os espíritos e os homens de boa vontade, ou seja, que além do respeito com as religiões alheias, são aqueles que tendem a alavancar a humanidade em seus destinos construtivos. E a pequena e pobre Duramin, seria um elo nestas comunicações. Diogo Álvares aceitou aquela missão partindo do solo espanhol, ele já homem do mar, experiente, não tinha tanta necessidade de abandonar sua família para mais uma expedição sem retorno previsto, uma aventura sem nexos para eles.

Bem, senhores, aqui começa a verdadeira história da comitiva do Aragoosa que, por muitos anos, fora dada como perdida pelas autoridades espanholas e somente após vários anos é que um marinheiro sobrevivente, Rubenito, conseguiu atingir as costas espanholas em outro barco para dar notícias do grupo que nunca mais retornara.

Diogo Álvares atribui as seguintes ordens:

— Levantar âncora, largar as espias e soltar as velas para que a nau estabeleça seu rumo em direção a áreas nunca navegadas.

Toda a tripulação, a postos, recorre ao padre para, em oração conjunta, pedir a proteção de Deus e continuar a missão em

segurança. Quanto aos índios avistados, nada fora feito para contatá-los, pois o objetivo tinha que ser cumprido: chegar ao extremo sul do continente, trazer notícias de novas terras e retornar mais rico para seus lares.

— Atenção navegador, virar para o sul, 5.º a boreste e depois dois graus a bombordo.

— Sim, senhor. — Respondeu o timoneiro.

As técnicas de navegação da época trouxeram segurança. A escola portuguesa, implementada pelo infante Dom Henrique, agrupou vários navegadores em técnicas comuns, o que trouxe para as colônias portuguesas um grande número de colonos à procura de terras e riqueza. Para os reis de Portugal seria uma satisfação enorme ver o pequeno país expandir sua cultura e seu império além-mar.

— Joguem os restos de areia que trouxemos para o lastro, pela borda. Já temos peso suficiente com toda esta madeira, senão daqui a pouco nossas embarcações não conseguirão mover-se ao seu curso. — Ordenou o capitão.

— Tudo bem, senhor, largaremos os sacos de areia próximo às calhas de rio a nossa frente.

Estavam, na realidade, na desembocadura de largo rio que, demarcado no mapa, já havia sido explorado por outro navegador alguns anos antes; parecia de largo alcance, mas o objetivo deveria ser cumprido, navegar com toda a frota para o sul. Águas turbulentas e desconhecidas passaram ao longo do rio e retiraram todo o excesso de peso, sendo tudo seguido pelas outras naus.

Durante aquela noite, ouviu-se um comentário de Duramin aos tripulantes “Não deixarão estas terras”, falou ela com gestos e modos que aqueles homens puderam compreender. Duramin era escura, com dentes claros, pouca cultura, e não gostava de ver seu parceiro Aramim carregar peso e sendo maltratado. Ela logo avançava em cima de marinheiros grossos. Gritava e resmungava. Como ninguém entendia seus gestos até riam dela. Vendo aquela situação, Rubenito resolveu tentar entender a linguagem da tribo africana. Ele passou a associar seus gestos as palavras que dizia e

em pouco tempo começou a analisar frases e conjunções de pensamentos. A linguagem era pobre de gestos, mas eficiente em transmitir os significados. O Sr. Smith o falou:

— Aprende esta língua, jovem, e terás um lugar próximo do comandante, pois ele verá o quanto és necessário na missão.

— Terra à vista! — Gritou o vigia do alto da torre de visualização.

Estavam novamente bem próximos do litoral e de repente bateram em um grupo de arrecifes. Eram muito grandes em extensão e causaram pequenos danos a estrutura da embarcação. Deixaram os remendos de lado e foram avistar aquelas terras que mal apareciam nos mapas.

O encalhe

O Aragosa era um navio de boa envergadura, tinha nove metros de comprimento e cinco de altura, com duas velas de bojo anterior e posterior, o que fazia com que o vento entrasse entre elas e desse uma sensação de canalículo para o vento, fazendo com que empurrasse a nau à velocidade de vinte e cinco nós em direção reta, uma verdadeira embarcação veloz. Turbulentos ventos sopraram em direção aos demais navios fazendo com que se distanciassem para longe da costa brasileira. Eis o motivo pelo qual o Aragosa encalhou na costa do Sul do Brasil, nos arrecifes do arroio, e as demais naus se afastaram seguindo um curso para mais ao sul. Diogo Álvares ordena:

— Tragam as espias e amarrem na roda de arranque, faremos com que nossos botes puxem a nau para fora destes arrecifes.

Não funcionou, o barco estava pesado com toda aquela madeira.

— Tragam os botes de volta e esperemos a maré acalmar por deixarmos o cortado à mostra. Faremos um peso contrário com o máximo de pessoas no costado oposto.

Isto fez com que a nau quase emborcasse de vez, sem sucesso. Anoiteceu e o comandante decide encerrar as manobras. Muito aborrecido, chamou o senhor Smith ao seu camarote:

— Onde estamos, afinal, senhor oficial?

— Próximos ao sul do continente, estas costas já foram demarcadas, mas não temos precisão nos mapas.

— Eu sei, da última vez que estive próximo daqui valorosos marinheiros esquadriharam toda a área. E os danos?

— Estamos a concluir um rasgo de cinco metros na proa em direção à popa que inundou o primeiro porão, mas já estamos a esgotá-lo. — Respondeu Smith.

— Muito bem, pela manhã bem cedo, assim que a maré atingir seu pico, teremos a chance de fazer a manobra de contrabordo com o máximo de carga e colocar dois botes com quatro homens a remar sincronizados em direção ao alto-mar. Assim teremos impulso suficiente para nos tirar desta situação.

— E se não der certo, Capitão?

— Se acontecer o contrário, só nos resta deixar a nau e partir para terra firme, a fim de salvar-nos e deixar o tempo correr até um possível resgate.

— E nossas naus irmãs? Será que não virão à nossa procura?

— Creio que não, temos ordens de, se não for possível ir atrás de uma embarcação perdida, seguir assim mesmo, e pelo visto o grupo partiu mais para o sul sem nos ver. O jeito é fazermos fogueira, o dia todo, para chamar atenção.

— Sim, senhor, partiremos amanhã de encontro aos nossos companheiros, apesar de, a esta altura, já estarmos bem longe daqui.

— Tragam esta negra Duramin!

— Sim, trarei com a ajuda do marinheiro Rubenito, que já entende melhor a linguagem deles.

Neste ínterim, fora dada a seguinte ordem:

— Joguem ao mar todos os pertences inservíveis, menos as madeiras, que têm um bom preço no mercado europeu. — Determinou o contramestre.

Foi jogada grande quantidade de rum, boias de sinalização, e alguns objetos pessoais, como baús de roupas, ficando somente o mínimo necessário.

Duramin e Rubenito foram levados a Diogo Álvares.

— Pergunte a ela o que sabe deste lugar.

— Senhor, ela não nos entende deste modo. — Respondeu Rubenito.

— Então pergunte como você sabe pra ela entender, com um misto de gesto, oração e algumas palavras.

Duramin foi arguida a respeito desta situação. E deveria perguntar aos seus deuses e guias o que fazer dali pra frente.

Diogo Álvares, apesar de católico com devoção a Roma, nada

mais podia fazer através de suas orações.

O reparo da nau

Rubenito perguntou de forma grosseira a Duramin:

— O que achas que vai nos acontecer?

— Teremos dificuldades e o barco se partirá em dois; uma parte ficará à deriva até afundar, a outra ficará presa aqui até apodrecer. — Respondeu Duramin.

— O que ela diz, marinheiro informante? — Perguntou, nervoso, Diogo.

— Bem, senhor, ela diz que afundaremos aqui.

— Saiam daqui! Ela não sabe de nada! — Gritou o comandante. Rapidamente os dois saíram para fora do convívio do capitão.

— Ora, como pode uma escrava dizer que o meu navio será destruído? — Falou baixo Diogo. E, mudando de opinião:

— Tragam de volta este marinheiro!

— Sim, senhor, estou aqui, e o que deseja para mim é uma ordem. — Falou Rubenito.

— Diga para esta escrava que não acredito nela e se algo acontecer ao meu barco, ela será a primeira a ir a pique junto com tudo.

— Sim, senhor, avisarei a ela.

— E tem mais! Toda a tripulação ficará sabendo o quanto ela mente, só para nos assustar e confundir. Tragam o companheiro dela.

Trouxeram Aramin.

— Diga a ele que durante todos os dias, a partir de hoje, ele não terá mais contato com ela, que só traz mau agouro para nós.

— Sim, senhor.

E com gestos e palavras soltas, Rubenito transmite o recado. Foi o suficiente para Aramin cair num choro compulsivo e ficar sem sua amada. Duas horas se passaram e um silêncio atingiu o

barco; nas cobertas se falava em voz baixa tudo o que aconteceu no encontro do comandante com a escrava e ninguém conseguia dormir.

— Rubenito, você acha que partiremos amanhã ou ficaremos encalhados? — Perguntou um tripulante.

— Acho que é melhor nos prepararmos para tudo. Não sei se sobreviveremos a este encalhe.

— Vamos rezar. — Disse o padre: “Deus Pai Criador, sabemos que a Tua verdade é maior que todos os nossos pedidos; venho rogar a Ti que nos leve para o melhor lugar possível, que nossas preces sejam ouvidas pelo Senhor Deus Criador e que todos nós nos salvemos deste encalhe.”

O padre se ajoelha e faz um ritual de despedida muito triste, pois o “pastor de almas” esperava o pior.

Pela manhã cedo ouve-se o badalo do sino do convés; três badaladas significavam atenção máxima para alguma situação. Após servir um pequeno almoço pela manhã, o primeiro grupo desceu ao bote para se posicionar e logo o segundo grupo fez o mesmo.

— Tragam a escrava Duramin! — Gritou o comandante. — Talvez ela mude de ideia quando ver nossos esforços de sair daqui.

Logo a trouxeram junto com Rubenito.

— Diga a ela que somos mais fortes que qualquer profecia, principalmente os avisos dela.

— Sim, senhor, direi imediatamente.

— Soltem as amarras, velas à meia!

Nisto, o navio elevou o bico e todos sentiram o barco estremecer.

— Remem para frente! — Ordenou o senhor Smith. E passaram a sentir uma vibração a arrastar o fundo da embarcação.

— Tragam mais homens para ajudar a puxar as cordas dos botes.

— Sim, senhor. — Falou Smith. — Tragam o resto do pessoal.

Vieram mais uns doze homens. Toda a tripulação estava envolvida neste trabalho.

— Força! — Gritava Diogo. E, de repente ouviram um grito e muitos sussurros.

— Comandante, quebrou uma parte da embarcação.

— Mas como? Mal estamos a forçar a saída da nau.

— Informações dos porões dizem que mais madeiras do costado foram arrancadas e um grande volume de água entra por nossos porões.

— Largar as velas! Desçam todos para conter o alagamento.

E toda a tripulação desce imediatamente.

— Dê-me mais tábuas! — Gritava o contramestre.

— Aqui está. — Falou o marinheiro.

— Diga ao comandante que em mais algumas horas devemos abandonar o navio se continuar assim.

— Rápido, desçam estes bujões de madeira para ajudar na contenção. — Ordenou o senhor Smith.

Estavam indiferentes às nuvens escuras que se aproximavam da embarcação.

— Tempestade à vista! — Gritou o vigia.

— Levem o resto do material para os botes, provavelmente não aguentaremos estes infortúnios.

— Tragam a escrava Duramin! — Gritou Álvares.

Ela veio escoltada por dois marinheiros.

— O que está acontecendo? — Perguntou o comandante à escrava.

— Este barco não aguentará a força do destino. — Respondeu através de Rubenito.

— Pois bem, pergunta a ela se algo podemos fazer para evitar o desastre.

— Sim. — Disse ela. Que trouxessem toda a madeira recolhida e uma parte fosse usada para escorar os pontos fracos do navio e a outra, jogada ao mar.

— Nunca! — Gritou Álvares. — Elas nos pertencem, é o nosso tesouro.

Perante aquela situação calamitosa, o padre se ajoelha e implora para que o comandante realizasse o que ela sugeria, pois nada tinham a perder. E foi dada a ordem para reparar os danos

com a madeira recolhida.

O desencalhe

Durante as manobras para livrar o Aragosa do encalhe, tudo valia para sair daquela situação; as toras de madeira foram usadas como uma espécie de anteparo para proteger as paredes do navio contra um rompimento precoce.

— Tragam mais reforços e peguem neste anteparo! — Gritava o senhor Smith.

— Já temos o suficiente, mas o primeiro porão ainda sofre com o alagamento. — Respondeu o contramestre.

— Não deixe de olhar o rumo em que o vento se encontra. Quanto mais os botes puxarem a nau, mais chances teremos de sair daqui.

Em um momento o Aragosa se desprende dos arrecifes e começa a flutuar livremente em direção oposta. Foi um grito geral na embarcação.

— Saímos! — Gritou Diogo Álvares, com muita euforia.

— Tragam os botes de volta, já temos condições de navegar a uma praia próxima.

— Deixem-me ver os mapas. Sim, aqui temos uma enseada. Mais algumas horas atingiremos esta baía e ficaremos o tempo mínimo para os devidos reparos.

— Senhor Smith, rumo boreste 4,3°. Larguem meia vela!

— Sim, capitão, às suas ordens. — Respondeu o primeiro oficial.

— Tragam a escrava até meu camarote.

Após alguns momentos, Duramin e Rubenito foram aos aposentos do comandante.

— Quero saber quem és? Como pudeste prever isto? — Perguntou Diogo.

— Não faço nada demais, apenas sigo o que eles me dizem. — Responde a escrava com a ajuda de Rubenito.

— Mentas ao dizer que não sabes nada sobre nossa derrota?

— Não sei o que o senhor fala. — Respondeu Duramin.

— Não tens noção da nossa missão nesta banda de terra?

— Não, senhor.

— Então pergunta a eles onde encontraremos nossos tesouros e novas terras.

— No seu coração. — Respondeu a escrava.

Isto confundiu o comandante que, perplexo com a resposta, sorri e diz:

— Então queres brincar de filosofar.

— Não sei o que o senhor diz. — Respondeu a escrava. — Só estou recebendo as ideias que essas pessoas me dizem, que não teremos sucesso no nosso retorno.

— Está bem, por hoje chega. Amanhã, voltaremos a conversar.

Diogo ficou pensativo com tudo aquilo, mas era certo que a sugestão de Duramin surtiu efeito e certamente ajudou o desengancho da embarcação. A noite se aproximava quando finalmente a nau chegou à enseada proposta como abrigo.

— Deixem um vigia fora da embarcação para o caso de algum habitante vir nos importunar. — Ordenou Diogo Álvares.

— Sim, comandante, deixarei o marinheiro Rubenito a postos durante a metade da noite, e outro marinheiro até o amanhecer.

— Está bem, joguem luzes no costado, vamos ver quais os danos que o navio sofreu e o que será necessário para repará-lo.

O comandante queria um relato mais breve possível.

— Sim, capitão, começaremos imediatamente os reparos. — Respondeu Smith.

Algumas horas depois, tarde da noite, Aramin sentiu a necessidade de ar puro e pediu para ir ao convés do navio conversar com Rubenito.

— O que fazes aqui? — Perguntou o marinheiro. — Deverias estar com Duramin para apoiá-la.

— Só vim respirar um ar puro, e como estou aqui com você, quero lhe dizer que nossa irmã está em transe. Dorme, mas vê coisas que nós não podemos ver ou entender.

— Não entendo como isto acontece. Só sei que se não fosse por

ela, talvez ainda estivéssemos encrencados.

— Em duas luas, ela vai nos dizer como poderemos sair daqui e voltar para nossas terras, assim ela me falou.

— Está bem, Aramin, não fale a ninguém, sei que poucos te entendem.

Após aquela conversa, o escravo volta para sua coberta e fica observando sua parceira.

— Duramin, minha amada, sei que estamos presos nesse navio, mas peço que seus deuses nos protejam.

— Aramin, chega de dizer coisas ruins, podemos, sim, ficar próximos um do outro e esperar o momento para fugir, mas sei que o nosso destino é outro. Em poucos dias sairemos deste lugar e alcançaremos terras nunca vistas por estes homens, pois o encantamento deles jamais os permitirá regressar.

O amanhecer veio com um lindo cenário à frente da embarcação, podia-se ver o a bela paisagem na encosta e vários pássaros voavam em bandos alegres. Uma variedade de sons confundia os ouvidos dos tripulantes. Eles achavam que uma grande quantidade de animais os esperava. Ao longe, avistavam macacos e preguiças, e o espetáculo se compilava com as árvores frondosas que circulavam em toda extensão do litoral. As belezas encantaram todos e logo surgiu a ideia de deixar o barco para visitar aquela terra.

Os reparos

— Senhor Smith, forme um grupo de investigação de terra, e mande, em um bote, averiguar as condições que este lugar pode oferecer para nós. — Ordenou Diogo Álvares.

— Sim, comandante, reunirei meia dúzia de marinheiros e, assim que pudermos, iremos ver o que estas terras oferecem.

Após algumas horas, formou-se um grupo que iria investigar e, entre eles, curiosamente, estava o escravo Aramin.

— Diga aos seus homens que retornem antes do anoitecer e mesmo que o tempo não reúna condições favoráveis, voltem imediatamente.

O bote se afasta do navio.

— Remem, e não olhem para trás! — Gritava o chefe da embarcação.

— Senhor Smith, o que procuramos nestas terras? — Perguntou Rubenito.

— Vamos atrás de comida e bebida; no nosso caso, de água fresca.

— Mas nossos potes ainda estão cheios e pouco podemos aproveitar dos tonéis que ficaram porque a maioria foi jogada ao mar.

— Faremos novos tonéis, arrumaremos madeira suficiente para levar a bordo. Temos um bom carpinteiro que concretizará o projeto.

— E esses animais que avistamos de longe? — Perguntou o marinheiro.

— Não tenhas medo, nossas armas são poderosas e não temos outra alternativa para sair daqui.

Logo que chegaram a terra, ouviram um som característico de macacos, o que causou certa desconfiança entre os marinheiros.

— Não temam! São só macacos que dispersam ao ouvir nossa chegada. — Disse o senhor Smith.

— E este ranger de onça?

— Não acredito que tenham animais selvagens nessas bandas.

— Capitão, veja, é um grupo de orangotangos.

— Não, são pequenos gorilas.

Todas aquelas citações confundiam a tripulação porque a variedade de espécies era grande e a maioria não sabia dizer que animais eram aqueles.

— Tragam papel, desenharei estas terras e sua vida selvagem. — Ordenou o marinheiro Rubenito.

Outros companheiros cederam o material a Rubenito que, além da prática de marinharia, tinha como passatempo o desenho e as artes. Dizia-se um bom cartunista e fazia um rosto com perfeição impressionando todos que o vissem desenhar. Logo veio o material e ele começou a traçar os desenhos das paisagens locais.

— Rubenito, retorne ao navio junto com dois marinheiros. Peça que mandem material suficiente para retirarmos árvores frondosas.

— Sim, senhor. — Respondeu Rubenito.

— Digam que estas terras são habitadas por índios selvagens.

— Não podemos afirmar isto, eles ainda não apareceram.

— Senhor Smith! Corra rápido! Tenho que mostrar minha descoberta. — Gritou um marinheiro.

— Pois não, o que achaste?

— Encontrei um manancial de água cristalina.

Todos pularam alegres com a descoberta.

— Não passaremos sede. — Falou Smith.

— Temos água suficiente para mais dez dias de navegação. — Confirmou outro marinheiro.

— Vamos nos apressar para fazer novos tonéis.

— Tragam a talha e pedirei para o artesão confeccionar novos tonéis de água.

Após muito tentar derrubar as árvores, Diogo Álvares ordena o retorno imediato do grupo. Rubenito voltou para a terra com o recado que foi dado ao primeiro piloto:

— Voltemos para o bote e nos preparemos para explorar este solo amanhã.

O senhor Smith sabia o que fazer para recolher a maior quantidade de alimentos e água visando à longa viagem. Ao chegarem ao navio, traziam alguns animais abatidos de espécies desconhecidas. O padre, muito estudioso, observa as pessoas que retornaram de terra e questiona:

— Trouxeram algum índio?

— Não, senhor. Se esse já foi difícil de trazer, que era parecido com alguém, um tipo de orangotango de baixa idade e impossível observar toda a altura, pois se movimentava com as pernas fletidas.

— Tragam este primata! — Ordenou Diogo Álvares.

A captura daquele macaco não foi fácil, mas com perseverança conseguiram trazer o primata às custas de um sonífero que traziam do navio. Eis o motivo de Rubenito ter retornado à nau: para arrumar a poção que fazia os homens relaxarem.

— Só desço se esse animal for preso em algum compartimento no navio. — Falou Rubenito.

No início da noite, todos estavam a bordo exceto um marinheiro que foi escalado para esvaziar o bote, que transbordava de água.

— O que faremos amanhã? — Perguntou o senhor Smith.

— Levaremos mais alguns dias para finalizar o conserto do Aragosa. — Respondeu Diogo Álvares. — Determino que voltes a terra, leve este orangotango de volta e faça um mapeamento da área pensando em como vamos extrair vegetais para nossa dieta. Os marinheiros já não conseguem mais comer peixes capturados na enseada.

Várias manhãs se passaram e o Aragosa ainda não conseguia reunir condições de navegação. Rubenito ficou preocupado de não sair mais dali.

Novas ordens

Rubenito se surpreendeu com as indicações que aquela nau não reuniria condições favoráveis para navegação por vários meses, isto porque, apesar de pequena, necessitava de um reparo mais urgente na estrutura do fundo, pois ela poderia emborcar só com um vento de boreste mais intenso. Isso era o que Diogo Álvares suspeitava.

Com todas estas dificuldades, o comandante reuniu a tripulação e formalizou o comentário a respeito do reparo:

— Muito bem, tripulação, frente a tal dificuldade, na minha concepção de marinheiro antigo, esta nau não reúne condições de navegação até encontrarmos uma solução de balanceamento. Portanto, fiquem conscientes de que tão logo possamos, partiremos em segurança para a Europa.

— Mas, senhor, como ficaremos? Não será melhor desembarcarmos e armar nossas tendas em terra firme? — Perguntou um marinheiro.

— Pois bem, de hoje em diante formaremos um grupo de pesquisa para saber se estas terras terão condições de nos abrigar. As tendas não podem abrigar muitos de nós, portanto, haverá necessidade de construirmos pequenos alojamentos em terra e isso demandará tempo. Sabemos que a terra tem muitos animais e plantas necessários à alimentação, devendo todos ajudar no conserto da embarcação e também na construção de uma pequena vila. Senhor Smith, à ordem.

— Pois não, capitão.

— Diga aos homens que poderão baixar a terra, em grupos, sempre que for necessária uma intervenção local.

— Sim, capitão, algo mais?

— Sim, levem armas e só utilizem em caso de extrema

necessidade para caça ou defesa. Arme nas árvores mais altas um posto de observação. Quero que os homens avistem qualquer perigo de longe.

— Sim, capitão.

E com estas ordens, Diogo Álvares se retira para o seu camarote a fim de pensar o que fazer para consertar o barco.

— Nunca imaginei que ficaria preso nesta terra. — Resmungou Smith, que tinha dois filhos lindos, era bem casado e amava a esposa.

O Aragosa não reunia condições de navegação e os homens desanimavam. Queriam mais bebidas para esquecer os fatos, mas o comandante ordenou não servir mais álcool para a tripulação.

— Tragam o jarro de vinho e não esqueçam que essa bebida é só para acompanhar uma refeição ou outra. — Pediu o capitão.

— Sim, capitão. — Respondeu seu guarniceiro.

— Lavem os pratos com a água do manancial da terra e me digam como poderemos fazer para iniciar uma exploração nos próximos dias.

Metade da tripulação estava dedicada ao conserto do barco e a outra fazia de tudo; havia cozinheiros, copeiros, armazeneiros e os ditos exploradores da terra.

— Senhor Smith, pensei muito ontem de noite e cheguei à conclusão que poderemos reunir cinco homens e mandá-los em expedição ao norte para fazer uma avaliação destas terras, e, de repente, encontraremos material suficiente para nos tornarmos ricos. Nossos parentes anseiam pelo nosso retorno com materiais suficientes que tragam riquezas. — Falou o capitão.

— Devemos partir amanhã? — Perguntou Smith.

— Assim que puderes. Leva o negro Aramin e deixa a escrava no convés para que possa ser vigiada e não fugir.

O senhor Smith não entendeu direito aquelas ordens, visto que Aramin era muito utilizado para carregar coisas para dentro e fora do barco, além de que, ele não seria necessário na exploração da terra. Só que o comandante queria que Duramin participasse da construção do novo Aragosa com sugestões e ideias a respeito do processo de equilíbrio da embarcação.

— Tragam Duramin! — Ordenou Álvares.

— Pois o que o senhor deseja? — Perguntou a escrava, com o apoio de Rubenito.

— Quero que digas a ela que quanto mais nos ajudar com suas observações, dadas por seus guias, mais será recompensada com sal e comida. Inclusive para seu companheiro Aramin.

— Sim, senhor. — Falou Rubenito.

Novamente com gestos e palavras na linguagem mambebe foi transmitida a proposta. Duramin arregala os olhos e com poucas palavras diz:

— Não posso.

— Como não pode? — Perguntou Diogo.

— Porque não posso mudar o destino dessa embarcação. — Respondeu Duramin.

— Diga a ela que a cada passo de ajuda, mais daremos a ela.

Rubenito repete a oferta.

— Não posso, os deuses disseram que ficaremos aqui.

— Pergunte a ela se é necessário fundar uma vila.

E ela responde:

— Vários dias de caminhada terra a dentro e encontrarás um lugar de recanto que chamarás de Catarina, Vila de Catarina. A partir daí, poderás criar uma nova cidade.

Ouvindo isso, o capitão ficou alarmado com toda aquela informação.

— E os índios? — Perguntou Diogo.

— Se não maltratares, eles os ajudarão a formar a nova vila, vila da esperança.

Primeiro contato

Rubenito permanece na cabine do comandante enquanto Duramin volta para seu alojamento.

— Marinheiro, o que achas dessa cigana?

— Não sei, senhor, acho que ela fala a verdade. Só sei que em seus sonhos é capaz de prever coisas futuras.

— Como sabes? Por acaso profetizou alguma coisa que deu certo?

— Não sei, senhor, mas digo que seu companheiro Aramin fala que ela é capaz de fazer previsões certeiras.

— Como posso acreditar nisso? Só porque estamos nessa situação de desespero?

— Não entendi, senhor.

— Nada, Rubenito, recolhe-te aos teus aposentos e não fala a ninguém que estiveste aqui, nesta noite. Não quero que gerem boatos.

— Sim, capitão, nada direi deste encontro.

Rubenito se retira e vai direto falar com Duramin, estando Ruberval por perto.

— Diz o que realmente sabes. — Falou Rubenito.

— Não fale para ninguém. Estas terras têm grande potencial de crescimento. Aqui tem riquezas nunca vistas.

— Como podes saber?

— Meus guias me disseram e é por isso que essa tripulação não voltará para seu porto de partida.

Rubenito, pensativo, olha para o lado e vê uma pequena lanterna com um bico de luz e, ao fundo, Ruberval com os olhos entreabertos.

— Rubenito, venha cá. — Pediu Ruberval.

— Ouvi o que ela disse e, se for verdade, poderemos ficar ricos.

— Não conte com isso. — Replicou Rubenito. — O comandante quer que todos voltemos ao nosso país.

— Mas se a riqueza está aqui, o que faremos lá? Poderemos ficar e construir nossas casas.

— Não sejas tolo, essas terras não têm nada, deveremos trabalhar muito se quisermos ficar. Estamos aqui só para avaliar as terras e não para ficar nelas.

— Ora Rubenito, não fales assim, se pudermos sair daqui ricos, sairemos.

Enquanto isso, a nau aderna a estibordo com ação de ventos laterais.

— Ademais não temos condições de navegação e esta negra não pode nos ajudar. — Falou Ruberval.

— Deite, Ruberval, e veremos o que o grupo que foi ver as terras dirá quando voltar.

A noite passou entre ruídos de ventos e chuva que logo chegaram à enseada transformando em silêncio os sons vindos da terra.

Ao amanhecer, outro grupo de três marinheiros toma a direção da praia a fim de arrecadar algumas frutas para alimentação. Foi quando surgiu, em contínua carreira, o senhor Smith e três de seus homens.

— Corram! Estamos sendo perseguidos por selvagens.

Todos adentraram o bote e perguntaram:

— Onde está o marinheiro Ricardo?

— Não sabemos, ele se perdeu do nosso grupo, estamos há várias horas procurando uma saída e chegamos à praia.

— Voltem todos para o navio! — Ordenou Smith.

— Comandante, parece que todos estão voltando da praia. — Avisou o contramestre.

— Rápido, tragam as armas e apontem o canhão para a praia.

O Aragosa possuía quatro canhões para defesa, eram pequenos e formavam uma artilharia leve.

Após alimentar um canhão de proa com bala e pólvora ouviram-se gritos de selvagens vindos de dentro da selva.

— Atirem! — Ordenou Diogo Álvares.

Foi feito o primeiro disparo com os dois botes retornando próximos ao navio.

— Atirem novamente!

Foram dados mais três tiros, o suficiente para espantar os selvagens.

— Senhor Smith, o que houve com os nossos homens?

— Estávamos à procura de um local ideal para nos instalar quando fomos surpreendidos por índios selvagens que começaram a correr e atirar flechas em nossa direção.

— E o marinheiro Ricardo, o que houve?

— Perdeu-se de nós quando corremos para a praia.

— Senhor Smith, relaxe, vocês estão a salvo. Tragam o contramestre e levem Aramin ao seu leito para que Duramin o veja.

— Sim, senhor. E quanto à nossa expedição em terra, sugiro que façamos uma demonstração de força contra esses selvagens.

— Senhor Smith, vejo que gosta de lutar, mas nossa estratégia será outra. Mais tarde, antes do almoço, nos reuniremos e debateremos o que fazer porque ficaremos nessas terras por algum tempo. Certamente esses selvagens nos avistaram e ficarão nos vigiando. Sugiro que façamos uma missa em terra e que procuremos trazer alguns deles para perto de nós. Só assim poderemos entrar nesse território com segurança. Desta maneira fizemos em algumas vilas africanas. Poderemos construir uma vila e levar toras de madeira para o barco porque perdemos boa parte de nossa carga. Ensinaremos estes selvagens a trazer suas famílias para perto de nós, plantaremos algumas sementes e daremos alguns presentes, isto eles adoram. Vou mandar outro grupo de expedição com esta finalidade.

— Rubenito, venha aqui e traga o escravo Aramin. Quando virem vocês, pensarão: que raças diferentes são essas? Um nobre branco e um negro.

Primeira Missa

— Tragam o padre, imediatamente! — Gritou Diogo Álvares. — E digam a ele que a missa será pela manhã cedo. Desembarcaremos em grupo de vinte e cinco homens, ficando o mínimo a bordo.

Diogo pede ao senhor Smith que fale com o escravo Aramin para compor a expedição de terra e rezará conosco.

— Sim, comandante. — Respondeu o imediato.

— Tragam também o marinheiro Rubenito, responsável por falar com a escrava Duramin. Quero que ele transmita minhas ordens a ela e ao escravo.

— Comandante, ela não fará parte da expedição à terra nova? — Perguntou Smith.

— Desta vez não, ela é carga preciosa. Ademais, se falharmos, poderemos vendê-la em algum local na Europa.

— Está bem senhor, aqui está o padre.

— Como lhe falei anteriormente, somos responsáveis por catequizar índios selvagens e nestas terras têm muitos deles. Outro dia fomos atacados por um grupo e a melhor maneira de domá-los é trocar objetos e, claro, catequizá-los.

O padre olhou o comandante e disse:

— Meu senhor, na sua lógica podemos admitir que faremos um bom trabalho, mas para isso depende da tripulação ser catequizada, doar-se e entender a justiça divina.

— Deixe disso, padre, estou encomendando uma missa na praia e convidaremos os índios que ali vivem.

— Eu sei, comandante, só quero informar que esses selvagens não são fáceis de arregimentar.

— Como sabe senhor Diogo, logo que estas terras foram descobertas, Cabral, em seus relatos, informou que a maioria desses selvagens vive numa sociedade primitiva, mas

organizada, devendo nós fazermos grupos de troca de ensinamentos, estudá-los, ver seus costumes e depois tentar domesticá-los.

— Não temos tempo para esperar tudo isso.

— Sim, comandante, mas é necessário este estudo para podermos catequizá-los.

— Desçam a rampa com o material de troca! — Gritou o senhor Smith a outros subalternos.

— Senhor Smith, já temos o suficiente.

— Então tragam o resto da tripulação para entrar nos botes. — Falou Diogo.

— Homens! Entrem nos botes!

E, aos poucos, os botes foram ficando repletos de viajantes.

— Desçam esta turma no próximo bote! — Gritou Diogo. — O padre vai por último, não o quero afogado antes de chegarmos.

— Está bem, capitão. Larguem a proa! — Ordenou o senhor Smith.

Aos poucos os botes iam, de remada em remada, se afastando do Aragosa e chegando mais próximo da praia.

— Senhor, em pouco tempo chegaremos lá. O que devemos fazer se os índios nos atacarem? — Perguntou Rubenito.

— Deixaremos ver que estamos vindo em paz e não queremos atacá-los. Mas as baionetas estão preparadas se for necessário. — Comentou Smith.

— Chegamos, senhor.

Todos começaram a sair dos botes e foram em direção à praia.

— Desçam primeiro e levem Aramin! — Ordenou o senhor Smith.

Foram montando o altar da primeira missa e trouxeram uma cruz de madeira de tamanho médio confeccionada às pressas no interior do navio.

— Tragam Aramin para ficar próximo do senhor padre.

— Claro, mestre. — Exclamou Rubenito.

Passaram mais de uma hora armando uma tenda, próximo da água, e longe daquele sofrido povo.

— Em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo. Estamos

reunidos com a finalidade de abençoar a nós, em primeiro, e a esta terra que nos acolhe nesses tempos de misericórdia divina.

O padre, com estas palavras, dá início às considerações sobre a sobrevivência de pessoas que desejavam ficar isoladas em um mundo de tédio e dissabor.

— De onde este padre tirou isto? — Perguntou Diogo.

— Chamem-no! — O contramestre falou baixo.

— Padre, o comandante não está entendendo a sua liturgia.

— Claro, ele está acostumado a ficar com suas memórias, comparando as pessoas, não vê que a mudança inicia em nós? Está bem, vou continuar a missa de outra forma.

Segundo os cálculos deles, estavam bem ao sul do continente, e, portanto, deveriam tentar trazer a população de índios ao convívio comunitário.

— Dê um tiro de espingarda! — Gritou Diogo, que fora prontamente atendido.

O padre continuou a sua preleção.

— Sim, senhor, nestas terras não encontrarás riqueza, só se buscares dentro de ti.

— O que é isto, padre? — Reclamou Diogo. — Assim não vai conseguir convencer nem a nós.

Diogo estava muito irritado com a primeira missa em terras brasileiras e o padre não dava sinais de que iria mudar sua liturgia. Teve a ideia de cantar, em coro, a Ave Maria. Foi seguido por toda a tripulação e logo surgiu um grupo de índios a observar aqueles homens.

— Aramin. — Gritou o comandante. — Fique do meu lado, aposto que irão procurá-lo com curiosidade.

Certamente, Diogo Álvares não entendia de índio e seus costumes, mas, de certa forma, aquilo funcionou.

— Diga a eles para virem aqui.

Aos poucos Rubenito tentava se comunicar com os selvagens. Fazia gestos de choro e se ajoelhava para pedir misericórdia, em um ato até cheio de graça, visto que Rubenito achava que eles entenderiam seus gestos.

— Traga a birra! — Uma espécie de fumaça que saía de um

cachimbo cheio de erva cheirosa.

Os índios só observaram e nada fizeram. Rubenito tentou aproximar-se deles, mas saíram correndo e se esconderam na mata.

— Não diga que foi falta de aviso. Devemos primeiro estudá-los.

— Disse o padre.

— Continuem a cantar, foi o que os trouxe até aqui.

A tripulação continuou os cânticos religiosos.

Primeiro contato indígena

Rubenito logo falou para o comandante:

— Senhor, eles foram embora, mas deixaram esses enfeites primitivos que servem como um gesto de boa vontade.

— Você acha, Rubenito?

— Tenho quase certeza. Dê-me aquele pedaço de pente, eu irei na direção deles e deixarei sobre uma árvore caída.

— Está bem, Rubenito, traga os pedaços de pente e um espelho.

Ao colocar os objetos em um saco, Rubenito se afasta do grupo e continua a cantar canções religiosas.

“E Nosso Senhor, que tantos nos amou, que tanto nos amou, amém, amém”, gritavam os homens de Diogo, para serem ouvidos pelos índios.

Logo surgiram dois próximo ao local e Rubenito deixa sobre o tronco caído os objetos de presente. Em um olhar de saudação, os índios se aproximam, olham em volta e com uma lança, começam a examinar o presente.

— Olhem! Parece que Rubenito está falando com eles. — Comentou Ruberval.

— Verdade, parece que estão se entendendo. Aumentem o cântico. — Gritou Diogo.

Os homens cantaram mais alto: “Glória ao Senhor, glória ao Senhor”. E todos não paravam de cantar.

— Padre, vá para junto de Rubenito. — Pediu o comandante.

O pastor desceu de um pequeno monte com a Bíblia debaixo do braço e foi ao encontro do grupo.

Logo Rubenito sorriu e os índios, em uma linguagem estranha, pegaram o espelho e os pentes e saíram correndo.

— Padre, o senhor viu? Parece que gostaram de nós.

— Não sei, Rubenito, acho que eles gostaram dos presentes.

— O senhor tem razão, acho que devemos trazer mais presentes. Talvez comecem a se aproximar de nós.

— Muito bem, Rubenito, vamos voltar e falar com o capitão.

— Senhor Smith, traga mais objetos para troca.

Imediatamente trouxeram mais espelhos. Este objeto foi o que mais chamou a atenção dos índios brasileiros quando as embarcações de Cabral aportaram em Cabrália, na Bahia. Durante a demarcação do local foi possível iniciar o contato com os índios.

— Meu senhor, esta gente não tem roupa, veja como andam sem nada. — Falou Aramin.

— É assim mesmo, Aramin, eles não sabem o que é uma roupa para se vestir, seus costumes são diferentes. Dizem que eles não veem pecado nos outros. — Falou Rubenito.

— Tragam mais água, pois não sairemos daqui sem um contato melhor com estes índios. — Ordenou o senhor Smith.

Algumas horas se passaram, e, finalmente, os visitantes das terras brasileiras decidiram retornar à embarcação e reunir forças para traçar uma estratégia de aproximação definitiva.

O silêncio pairou no início da noite, com toda a tripulação retornando ao Aragosa. Duramin dormia e os homens faziam muito barulho.

— Tragam a escrava Duramin para falar comigo. — Ordenou Diogo Álvares.

Assim o fizeram e levaram Rubenito como intérprete.

— Pergunte a ela se esses deuses sabem dizer como podemos abordar os índios sem corrermos risco de morte.

Rubenito, com gestos e linguagem própria da escrava, faz a pergunta.

Ela sorri e diz:

— Sabemos que gostam de pele de onça. É melhor dar a eles alguns panos, como os lençóis.

— Não havia pensado nisso. — Falou o comandante.

— Amanhã deixaremos alguns lençóis próximo à praia. Vai ver que eles vão adorar esses presentes.

Logo a escrava desce para seu local de dormir e o comandante

chama o senhor Smith para dar as novas ordens.

— Diga ao camareiro que dê essas peças de roupas e alguns lençóis para serem usados como troca aos índios.

— Sim, senhor. — Concordou o imediato.

— Vá e fale para Rubenito que se prepare para amanhã cedo junto com o padre para irem novamente às terras e tentar um contato com os índios.

— Sim, comandante, Rubenito e o pastor estarão próximos à praia, pela manhã, bem cedo.

Foram dormir logo após a pequena ceia e Rubenito passa a sonhar com um homem de barba que vem trazendo uns objetos à sua mão, parecia um crucifixo dourado, que simbolizava a cruz onde morrera o Salvador do mundo. O Homem diz:

—“Meu filho, não é à toa que vieste até aqui. Serás interlocutor entre estes homens da tripulação e os índios que almejam conhecer novas culturas. Eles não entendem que acima deles há pessoas que desejam dominá-los, portanto não faça este povo sofrer. Diga a eles que com muita dedicação e amor poderão aprender as palavras do Cristo. Fale que a intenção dos homens é fazê-los compreender que há algo maior que a divindade deles e que logo poderão desfrutar das delícias do mundo dito civilizado, e não passarão nem fome e nem sede”.

Duramin, ainda acordada, observa o marinheiro Rubenito e vê duas entidades de alto galardão próximas a ele. Compreende que estavam passando informações para aquele espírito semi-liberto do corpo, e pensou:

“Ele vai acordar com outro ânimo, vai sentir alegria no coração”.

Afinal, tudo começou com o Divino Mestre elogiando aquele país, que no futuro seria pátria do evangelho, coração do mundo. Que Deus seja louvado pelas suas obras infinitas.

Os presentes

Rubenito teve um sono agitado; pensou que tivesse visto sua mãe que havia partido do mundo dos vivos quando ele tinha cinco anos de idade. Dizia que seu pai, camponês, também deixara a vida quando Rubenito completou oito anos. Enfim, ele foi criado pela avó paterna que o aconselhou muito. Ele decidiu ingressar na frota oceânica da monarquia espanhola com indicação de seu tio paterno, que conseguiu entrevista com o chefe que selecionava novos marinheiros, inexperientes, mas que seriam adestrados pela Real Escola Naval do Império Espanhol. Seu treinamento com a arte marinheira durou, aproximadamente, seis meses. Rubenito, empolgado com tanta beleza no ofício, se voluntariou logo para enfrentar os mares do sul. Essa é a pequena, mas singela história do nosso herói que inventara tudo isso para encobrir sua verdadeira vida.

— Acorde, Rubenito, estamos prestes a sair e você ainda dorme.

— Oh, meu irmão! — Exclamou Rubenito. — Deixe-me dormir mais um pouco, estou farto de descer às terras e não acontecer nada.

— Mas iremos representar o capitão. — Disse o padre.

— Está bem. Não diga depois que não avisei que essa história de contatar com esses índios não iria dar certo.

— Deixe disso, Rubenito, você sabe que o capitão confia plenamente em nós, afinal você conseguiu entender a linguagem dos nossos escravos e, portanto, vai entender e decifrar estes índios.

— Está bem, não posso ir contra o capitão. Me aguarde um pouco.

Rubenito foi se vestir. Em seguida falou com Duramin:

— Diga como devo fazer para falar com esses índios.

— É simples, apenas mostre os objetos de troca, isto é o que meus guias dizem.

— Está bem Duramin, obrigado.

O trio parte em direção à praia e leva consigo vários objetos de troca: pentes, escovas, espelhos, objetos de cozinha como faca, cortador de miúdos e outros.

— Estamos próximos à praia. Duramin recomendou cautela na abordagem desses selvagens. — Falou Rubenito.

— Já sabemos que devemos ser firmes nos nossos propósitos, afinal temos como missão tentar ficar ricos com o passar do tempo.

— Nós já estamos ficando ricos com todo este conhecimento a respeito de terras nunca ocupadas. — Falou o padre.

— É verdade, senhor, diga-me então uma coisa, padre: todos se salvam após a morte?

— Por que a pergunta, pensas que tua alma está condenada?

— Não é isso, padre, só pensei que se eu perder minha preciosa vida nestas terras será que terei uma chance do outro lado da vida?

— Claro, Rubenito, nossos ancestrais também precisaram procurar novas terras e assim devemos proceder.

Haviam se passado duas horas e eis que o primeiro sinal de comunicação finalmente acontece.

— Olhe, Rubenito. — Alertou o padre. — Eles estão vindo e parece que aceitaram o Cristo. Estão vindo com poucas armas e não têm nenhuma espécie de pintura no rosto, isto é um bom sinal.

— Verdade, padre, acho que a partir deste momento seremos bem recebidos pelos índios.

— *Kuntê, ajamurê, murecê.* — Falou um índio e, imediatamente, todos daquele grupo saíram em direção aos dois próximos à praia.

Queriam dizer: Estão em paz? Venham e fiquem, em tradução livre. Apontaram para uma clareira próximo à praia.

— Vamos, Rubenito, acho que querem que nós os sigamos. E os dois foram até a clareira onde os índios faziam círculo.

— Rubenito, olhe, eles têm uma imagem de um santo católico.
— Não acredito, padre, eles já estão catequizados?
— Claro que não, eles tomaram isso de alguém. Devemos ensiná-los, apontando para a imagem de Nossa Senhora do Rosário.

Rubenito arriscou fazendo gestos.

— O que é isso? — Tentou falar.

Os índios, agitados, somente deixaram a imagem e foram embora.

— Ora, o que é isto, Rubenito? — Perguntou o padre.

— Parece que deixaram aqui esta imagem, e não sabem para que serve.

— Grite para eles e diga para voltem.

— Está bem, padre.

Ele saiu correndo em direção aos índios e com muito esforço trouxe-os de volta.

— Pergunte a eles quem são.

— *Rutebê, colai e sumot.* — Falou um deles.

— Não sabemos o que eles querem dizer, Rubenito, mas dê-lhes os presentes.

Ao verem tudo aquilo, baixaram as armas e começaram a dançar, próximo dos dois. Com esse gesto de paz os índios tinham os dois como amigos.

— Voltamos ao barco ou ficamos aqui?

— Vamos ficar e esperar que nos convidem para algo.

Um jovem guerreiro cutuca Rubenito com uma lança e manda, por gesto, que caminhem com eles. Era hora do almoço e estavam cansados das matas e dos insetos que os picavam até formar erupções nas pernas. Ao coçar o local, sangrava. Tudo parecia inóspito naquela selva. De repente abriu-se uma imensa clareira e via-se, ao fundo, um rio cortando as terras dos índios.

A troca

— Olhe quanta beleza! Esta paisagem: uma lagoa à esquerda e um rio correndo, ao fundo. Que terra é esta?

Rubenito ficou mudo, não acreditava em tão belo lugar.

— Acorde, Rubenito, acorde de seu transe.

— Eu não estou dormindo, padre, só estou admirando tanta beleza. Olhe aqueles pássaros azuis e essa flora, quanto perfume tem essas rosas.

Os dois ficaram entusiasmados com aquele cenário, mas foram despertados por toques de um tambor que anunciava a chegada de um chefe da tribo. Todos reverenciavam um homem de um colar grande com penas de pavão e outras aves conhecidas. Chamava-se Kuntê.

— Desçam aqui. — Falou o chefe na língua indígena.

Eles foram empurrados para baixo do vale.

— Calma, gente, estamos indo. — Falou Rubenito.

O padre, assustado, falou:

— Rubenito, acho que vão nos levar até aquele homem emplumado, não diga nada, só eu falarei.

— Está bem, padre.

— *Aká tule vonsalá.* — Falou o chefe e, de repente, veio ao nosso encontro uma bela jovem com características ocidentais e jeito feminino muito acentuado. Ela parecia ter vinte e um anos, estatura baixa e olhos amendoados.

— *Tulê, valá, kalá.* — Falou o chefe.

A jovem, muito sutilmente, perguntou:

— O que querem aqui? — Falou numa linguagem arrastada, mas compreensível, o que parecia uma mistura de indígena e língua portuguesa.

— Ouça, padre, ela fala nossa língua.

— Já sei, Rubenito, deixe que eu respondo.

— Viemos em paz, estamos consertando nosso navio quebrado. Ela traduziu ao chefe a resposta do padre.

— *Kakê, tunai, volê.* — Falou ele.

Ele quer saber se vocês vão logo partir, quantas luas para isto?

O padre, sem resposta, balançou os ombros e disse:

— Acredito que duas luas significam dois meses.

— *Kalê falacê munot.* — Falou ela ao chefe.

— Está bem, Rubenito, você tem outra ideia?

— Sim, padre.

— Você mora aqui há muito tempo ou nasceu aqui?

— Não nasci aqui, fui capturada por um homem que sequestrou minha mãe e eu. Nasci a muitas distâncias daqui.

— Então diga ao seu chefe que viemos em paz, mas queremos ajuda para sair daqui.

— *Alarê fumaré katai.* Disse a índia ao chefe.

— *Turelê tambai.* — Falou ele.

— Ele quer que fiquem longe das nossas costas, e assim que puderem, vão embora.

— Nós viemos trocar presentes. Rubenito mostrou os objetos.

Todos correram assustados com os pentes e escovas, acharam tudo aquilo muito bom.

— Ele quer deixar para vocês. — Falou o padre.

A meio-índia falou para o chefe e logo veio ver outros presentes que levamos.

— *Lutê façai muskê.* — Falou o chefe.

— Ele quer deixar uma coisa para você. — Traduziu a bela índia.

Logo trouxeram uma caixa cheia de pepitas de ouro. Para eles aquelas pedras brilhantes só serviam para adornar cocares e peças que usavam para decorar as tendas.

— Olhe, padre, é ouro! — Falou Rubenito.

— Não acredito! Eles estão dando para nós em troca desses nossos objetos?

Foi o bastante para os dois se alegrarem e pensar em fazer fortuna naquelas terras.

— Voltar para quê? — Pensou Rubenito.

Trouxeram também colares e um cocar para enfeitar a cabeça do marinheiro. Para o padre deram uma pulseira com utensílios da terra. Estavam todos presenteados com aqueles objetos.

— Vamos embora, Rubenito. Pedimos à moça para nos ajudar a voltar.

— Diga ao seu chefe que queremos voltar à praia.

— *Kalê tuse*. — O chefe consentiu com um aceno de cabeça.

Foram escoltados de volta à praia com os presentes que receberam. O problema era que não sabiam como chegar à tribo porque a mata fechada e o ar pesado dificultavam a localização. A dupla apenas sabia que deveria retornar ao leste das terras. A moça os acompanhou até a metade do trajeto e se despediu de com um aceno. Rubenito perguntou:

— Aquela imagem que nos deram, de quem era?

— Dos homens brancos iguais a vocês que tentaram ficar aqui, mas todos morreram com uma doença grave.

— Que doença? — Perguntou o padre.

— Ficaram com dor, febre e alucinações. Depois de três luas morriam com fome e sede.

— Como eles chegaram?

— Pela terra, vieram do norte. — Respondeu a semi-índia.

O padre não resistiu e perguntou seu nome.

— Chamo-me Aluê, descendente da tribo dos guaranis. Vim trazida por índios de outras tribos após meu nascimento.

— Que história. — Falou Rubenito, que já a olhava com ar de apaixonado.

— Rubenito, não olhe para ela. — Alertou o padre. — Está nesta tribo há muitos anos e provavelmente ela é de alguém. Comporte-se.

Com estas rudes palavras, os dois foram deixados próximo à enseada com os presentes.

Retorno à praia

Em breves momentos, Rubenito imaginou a possibilidade de ficar rico com tanto ouro que poderia ser descoberto.

— Dormindo novamente ou sonhando? — Perguntou o padre.

— Não, padre, estou pensando no nosso retorno. Não é justo deixarmos estas riquezas para trás. O senhor viu aquela índia que nos atendeu? E aquela paisagem? Penso que tudo isso pode ser nosso, só nosso.

— Não se iluda, Rubenito, estas terras pertencem aos índios e para retirá-los demoraria muito tempo. Eles não sabem o valor do ouro. Com o passar dos anos ficarão mais espertos e verão que nosso interesse é nas terras deles.

— Ora, padre, mas isto é pecado?

— Claro que é, nós podemos ajudá-los a sair da ignorância fazendo com que conheçam a verdade pelas palavras do Cristo, mas tirá-los de suas terras é um sacrilégio.

— Padre, devo dizer que eu amei este lugar.

— Não pense tão alto, a tripulação do Aragosa nos espera, acho melhor não levar esse ouro para bordo senão todos virão à procura desse bem precioso.

— Deixar aqui essa fortuna? Nunca. — Respondeu o marinheiro.

— Sim, deixaremos aqui, senão nunca partiremos de volta. A cobiça logo tomará conta do grupo.

— Está bem, padre, diremos que fomos recebidos entregamos os presentes e recebemos outros.

Foi nesse momento que Rubenito teve outra ideia.

— Padre, podemos levar só duas pepitas de ouro e dizer que, após muito procurar, chegamos a um depósito de ouro que homens brancos puseram no nosso caminho só para nos

confundir e atacar os índios hóspedes. Eles vieram do norte e trouxeram doenças e outras mazelas. Eles não são bons.

— Não, deixaremos tudo, enterraremos próximo daquela árvore e, se for necessário, encontraremos a saída para o caso.

Os dois fizeram um mapa do local e marcaram um “x” onde esconderam a caixa com cinquenta pepitas de ouro.

Acenaram para o navio, avisando que estavam prontos para retornar. Os botes saíram navegando rumo à praia.

— Rubenito, padre. — Falou o senhor Smith. — Estávamos preocupados, há dois dias vocês sumiram e pensávamos que tivessem sido devorados por animais selvagens.

— Ficamos presos e incomunicáveis por estes dois dias.

— Entendo, mas o que fizeram? — Perguntou o oficial.

— Eu e Rubenito ficamos à mercê desses índios, ouvimos histórias e recebemos alguns presentes.

O senhor Smith os olhou e perguntou:

— Que tipo de presentes? Por acaso eles entenderam a troca de valores?

— Claro que não, e é bem verdade que eles não têm noção de valores tanto que acharam um absurdo não termos mais utensílios para trocar. — Respondeu o padre.

— Entendo, mas isto não é problema. Logo que chegarmos ao navio providenciaremos outra incursão a esta tribo usando tempo suficiente para incorporar novas situações à custa de revelações dadas por nós, como o mundo civilizado, os nobres, as festas da realeza, tudo muito belo.

— Senhor Smith, esta gente não entende nossa cultura e nossa linguagem. — Disse Rubenito.

— Isto não é obstáculo, iniciaremos a catequese com missas diárias. Pelo menos poderemos levar toda a madeira que for possível. Até lá, o Aragosa estará consertado.

O bote chegou ao navio e logo foram recebidos pelo comandante, que estava ansioso pelo relato da aventura de dois dias.

— O que viram? — Perguntou o comandante.

— Vimos a tribo indígena e penso que é melhor catequizá-los e

deixá-los em paz. — Respondeu o padre.

— Não viemos até aqui para deixar alguém em paz, entendeu, senhor padre?

— Sim, senhor. — Assentiu. E logo veio à tona a verdade dos acontecimentos.

— É um belo lugar. Eles não entendem uma palavra nossa. — Arrematou Rubenito.

— Desceremos juntos amanhã, vi que trouxeram outros objetos.

— São peças feitas artesanalmente, senhor.

— Gosto disto. Acho que meu pressentimento é que ficaremos ricos aqui. — Falou Diogo Álvares.

O comandante deixou o convés e se dirigiu ao camarote com uma última ordem:

— Tragam Rubenito e Duramin até mim.

— Sim, senhor. — Respondeu Smith. — Ouviu, Rubenito, vá até o capitão e leve Duramin. Não acredito nessa negra.

Rubenito parte para as últimas cobertas do navio e encontra Duramin em transe.

— Quem és? — Perguntou Rubenito, instintivamente.

— Somos os que te acompanham há alguns séculos.

— Como isto acontece? São pessoas mortas que me falam?

— Não, somos vivos do outro lado. — Respondeu.

O início da revelação

Rubenito, espantado com aquelas respostas, pergunta:

— O que eu era no passado?

— Você foi um mascate que lustrava botas de nobres na corte de Luís XVI, mas foi pego em severo delito e isto lhe custou a desencarnação. Posteriormente enfrentou algozes no mundo espiritual. Seu nome era Artur, e seu legado, na corte, trouxe profundas alterações na vida dos envolvidos. O que repercute até os dias de hoje. Vamos lembrá-lo dos acontecimentos.

Rubenito senta próximo a Duramin e começa a ouvir.

“Era o ano de 1318 e, durante um baile nas dependências do castelo do rei da França, estava presente a jovem donzela Irani e seus pais, o conde Demauri e a esposa condessa de Lorge. Ambos viviam, conjugalmente, aventuras secretas com seus amantes e você persistia em olhar para a condessa. Era leviana, todos sabiam; mas, cheia de graça, era capaz de arregimentar nobres pretensões com o intuito de fazer o bem aos necessitados. Ela, em seus devaneios, passou a olhar para um jovem que era copeiro e ajudava na recepção. Belo rapaz, alto e cabelos dourados que passou a corresponder aos olhares da nobre mulher e de repente estava trocando confidências em lugar secreto do palácio. “Que noite!” Dizia o rapaz, vim trabalhar e saio com esta nobre e bela mulher.

“O tempo passou, e logo os boatos de gravidez da senhora condessa arrasou a corte do rei. Estava com trinta e oito anos e segundo o conde, fazia um bom tempo que não se relacionavam como marido e mulher. O marido passou a acusá-la de adúltera e seu fim foi trágico: após ter a criança, uma bela menina, a condessa sai de casa sem rumo certo. O jovem copeiro logo foge do vilarejo próximo ao palácio com receio de que tudo viesse à

tona. Apesar do fato do adultério, aquela mulher não mais pôde se reerguer e seu destino de altruísmo com os pobres ficou para trás, o que deixou várias pessoas ao relento à espera da senhora que os ajudava. Quanto ao mancebo, após a fuga, tenta emprego em diversas localidades até ser aceito numa estalagem próxima a Paris. Contudo, após algum tempo de trabalho, também rouba a mulher do dono do local e foge com ela para nunca mais ser visto.

“Como vê, tem muito a dever. Tua situação agora é diferente, teu destino com estas pessoas ainda terá um curso a ser seguido. Estamos te acompanhando nesta jornada atual, mas nada poderemos fazer que não seja uma decisão tua. Portanto, fique atento ao teu destino e as tuas ações. Todos dependerão do teu aval.”

Duramin cai para o lado, sem consciência, e o ouvinte fica perplexo com tal revelação. Ele pensa: “O que isto tem a ver com os dias de hoje? Quem são esses fantasmas que me acompanham? Será uma armação dessa negra?” Ficou parado olhando a escrava recuperar seus sentidos. Ela pergunta:

— O que fazes aqui?

— Só vim avisar que precisamos falar com o comandante.

Ela, em silêncio, sobe os degraus da coberta em direção aos aposentos de Diogo Álvares.

— Por que você me olha assim?

— Nada, só que vi você em transe, e alguém me falou sobre meu passado.

— Não lembro, só sei que acontece com frequência. Dizem que fico possuída por demônios.

— Acho que sim, mas você me revelou um passado negro da minha pessoa.

— Não ligue, pode ser só um aviso, nada demais, Rubenito.

Rubenito calou-se e adentraram o camarote do comandante.

— Aqui estamos nós, senhor. — Anunciou Rubenito.

— Pois bem, sente a negra próximo a mim.

Ela sentou-se no chão e Rubenito ficou em pé para observar o capitão.

— Pergunte a ela se, ficando nesta terra, iremos voltar à Europa mais tarde?

Duramin ficou olhando o comandante e nada falou sobre a pergunta.

— Responda, escrava!

Nada. De repente ela começa a falar:

— Já dissemos, não voltarás a ver tua terra, deixa esses marinheiros voltarem, assume teu destino, deixa esta nau e volta para terra acima daqui. Lá encontrarás o que fazer para libertarte de tuas mazelas. — Respondeu um espírito através da negra.

Novo encontro

Naquela noite, Rubenito já havia ouvido o bastante e o comandante queria arrancar confidências de sua vida através de Duramin.

— Não sei, comandante. — Respondeu Duramin.

— Você acabou de dizer que eu deveria voltar para terras acima.

— Não fui eu, foram os espíritos mortos.

— Saia daqui e leve essa escrava! — Ordenou Diogo Álvares.

Rubenito cumpriu o pedido.

— Duramin, me diga, o que eu faço quando estes espíritos pedirem algo para eu fazer?

— Não sei, patrãozinho, digo que é melhor fazer o que eles dizem porque será pior não o fazer.

Risos foram soltos de ambos os lados.

— Está bem Duramin, não levarei isto a sério. Acho que nós temos que seguir nossos pensamentos.

— Está bem, patrãozinho.

Os dois se despediram e Rubenito vai ao convés observar a noite escura e os ventos que refrescavam suas ideias. A noite passou. Logo pela manhã Rubenito foi acordado para se reunir com outros tripulantes para ouvir novas ordens do capitão.

— Deixem seus afazeres, tragam as minhas botas que eu irei falar com esses índios. Padre, quem era a mulher que falava a nossa língua?

— Aluê. — Respondeu.

— Está bem, é melhor não ir conosco desta vez, acho que haverá combates.

— O comandante desceu com um grupo de quatorze homens armados de floretes e armas de fogo.

— Capitão, estamos próximo da praia e vejo um grupo de índios

a nos esperar. — Falou o senhor Smith.

— Siga em frente e qualquer sinal de ataque, atirem neles.

No navio, Duramin fala para seu companheiro.

— Estes homens não voltarão, sua ganância é maior que seus pensamentos.

Duramin passa a proferir palavras na língua crioula.

— *Sinfuê clarifert*, que em livre tradução quer dizer “falem para pararem e voltarem”.

Mas já era tarde. Não ouviam os apelos de Duramin.

Manhã ensolarada, Diogo e seus homens desceram à terra dos índios acompanhados de espíritos que torciam pelo conflito armado. Logo foram feitos reféns porque a tribo havia mandado um grupo de cinquenta e oito guerreiros armados com borduna, arcos, flechas e fogo nas tochas para um eventual embate com chamas.

Passava do meio-dia quando os homens chegaram ao coração da tribo e foram logo sendo questionados a respeito de tantas armas. Aluê perguntou:

— O que querem aqui?

— Queremos a paz, só desejamos encontrar uma cidade perdida. — Falou o comandante.

— Conte que cidade é esta?

— Ela é grande e possui várias saídas.

— Não existe nada deste tipo aqui.

— Então fomos enganados. — Responde o capitão.

— Não sei, só sei que deve voltar ao seu navio.

— Não podemos, o navio está para ruir.

— Então fiquem aqui, próximo a nós. Ontem vieram dois de vocês, receberam presentes e foram embora, voltaram para o navio.

— Eles não souberam explicar como era isso aqui, só meus olhos vendo para acreditar.

Diogo Álvares contava com quarenta e sete anos, não era tão jovem e tinha a necessidade de levar um legado daquelas terras.

— Voltar? — Perguntou Smith.

— Calma, eles estão aborrecidos, logo nos deixarão ir embora.

Passaram algumas horas e o grupo de Diogo fora, enfim, libertado para procurar, com ajuda dos índios, terras para se instalar, segundo o pedido do capitão. Ele foi orientado que as terras próximas ao rio estavam com eles, portanto tinham que seguir para o norte, justamente a região sobre a qual Duramin alertou o comandante.

— Voltemos à nossa caminhada!

A tripulação se deslocou em grupo. Diogo Álvares foi à frente da guarnição e logo percebeu que sua vontade de retornar ao pátio não tinha adeptos. Durante a caminhada silenciosa as armas foram colocadas próximas da praia para retornarem em paz.

— Senhor Smith, diga aos homens que por hoje basta e ficaremos aqui. Monte as nossas tendas e mande o bote até o navio. Quero que Duramin venha conosco. Deixem apenas o padre e o grupo que está trabalhando no conserto do Aragosa.

— Sim, senhor.

Com essas ordens, o restante da tripulação se prepara para voltar à praia e iniciar a marcha até o destino, ao norte, onde provavelmente haveria uma cidade, segundo Aluê. A noite chegou e vários espíritos vieram conversar com Duramin; eram protetores, zombeteiros e uma gama de entidades que em breves momentos deixavam uma mensagem, todos de caráter duvidoso porque falavam em linguagem depreciativa. Rubenito estava preparado para assumir seu posto e ir ao encontro de uma cidade que seus mapas os traíam, mas era um único meio de descobrir.

Os preparativos

Durante a viagem de volta para o navio, Smith pensa que não seria bom para a tripulação correr o risco de deixar a nau em direção às terras desconhecidas. Para ele, seria mais razoável deixar um grupo maior no navio e apenas um pequeno grupo seguiria em busca da tal cidade perdida, que o comandante insistia em dizer que existia.

Havia indícios de que uma civilização mais primitiva atingiu a foz do rio que desaguava no mar e fixou-se nas proximidades. Estas eram histórias contadas por Diogo Álvares. Nessas histórias não contam que uma grande fortuna em ouro e pedras preciosas foi guardada ou escondida e até hoje não se saberia a destinação desses bens. Estas histórias foram recontadas pelos padres jesuítas que haviam participado de expedições no território brasileiro. Mas como achar estas terras? O país era muito extenso e eles não tinham condição de explorar todas as desembocaduras do rio. O comandante queria aproveitar o incidente e tentar desbravar essas terras.

— Senhor Smith, avisou os homens que amanhã partiremos em caminhada rumo ao norte?

— Sim, senhor, dei as ordens no Aragosa.

— Então dormiremos aqui, na enseada, e logo cedo partiremos. Diga para todos virem se juntar a nós. Deixaremos a praia o mais cedo possível.

Logo os botes trouxeram o resto da tripulação pronta para seguir caminho.

Rubenito compareceu à tenda de Diogo Álvares com Duramin.

— Está bem, deixem a negra dormir próximo ao seu companheiro. Não quero que eles fujam e nos deixem sem seus préstimos. Mantenham guarda e vejam se os índios se

aproximam de nós.

— Sim, capitão. — Falou o senhor Smith.

— Rubenito, venha cá. — Chamou o comandante.

— Pois não, senhor.

— Aquela conversa que tivemos com a escrava me deixou pensativo. Ela afirma que não voltaremos porque teremos sucesso ou porque seremos derrotados nas nossas intenções?

Rubenito pensou em tudo que fora dito e respondeu:

— Acho que ela quer que não prossigamos na jornada. Ela fez referência a povos pagãos e outros tipos de pessoas. Acredito que o pensamento dela é o oposto do seu, senhor.

— Não quero ouvir essas baboseiras, ela nos ajudará a descobrir esta civilização. Isto é uma ordem.

Ouvindo essa afirmação, Rubenito passou a acreditar que aquela excursão provavelmente não retornaria ao navio. Algo estava pressentindo.

— Duramin, você acha que aqui vai ser nossa derrota?

— Não posso afirmar isso, só sei que esta viagem não terá êxito, não teremos sucesso.

Todos foram dormir, com exceção dos marinheiros sentinelas, entre eles, Rubenito, que não parava de conversar com o marinheiro Ruberval.

— Acho que essa terra perdida não existe. — Comentou Rubenito.

— Sei que histórias de riqueza sempre seduziram as pessoas. Se o comandante afirma que tem um tesouro enterrado em uma cidade é porque existe. — Falou Ruberval.

— É certo que os índios conhecem este lugar?

— Achamos que sim, mas não quisemos nos afirmar, visto que logo pediríamos que nos acompanhassem.

Rubenito ficou pensativo e disse:

— Vamos dormir assim que trocamos de turno, amanhã será um novo dia. — Pressentia que não teriam sucesso.

À meia-noite houve a troca de turno, Rubenito e Ruberval foram dormir e logo vieram uns espíritos se comunicar após o desdobramento do sono.

— Rubenito, seu calhorda, finalmente te encontrei, vários anos de procura e finalmente te encontro. — Um espírito protetor falou para ele:

— O que é isso, meu irmão, por que essa raiva, se despoje desse sentimento.

— Olha quem fala, o amiguinho desse impostor!

— Não, meu caro, estou aqui somente para ajudá-lo.

— Não fique aqui teimando em ajudar. — Respondeu a entidade agressora.

— Deixem esses homens seguirem o seu caminho. Certamente vão desistir dessa aventura sem volta. — Falou o orientador.

Enquanto isso Rubenito se contorcia no chão, em sono profundo. Os espíritos obsessores deixaram os pensamentos dele mais confusos.

Em sonho, eles vinham sempre com a ideia fixa de que haveria muito ouro escondido na cidade perdida e isto fazia com que ele sempre agisse em prol de tal objetivo.

Diogo Álvares reuniu seus homens pela manhã bem cedo e, após o desjejum, partiram pela praia em direção ao norte com pouca sorte de encontrar tal tesouro. Aluê previu que se continuassem com aquele objetivo, não encontrariam o caminho de retorno.

Todos estavam na expectativa do sucesso da empreitada.

Início da jornada

Naquela manhã de outono na costa brasileira, tudo parecia calmo. O navio espanhol Aragosa, fundeado ao largo com diminuta tripulação trabalhando no conserto, cada vez mais tombava para o lado, dificultando o seu aprumo. A tripulação quase toda em terra, guiada por um comandante explicitamente aventureiro à procura de suposta fortuna e seus comandados já exaustos da viagem que não parecia ter um bom fim. Todos armados e vigiados pelos índios da tribo de Aluê, mulher remanescente de um casal de sangue indígena e espanhol que fora raptada e trazida para esta tribo com oito anos de idade. Não fazia questão de lembrar-se da tragédia pessoal que se abatera em sua vida quando grupos rivais entraram em conflito e ela, para não ser morta, foi levada para outra área longe do conflito.

Aluê, preocupada com o destino da tripulação do navio, pediu ao chefe da tribo para vigiar os passos do grupo acompanhada de dois guerreiros.

— Duramin, traga as minhas botas limpas! — Gritava Diogo Álvares.

A escrava-vidente deixava todos seus afazeres para satisfazer as ordens de seu senhor.

— O senhor sabe a rota que tomaremos? — Perguntou Smith.

— Sim, ontem à noite tracei uma rota pelas praias e por dentro da floresta, alternadamente, até acharmos o primeiro rio. Construiremos pequenas canoas e vamos em direção à desembocadura do rio. É fácil e não deve demorar mais do que dois dias de missão. Devemos construir os barcos assolares, sem bordas altas, o que facilitará nosso deslocamento.

Este tipo de embarcação era quase uma prancha, com curvas baixas nas bordas e serviria somente para deslocamentos rápidos

com pouca correnteza.

— Comandante, os homens já estão prontos.

— Muito bem, senhor Smith, então avante, com garra e com fé, com a graça e proteção de Deus. Homens, me sigam!

Passaram-se várias horas até aproximar-se o meio-dia e o grupo estava exausto com tanta dificuldade de atravessar o trajeto de areias pesadas, intercaladas por áreas de grossa vegetação com arbustos espinhosos e duas pedras a subir como pequenos morros, sem contar com a presença de animais roedores e insetos que importunavam o nariz e os ouvidos. Havia o calor intenso e o grupo, a toda hora, pedia para parar e beber água. A provisão do líquido estava se esgotando.

— Comandante, temos que achar um riacho ou algo parecido para nos reabastecer de água. Nossas reservas estão se esgotando, rapidamente. — Informou Smith.

— Está bem, senhor Smith, mande dois homens naquela direção; se houver muitos animais por perto logo existirá uma fonte de água. Quanto aos demais, preparemo-nos para deixar nossas coisas aqui e montaremos um pequeno acampamento para fazer uma refeição rápida.

Tiraram dos sacos provisões de alimentos ressecados e peixes salgados para fazer uma espécie de moqueado. Era o que tinham para comer.

Enquanto isso, no mundo espiritual, uma legião de espíritos benfeitores se aproximava do grupo no intuito de observar e emanar fluidos apaziguantes para que eles se encorajassem a desistir daquela missão que não teria êxito. Somente Duramin pressentiu a presença de tais espíritos protetores; ela sentia um reconforto único e uma sensação de bem-estar. A escrava pensava que tudo aquilo seria para que eles reagissem ao cansaço e o intento de prosseguir fosse logo removido da ideia dos aventureiros.

— Duramin, deixe os seus afazeres e me diga, qual direção tomar? — Perguntou o comandante.

— O da volta. — Respondeu, com ajuda de Rubenito.

— Nunca! Já me decidi, seguiremos em frente tão logo os

homens localizem uma fonte de água.

— Capitão, chegamos a aproximadamente quatrocentos metros, tem água de boa qualidade. — Informou um dos homens.

— Viu, escrava, eu tinha razão de dizer que os deuses estão conosco. Diante de tanta abundância que aquelas terras ofereciam, era fácil localizar água, frutos e comida fresca, com animais de abate.

— Vamos seguir em frente, após o descanso e o reabastecimento de água. — Falou Smith.

— Avante! Pelos reis de Castela, seguiremos em frente.

A trilha se mostrava mais difícil e o sol não dava trégua. Com a temperatura elevada após várias horas de caminhada, logo chegou a noite. O comandante resolve fixar suas tendas próximo a uma praia. O silêncio do local era quebrado com piados e assovios vindos da mata e o barulho do vento vindo do mar. Fizeram uma fogueira e foi ouvido um grito bem distante, parecia de um macaco ou de um animal que imitava o ser humano. O grupo ficou a pensar e imaginar o que poderia ter sido. As horas se passaram e com a noite veio uma chuva fina. Rubenito, pensativo, se perguntou: “Para que isso? Só para procurar fortuna? Nós já temos as pepitas de ouro enterradas”, concluiu.

A captura

Ao acordar, Rubenito viu-se sozinho na mata. “Para onde todos foram?”, pensou.

Ele estava só e isolado num local diferente de onde havia adormecido. Ficou perplexo ao avistar Aluê perto dele.

— O que aconteceu?

— Fique quieto, os homens maus levaram seus companheiros.

— O quê? Quem são esses homens?

— São caçadores que habitam a margem próxima. Eles nunca libertam quem eles prendem.

— Como pode? E eu, como escapei?

— Logo que percebemos que iriam atacar, lhe encantamos e o trouxemos para cá. — Afirmou Aluê.

— Encantar? Não acredito, você me sequestrou.

— Foi para o seu bem, não deu para resgatar os outros. Tome essa comida e levante-se. Logo eles voltarão para pegar o resto das coisas que foram deixadas para trás. Venha! venha!

Aluê era uma bela índia com atributos de boa companheira, sua índole era de benevolência para com todos, mas Rubenito não queria deixar seus companheiros presos.

— Vou ficar, lutarei até a morte.

— Não podes contra cem, e muito menos com essa tribo. Eles são bem armados e expulsam quem quer que seja. Você morrerá logo.

— E a tripulação? Que fim terá?

— Vão colocá-los como escravos, para retirar pedras bonitas do rio e das cavernas próximas.

— Ou seja, eles vão encontrar a morte com mais trabalho. — Falou Rubenito.

— Isto vai acontecer com o tempo.

Rubenito sai correndo em outra direção, Aluê e seus dois guerreiros tentam agarrá-lo.

— Pare, senão encontrará a morte.

— Deixe-me ir, logo voltarei e pedirei para o restante dos homens me acompanhar.

Aluê permitiu que Rubenito fosse por uma trilha à procura de seu grupo. Ela resolveu ir também até certo ponto da caminhada, afinal ela conhecia a floresta.

— Fiquem aqui. — Falou Aluê, e mandou seus homens averiguar, à frente, o que acontecia.

Alguns homens da tripulação já não tinham as cabeças, que estavam penduradas em galhos de árvores. Um pequeno grupo aguardava a ordem para decapitar os outros. Rubenito observa que o comandante e Duramin aguardavam fechados em uma tenda separada.

Rubenito então desacordou.

Era noite e uma pequena fogueira iluminava ao redor. Um homem alto, com aspecto de mau, encarava Rubenito. Era um caçador de pedras.

— O que queres comigo? — Perguntou o marujo.

— Somente ouro.

— Não tenho o que queres. — Respondeu Rubenito.

— Eu sei, mas acharás ouro para mim, serás meu escravo e logo te libertarei se trabalhares comigo.

— Não sei nada de retirar ouro.

— Não importa o que deves fazer, eu te ensinarei.

O homem estava só e parecia saber que Rubenito possuía algum conhecimento extraordinário.

— Vi você próximo das terras dos Aluacos, o que queria?

— Meus amigos foram presos e alguns mortos.

— É o que acontece com pessoas como você.

— Tem sorte, eu o protegerei contra índios e malfeitores.

— Senhor, o que fazes aqui?

— Cala-te, não respondo a intrusos.

O silêncio se abateu após a resposta.

Aluê despertava Rubenito e o homem; ela surge na mata,

surpreendentemente, e atinge o homem com um golpe de borduna.

— Venha, antes que ele acorde.

— O que é isso? Uma hora sou salvo e outra preso e novamente salvo, ou novamente preso?

— Não fale nada, já viu o bastante. Seus amigos dificilmente sobreviverão, vamos embora antes que o achem.

Rubenito, desta vez, não questionou as ordens da índia.

Quanto à tripulação do Aragosa, alguns já sacrificados e outros escravizados, estavam prontos para trabalhar na mina de pedras preciosas que havia próximo.

Rubenito, sem palavras, acompanha Aluê, em direção ao bote que os levaria ao navio. O senhor Smith deixou três homens a bordo para o reparo e mais o padre. Graças àquela índia ele retornou com vida. Mas o que fazer a partir de agora? Voltar para a Espanha estava difícil, aquela embarcação mal aguentaria uma onda de través. Diz a lei de Deus: “Não matarás”. Rubenito pensou que não se atreveria a cometer este pecado. Ele embarcou no bote e saiu da praia em direção ao navio sem notícias boas para o resto da tripulação. Duramin, por ser negra, juntamente com Aramin, escaparam da morte, eram considerados amuletos.

Regresso ao navio

Rubenito chegou ao navio acabrunhado com as notícias não muito boas; embarca no Aragosa e descreve para os três tripulantes e o padre o que ocorrera: a noite de terror, as agressões, os homens maus. Todos ficaram perplexos com a narrativa.

— Não entendi uma coisa. — Falou o padre. — Eles foram amarrados e levados para um acampamento? Depois alguns foram sacrificados, mas qual a intenção? Não serviriam para o trabalho nas minas?

— Não sei, padre, só sei o que posso relatar.

— Estranho, tragam-me um mapa, quero ver onde realmente estamos.

Com a ajuda dos tripulantes, foram desvendando os mapas até chegar à conclusão que se encontravam bem ao sul do Brasil, próximo às terras argentinas, como fora chamada uma extensão colonizada por espanhóis.

— Se estou certo, esses índios e os selvagens têm influência espanhola e indígena. Mas por que não mataram os negros? — O padre ficou se interrogando, numa tentativa de chegar a uma conclusão.

— Padre, não sei, acho que os negros poderiam ser melhores como escravos.

— Não acredito, acho que algo está faltando ou será uma futura moeda de troca?

— Aramin e Duramin não tinham nenhuma cultura. — Observou um dos tripulantes.

— Pois bem, vamos deixar de conversa e decidiremos o que fazer. Tentar voltar para Europa ou ir de encontro a essa tribo selvagem?

— Acho melhor ficarmos com a segunda opção. Mesmo porque não temos muito escolha. Nossa embarcação não tem estabilidade suficiente, logo que sairmos para alto mar qualquer onda maior nos porá a pique. — Falou Rubenito.

— Está bem. Amanhã nos prepararemos para nossa aventura de vida ou morte, tentaremos falar com essa índia, Aluê, para nos orientar sobre o rumo a tomar.

O grupo se dispersou, Rubenito desceu para os cobertos, pensativo no que iria fazer. Adormeceu e foi visitado, em seu sono, pelos espíritos amigos que tanto orientaram para não empreenderem aquela excursão.

— Somos visitantes, desejamos falar-te. — Disse a entidade do além.

— Quem és? Não me assustes. — Pediu Rubenito, semi-desprendido do corpo físico.

— Estamos há alguns dias tentando orientá-los, mas agora chegou a nossa vez de falar.

Atento, Rubenito ouve:

— Enquanto dormias, sugestionamos a índia Aluê e seus dois companheiros para resgatá-lo. Eles são a única esperança de retirar Diogo Álvares e outros tripulantes das mãos deste povo primitivo. Sua sorte será lançada nos próximos dias. Contamos com você para empreender nova demanda em favor desses índios que mal foram catequizados. Alguns anos atrás tiveram contato com a civilização através de visitantes das ilhas portuguesas que levaram esperança de uma nova vida, só que foram enganados, porque os navegadores só queriam fortuna e riquezas, o que mais ou menos vocês desejam. Mas se cumprires com a tua missão, logo verás que a tua encarnação foi um sucesso te dando oportunidade de progressão e de novas jornadas a caminho da luz. Será árdua a tua batalha, principalmente contra ti mesmo; estaremos orientando através de sonho o teu proceder. Deverás ir ao encontro de Aluê e pedir ajuda para libertar os teus companheiros. Em hipótese nenhuma deverás trair teu pensamento em favor do teu coração. Apesar de jovem, não poderás olhar Aluê de outra maneira. Ela já tem um destino e o

teu é outro. Se por acaso ela insinuar algo, deverás levantar e partir com tuas ideias para longe dela. Em outra vida foste parente próximo e não aguentaste teu desejo por ela, pois em outra vida vocês foram casados. Só que a partir desta vida a olharás como amiga e companheira, não como mulher. Necessitas cumprir tua meta nesta encarnação.

Rubenito fica ouvindo aqueles espíritos, não compreendendo o real motivo de estar lá naquela situação. O padre, apesar de jovem, muito espirituoso, observa o sono de Rubenito e as palavras que ele profere enquanto dorme. Falava em outra língua desconhecida do sacerdote — palavras sem definição no espanhol.

— Rubenito, acorda, estás sonhando. — Falou o padre.

Rubenito acorda do sono agitado e diz:

— Devemos voltar, primeiro para a tribo da índia Aluê, depois seguiremos para as terras dos primitivos, lá poderemos libertar nossos companheiros.

— Está bem, Rubenito. Pela manhã providenciaremos uma nova expedição para terra; agora deves voltar ao sono e não esquece que haverá muito o que fazer para resolver esses problemas.

O inverno começava. Com a tripulação reduzida do Aragoza, tentavam reunir forças para o resgate. O plano era escalar Rubenito, um marinheiro e o padre. Ficariam dois tripulantes para garantir que o navio não fosse destruído por algum agressor e ter suas partes dizimadas pelo tempo. Velhos e áureos tempos em que o navio, a toda velocidade, cruzava os oceanos a dezesseis nós, sendo considerado um dos mais velozes da época.

Diogo Álvares fora poupado, junto com outros tripulantes e os negros escravos. Seriam ao todo oito sobreviventes. Eles não entendiam qual o critério utilizado por aquele grupo primitivo que, de hora em hora, batia um tambor em alto som para anunciar um novo ciclo. O pavor os acometia a cada toque porque foi assim que os outros perderam as vidas.

Nova tentativa

A noite deu lugar a um belo dia ensolarado, mas frio. Em matéria de ondas, o Aragosa contava com uma verdadeira trégua dos mares; a enseada tranquila e os ventos não eram suficientes para pôr o frágil navio a pique. Duramin, enquanto isso, presa e a serviço dos primitivos, emitia grunhidos e fazia gestos para seu companheiro na tentativa de que uma fuga fosse realizada. Ela era acostumada a ficar em cativeiro, mas dessa vez não esperaria ser queimada na fogueira ou jogada a feras encurraladas. Duramin falou em sua língua:

— Vamos fugir, hoje à noite.

— Como? Estamos amarrados. — Aramin respondeu com gestos e falas.

— Faz a fogueira perto de ti e rola um pedaço de pau incandescente até próximo a mim. Farei tudo para queimar as amarras.

— Está bem, tentarei.

Era difícil a tentativa, mas com uma boa dose de sorte, poderia dar certo e depois, em liberdade, partiriam para a costa à procura de um barco que pudesse levá-los de volta para a África.

Longe dali os nossos viajantes deixam o navio em direção à praia na certeza de conseguir o apoio da tribo de Aluê após generosa troca de bens que restaram de alguns tripulantes.

— Padre, como devemos abordar os índios?

— Primeiro, daremos os presentes, como da primeira vez; depois tentaremos convencer Aluê e alguns homens a nos orientar nas terras.

— E se ela negar? Pois já nos ajudou por duas vezes. Ela pode não querer nos orientar.

— Suplicaremos, falaremos na ira dos deuses que eles amam e

veneram.

— Não vai ser fácil, padre. — Falou Rubenito.

— Vamos tentar, remem na direção daquele arbusto, lá próximo teremos mais apoio para desembarcar.

— Sim, senhor. — Falou Rubenito.

O outro marinheiro chamava-se Ruan, não tinha mais família, a esposa o deixou por outra vida mais estável.

— Ruan, deixe o barco embaixo dessa folhagem, vai ser mais difícil os índios localizá-lo.

Eles estavam armados com mosquetes e seria uma surpresa para os primitivos serem atacados com armas de fogo. Na última incursão, Diogo Álvares e seus homens foram surpreendidos enquanto dormiam e não tiveram chance alguma de reagir.

— Logo que possível, ponham-se a caminho junto a mim. — Falou o padre.

Os três foram por uma pequena trilha conhecida em direção à tribo de Aluê.

Percorreram o pântano e uma faixa de areia mole e de difícil marcha.

— Voltem um pouco, aqui não tem como prosseguir.

O pequeno grupo continuou por outra trilha. Ultrapassaram o meio-dia quando, finalmente, chegaram próximo da tribo de Aluê e se depararam com uma cena provocante: as mulheres lavando os homens com uma espécie de líquido, à beira do riacho, que corria perto da tribo. Viram Aluê em sua forma límpida e cristalina. Rubenito já havia percebido as feições finas e a beleza daquela meio-índia, mas sua impetuosidade havia sido diminuída pelos impulsos de responsabilidade, frágeis, mas suficientes para olhá-la de outra forma. Com aquele cenário, não tinha mais dúvida que queria possuí-la.

— Rubenito, não olhe esta cena, você vai querer participar dos banhos.

— Não senhor, não posso, devemos salvar nossos amigos.

— Muito bem, fique aqui com o Ruan, deixe que eu falarei com ela e o chefe da tribo.

Rubenito não parava de se lembrar das belas formas de Aluê,

semi-despida naquela água.

— Calma, amigo. — Falou Ruan. — Logo prosseguiremos nossa missão e deixaremos essas terras.

— Não penso nisso, acho que vim até aqui para conhecer algo ou alguém, por isso não me importo se não retornar à Europa, afinal lá não somos nada, e meus parentes não querem nem me reconhecer. — Alegou Rubenito.

— Nossa casa tem um nome, chama-se nação, pátria. Podemos cometer crime de abandono se não retornarmos.

— Olhe, Ruan, tudo que conseguimos aqui nos fará homens livres e libertos, mas só se levarmos todas as riquezas necessárias para o bem.

Ruan parou de falar e observou o padre abordando o grupo de mulheres e homens que se higienizavam no meio do rio.

— Quero falar. — Pediu o padre. Imediatamente interromperam o banho e foram falar com o sacerdote, que deixou cair um conjunto de agulhas.

Rumos formados

Passaremos a relatar a vida dos dois grupos: de um lado, a vida de Aluê, antes desta encarnação; do outro, Duramin, Aramin e Rubenito, unidos por laços de ódio e rancor, vividos em épocas passadas.

Era uma manhã fria de 1385, em plena época de novas descobertas nos tronos europeus. De um lado a família Vartugo, e de outro, os nobres da elite europeia do rei Ricardo. Os dois lados tinham interesses comerciais muito antigos, verdadeiras disputas se sucediam. A jovem Antônia nasceu com a esperança de tornar a vida dos monarcas menos tediosa e perigosa. Ela seria uma dádiva da família para conquistar a paz, casando-se com o herdeiro do trono real, príncipe Raul. Nesse conto de fadas encontramos o amor da jovem pelo belo plebeu Artemides, dotado de beleza singular, disposto a tudo para não partir o coração da amada Antônia, que conhecera há muitos anos. Entre essa disputa surge um cúmplice de Artemides, seu amigo de longa data, Nerfando, que seria um homem de recados à jovem Antônia. Numa dessas idas e vindas foi abordado pelo príncipe que, desconfiado dos seus afazeres, interceptou a carta de Antônia para Artemides, contudo, com códigos na linguagem para não dar certeza ao perverso príncipe da verdadeira origem das falas.

— De quem se trata essa carta? — Perguntou o príncipe.

— De uma amada minha. — Respondeu Nerfando.

— Por que te escondes por trás desses arbustos se ela te corresponde?

— É para o pai dela não notar a minha presença.

O interrogatório persiste até o príncipe oferecer certa soma em moedas para Nerfando revelar os verdadeiros personagens

daquela carta.

— Está bem, senhor, mas não diga que fui eu.

Nerfando revela toda a trama que envolvia Antônia e Artemides.

— Maldito! — Esbravejou o príncipe. — Sabia que algo estava errado, sempre tentei conquistar Antônia, mas ela não dava sinais de que me amava. Tragam a tropa, vamos procurar Artemides.

Nesse jogo de intrigas e traição, Nerfando corre para a casa do amigo e revela o ocorrido. Suplica perdão por aquele deslize, foge em direção ao mar e atira-se contra as ondas, para não ser mais visto.

Dessa pequena traição e do suicídio surge das trevas a figura de Portarcos, espírito dominador, chefe de um grupo de entidades perversas que tinha como poder máximo a subjugação de espíritos fracos que, sob seu comando, atuam em direção de pobres almas que, por alguns minutos, se distraem e põem fim a sua vida terrestre. Nesse cenário, surge Duramin, após alguns séculos que, sob influência de Portarcos, renasce na Terra com finalidades expiatórias e Aramin seu antigo amigo: Artemides. Do outro lado do cenário romanesco, o nosso Rubenito, antigo príncipe ciumento, e a pobre iludida Antônia na carne de Aluê.

Nesse cenário de aventuras e débitos é que a providência divina permitiu que nossos interlocutores se reencontrassem para se soerguerem de seus passados delituosos. Cada passo, gesto e atitude influenciaram os personagens em suas perenes vidas, ora encarnados e por vezes desencarnados. Daí é que em terras brasileiras e despojadas de qualquer título de nobreza, esses jovens são protagonistas de novas oportunidades para se reerguerem.

Em pior situação veio Duramin que, apesar de possuir boa inteligência, ficou com a responsabilidade perante a espiritualidade de reerguer os envolvidos ajudando-os com seu dom para que o bem reinasse nesse grupo. Artemides, apesar de apaixonado por Antônia na outra vida, não conteve seus instintos e acabou assassinando o príncipe herdeiro num

estratagema perigoso. Rubenito volta com a missão de progredir o grupo na maior fraternidade.

Essa história de amor e ódio, voltando ao cenário terrestre, toma como ponto de partida o amor fragmentado de uns pelos outros que foram vítimas dos seus próprios orgulhos e vaidades. Nessa trama não há vencidos ou vencedores, apenas o amor, dádiva de Deus aos seus semelhantes que, em aprendizagem, será capaz de uni-los e resgatá-los para o início de uma nova trajetória. E nós, simples servidores de Cristo, fomos escalados para acompanhar, receber e doar todas as complacências que o Nosso Senhor Jesus Cristo nos concedeu.

Áreas tenebrosas

A fuga planejada pelos escravos era, sem dúvida, impetuosa, porém sem condições de dar resultado positivo. A inabilidade de ambos em manejar armas e de traçar planos para um retorno à sua terra mãe era significativa. Durante a tentativa de fuga logo perceberam que Aramin nada conseguiria; seu pensamento infantil não permitia a construção de um plano sólido.

Duramin, ou Nerfando, veio para uma reencarnação de expiação. Delituosa em vida passada, teve o suicídio em sua conta a resgatar o débito na presente encarnação.

Vamos voltar para a vida de Nerfando nas regiões trevosas.

— Quem é aquele que acabou de entrar nas nossas zonas? — Perguntou Portarcos.

— Não sabemos, senhor, ele é novato, mas pelo jeito morreu por afogamento. Veja como ele vem com o pescoço duro e sua alma transpira algas e sais do mar.

— Sim, sinto também cheiro da inveja e desmandos na sua vida. Ele é um fraco. Servirá a nós em momento propício. — Disse o chefe do grupo.

— Tragam-no aqui e não deixem perceber a presença de outros endividados.

— Mas é o velho companheiro Intracos, o nosso amigo que sumiu em missão de desagravo e nunca mais foi visto.

— Ah! ah! ah! Um velho parceiro de volta ao nosso convívio! Deixe-o aqui, não demorará para nós o alimentarmos com nossas ideias geniais.

Intarcos participava do grupo séculos atrás e trazia consigo uma queda nas atitudes, o que o levou às zonas trevosas com a acusação de suicídio e, pior ainda, de não ter conseguido seu objetivo de se reerguer das falhas íntimas. Compromissos foram

assumidos perante a espiritualidade maior, mas novamente falha em seus objetivos, com aumento dos débitos. Para a justiça divina, trata-se de um caso especial em que o retrocesso notado do irmão acabou acontecendo por invigilância e falta de compromisso antes da encarnação. Por isso, nossos parceiros maiores, a partir de agora, traçam novos planos espirituais a fim de que em uma nova vida consiga resgatar os seus débitos.

— Acorde, Duramin. — Falou Aramin. — Está na hora de tentarmos a fuga.

— Hoje não. — Respondeu Duramin. — Meu sonho me permitiu ver o que eu fui na vida anterior. Apareço como um tigre agredido, uma lebre, depois me afogo em alto mar. Não, eu não vou, isto não vai acabar bem, em alto mar vou me afogar.

Duramin era fiel aos seus sonhos premonitórios, além de ter a habilidade de ver espíritos e perceber a presença deles seja por intuição ou por visualização. Um deles, sempre sorri e diz que no futuro terá a paz que tanto almeja. Duramin era forte e não tinha medo do que acontecia do outro lado da vida. Dizia que seus antepassados a esperavam com alegria. Ao mesmo tempo, em certas ocasiões, apareciam espíritos gozadores que riam quando ela era cobrada pelos seus donos.

Aramin tinha outra influência: seus pais falecidos. Mandavam mensagens apaziguadoras do além. No final prevaleceu a ordem de Duramin, de permanecer no cativeiro à espera de novos tempos.

O dia amanheceu belo e frio. Logo a tribo de Aluê despertou, lentamente. O padre, Rubenito e Ruan dormiam ao relento, próximo da tribo. Foram vigiados por dois índios que os observavam a meio metro de distância.

— Rubenito, acorde, estamos atrasados para conversar com o chefe da tribo. — Falou o padre.

— Padre, sei que nossa missão é difícil, rogo a Deus para que mandem alguns homens nos ajudar. Só assim conseguiremos libertar Diogo Álvares e os que sobraram.

Após tomarem uma espécie de chá feito com cascas e folhas de plantas aromáticas, os homens do Aragosa, junto com Aluê,

foram falar com o chefe da tribo.

— Desejamos ir ao encontro de nosso capitão e seus homens. — Aluê traduziu rústicamente a pergunta.

— *Afê, chununê*, respondeu o chefe, que se traduziu, “não podem, perigoso”.

— Diga a ele que sabemos do perigo, mas devemos lealdade ao capitão. — Falou o padre.

— *Sachê, huasoná*, que se traduziu, “tem cinco noites, vão e tragam seus companheiros.”

Aluê se voluntariou a pedido do padre e escalou dois índios que a acompanharam na última missão. Com esse pequeno grupo partiram para as terras dos abomináveis, como o padre os apelidou.

Traziam algumas armas deixadas por Diogo Álvares e recolhidas por Aluê antes de serem presos. Eram facas e garfos. Parecia que iam para um safári e depois descansar em alguma área de sombra.

— Mãos à obra! — Falou o padre. E foram embora.

Sonhos de Aluê

Naquela noite, Aluê sonhou com um passado distante em que pertencia a um grupo de mulheres que dominavam o ambiente em que viviam. Via-se sorrindo, cercada de amigos a tomar chá em uma bela tarde num jardim de uma linda casa. Certamente não se tratava daquelas matas onde se acostumara viver. Tinha finos traços, cabelos alourados, pele fina e branca e, rindo, achava que todos a serviam. Ao mesmo tempo via o rosto de um belo rapaz a observá-la e de repente recebe um pedaço de papel com letras que denunciavam um amor por ela. Dizia que o sonho era revelador, visto que aqueles rostos não a deixavam ter dúvida de que já os tinha visto. Acordou assustada e pensativa.

— Estamos prontos, podemos partir. — Falou o padre.

— Vamos por aqui, pegaremos um atalho e, aproximadamente algumas braçadas antes que o sol se ponha, estaremos próximo do acampamento deles. — Falou Aluê.

O grupo se desloca com toda motivação, os índios na frente e os três do Aragosa atrás, na retaguarda. Armados de pistolas e mosquetes, se movimentam com cuidado superando verdadeiros obstáculos naturais. Atravessaram riachos, pequenas montanhas, derrubam pequenas matas, até chegar ao ponto que fazia a divisão da floresta e iniciava uma área cavernosa onde se escondiam as riquezas que aqueles habitantes tanto exigiam.

— Vejam, estamos próximos, aqui tem rastros de pessoas. Faz pouco tempo que passaram por aqui, são pegadas frescas. — Observou Aluê.

O padre sugere acampar ali porque quanto mais próximo da aldeia, mais correriam risco de serem apanhados. Surgiu um índio de outra tribo amiga que informou que hoje os primitivos estavam em festa porque tinham conseguido encontrar novas

áreas de pedras preciosas, portanto iriam passar a noite cantando e dançando. Melhor para eles, pois teriam mais sossego para passar a noite.

— Aluê, venha. — Falou Rubenito. — Vamos dar uma caminhada.

Ela atendeu ao convite, simpática.

Ela achava Rubenito bonito, com olhos castanho-claros e pele branca; imaginou que o conhecia de épocas passadas, mas como? Ela nunca saíra daquelas matas, nunca o vira de verdade, apenas tinha certa atração pelo seu gesto dócil e elegante.

— Você quer me falar?

— Sim, ontem vi você no riacho tomando banho com outros homens.

— Ah, sim, é nosso hábito, mas existe uma distância pessoal em relação a eles. Os homens da tribo caçam e se esforçam para nos manter; em contrapartida, as mulheres cozinham e os lavam quando voltam da caçada. Ganhamos presentes e isso faz a harmonia da tribo.

— Entendo, mas a união entre vocês, como acontece?

— Normalmente as mulheres são prometidas para os guerreiros, eles aceitam ou não, essa é a lei. Se fomos escolhidas, temos que aceitar o nosso companheiro; ter filhos é obrigação. Se for homem, será guerreiro, se for mulher, será dada aos anciãos para educa-las e transformá-las em trabalhadoras das coisas da tribo, como cozinhar, amamentar e dar vida aos pequenos abandonados ou rejeitados.

— Como assim rejeitados?

— Alguns nascem com algum defeito físico e a mãe tem direito de não o querer. Nossa tribo tem três jovens com defeito físico. Um com olhos fortes e dois que não andam direito. Para o pajé, eles foram rejeitados pelos espíritos da vida, mas não são descartados, como acontece em outras aldeias.

— E você, o que faz? Já ficou com algum índio?

— Não, fiquei numa situação que não posso me unir a nenhum homem até decidirem se sou mestiça ou pura. Para eles tem imensa diferença; se pura, sou como eles, caso contrário, não sou

digna de ficar com um índio puro da mesma etnia.

— Estranho, nunca pensei que uma moça tão bela como você pudesse ser rejeitada.

Aluê ficou paralisada com aquelas palavras, nunca tinham elogiado sua singular beleza, somente aquele homem havia falado nesses termos.

— Vamos voltar, não podemos nos distanciar, poderemos ser pegos e sozinhos será pior. — Argumentou Aluê.

— Está bem, mas não fique pensativa, só falei para saber como são as coisas na sua tribo.

— Você já observou o bastante, devemos voltar agora.

Nesse momento surge na mata o padre a procurá-los.

— Ufa! Ainda bem que os achei, estamos terminando de fazer nosso jantar. Venham! Vamos descansar, amanhã resolveremos como vamos fazer para retirar nossos amigos.

A prisão

A noite chegou trazendo um ar de tranquilidade. As palavras de Rubenito não saíam da cabeça de Aluê. Para ela, aquele olhar calmo e penetrante tocara seu coração. Não acreditava no que estava acontecendo, sentia certa nostalgia por aquele jovem. É verdadeiro o que Aluê sentia, mas lembranças impregnadas no seu periespírito traziam à tona, com toda a força, sentimentos há muito guardados. Não que ela gostasse de Rubenito, mas algo a atraía nele.

— Vamos comer, conversaremos depois sobre o que fazer. — Disse o padre. — Rubenito, faça uma fogueira às proximidades daquela árvore.

— Sim, padre, mas preciso lhe falar.

— O que desejas?

— Quero lhe falar sobre um sentimento.

— Qual? Não me diga que está apaixonado, no meio desta selva.

— Perfeito, o senhor leu meus pensamentos.

— Claro, já havia percebido como olha para Aluê, mas repito, estamos numa missão, é importante nos concentrarmos nela. Quanto à índia, beleza à parte, está nos ajudando a resgatar o capitão e seus homens ou o que restou deles.

— Entendo, padre, o senhor não acha que devo ter esperanças com ela?

— Só digo que precisamos nos auxiliar mutuamente para atingir nossos objetivos. Ademais, mais alguns dias poderemos partir de volta para a África e depois para a Europa. Nossa missão estará terminada. Após encontrarmos ouro e delimitarmos essas terras podemos voltar e anunciar à corte espanhola o novo território que os pertence.

— E se nós não pudermos mais voltar? Como vamos viver aqui?

— Não sejamos pessimistas, devemos partir o quanto antes.

— Está bem, padre, mas meus sentimentos por Aluê são sinceros, acho que devia lhe confessar.

— Rubenito, entendo, não é hora, mais adiante poderei lhe dar outros conselhos.

Os dois voltaram para o grupo. Após o jantar todos se reuniram para discutir o melhor meio de entrar na tribo e retirar os companheiros de viagem.

— Está bem aqui a entrada da tribo. — Explicou o padre. — Estamos bem próximos, acho que, após acordarmos, devemos nos aproximar por esse lado e ver como eles estão, se presos em alguma cabana ou amarrados em algum local. Para isso conto com ajuda de Aluê, que com seus dons de canto, imitando pássaros, pode nos alertar se estamos sendo vigiados por alguém. Ela ficará na retaguarda com um índio. Nós três e o Ruan iremos nos afastar pelo lado norte da tribo próximo da cachoeira.

Tudo parecia perfeito, imaginavam que seria fácil resgatar os marinheiros.

— Diga ao índio para ficar bem próximo do chefe deles, mas por trás.

Aluê deu as ordens aos da tribo e todos partiram ao encontro da área demarcada. Três assovios de pássaro seria o alerta de que algo não estava bem. Seguiram para o local.

— Aluê, fique aqui, estamos bem próximos.

A índia subiu em uma árvore para melhor observar as cercanias. Ao longe viram fumaça e o movimento dos índios e prisioneiros.

O padre seguiu uma trilha recém-aberta que dava direto nas cercanias do local, e deparou-se com Diogo Álvares amordaçado com as mãos amarradas em posição de decúbito e o senhor Smith próximo dele. Não havia mais ninguém os vigiando. Também, com tanta festa no dia anterior, a maioria estava dormindo ou em afazeres locais, alheios a qualquer preocupação de vigilância.

— Psiu. — Fez o padre.

Diogo Álvares ouviu, olhou discretamente para trás e arregalou os olhos ao ver o sacerdote. Fez gestos com a cabeça para não

ficarem ali.

— Padre, o que significa isso?

— Ele quer que voltemos. — Disse Rubenito.

— Acho que não, vamos observar o que vai acontecer.

De repente, os dois observadores foram surpreendidos por uma dupla de homens armados atrás deles. Foram pegos pelos guerreiros daquela tribo, que faziam negócios com homens brancos. Foram batidos e empurrados até o centro da tribo.

— O que é isto? Quem são vocês? — Interrogou o senhor Castilho, homem de descendência europeia que fazia negócios com a tribo.

— Somos do Aragosa, sou o padre e ele é o marinheiro.

— São mais dois que irão ser sacrificados pelos índios. Como vieram parar aqui?

— Seguimos uma trilha, não temos mais como voltar, não decoramos o caminho.

— Vocês estão em maus lençóis. — Disse o chefe da tribo.

— São guerreiros valentes, terão a chance de sobreviver por mais alguns dias. Seus amigos foram poupados porque eles são mais velhos e têm respeito pelo chefe da tribo. Os negros são considerados raças especiais e até poderão sair daqui com vida, esta é a lei deles.

— E o senhor, o que faz aqui?

— Troco com eles armas e munição, dou aula de tiro, me dão em troca pepitas de ouro e pedras preciosas. Sou um negociante de armas. Sejam bem-vindos ao final da vida de vocês.

A retirada

Enquanto isso, no Aragosa, o restante da tripulação passou a sentir dificuldade em estabilizar a embarcação. Primeiro surgiram ondas maiores e ventos de boreste que fizeram com que a nau tombasse mais para o lado. Os dois últimos tripulantes resolveram abandonar o barco, partir para terra e observar o que iria acontecer. Só viram a embarcação flutuar e emborcar de lado fazendo com o que restou do navio fosse aos poucos indo para o fundo do mar. Assim, o Aragosa, com dez anos de serviço para a armada dos países que podiam pagar, foi a pique.

— O que faremos agora? — Perguntou um sobrevivente.

— Ficaremos aqui esperando notícias, caso contrário, iremos atrás do padre porque ele nos deixou a provável coordenada da tribo onde o comandante foi preso.

— Está bem, somos nós contra esses povos primitivos. Só não vamos deixar nossas coisas que restaram à mostra, senão também sumirão. São duas pistolas, algumas ferramentas e utensílios como jarra, copos e pratos.

Foi só o que restou do Aragosa.

— Ficaremos aqui na direção da árvore mais frondosa. Talvez o comandante volte e sinta a falta do Aragosa.

— Fiquemos aqui por alguns dias, falou o outro marinheiro.

— Psiu! — Fez Ruan.

Rubenito, preso e amarrado próximo ao padre, viu seu companheiro fazendo um gesto com o olhar. Deu a entender que era preciso ir embora.

— Rubenito, voltarei de noite. — Sussurrou Ruan.

Ele concordou.

Após as duas horas da tarde o chefe da tribo que aprisionara Rubenito foi falar-lhe em uma linguagem arrastada, tendo como

intérprete o senhor Castilho.

— Vocês serão executados em três dias. — Disse o chefe. — Daremos suas coisas para os porcos. O seu sangue será bebido pelos nossos guerreiros e amigos.

— O que é isso, senhor Castilho, diga que não oferecemos perigo, poderemos trabalhar para eles.

O índio não quis ouvi-lo.

— E agora, comandante? O que faremos?

— Não podemos fazer nada, apenas aguardar que a sorte nos tire daqui. Já chorei e me arrependi de não ter dado ouvidos para aquela escrava. Agora é tarde.

— Não será tarde se conseguirmos fugir daqui.

— Como? Não temos plano nem ninguém para nos ajudar. Aliás, caso consigamos fugir, seremos perseguidos por esses homens selvagens.

— Temos uma chance, sabemos que nosso amigo Ruan e outros índios estão próximos e podem nos ajudar. Aguardemos a noite chegar.

Potarcos, o chefe das entidades más, acompanhava o caso bem próximo de Rubenito, e, sem ser percebido, se deliciava ao ver o grupo prestes a desencarnar. Estava esperando uma deixa para seu antigo aliado e subalterno, Duramin, também sofrer a pena capital. Para isso, enviara dois de seus melhores influenciadores para ocupar a mente fragilizada desses selvagens com pensamentos de destruição dos negros. Iria ajudar para ocorrerem deslizes e serem logo acusados de destruidores ou pessoas que trouxeram má sorte à tribo.

— Ah! ah! ah! Estão todos próximos da destruição. O fim está a um passo. Somente eu tenho a capacidade de exterminá-los. Logo Nerfando, ou Duramin, voltará ao nosso meio.

Sem serem percebidos, os amigos envolvidos pela misericórdia divina observavam toda aquela cena e agiram naquela noite para que o grupo conseguisse se libertar do cativeiro.

— Olhem! Dentro de pouco tempo, próximo das onze horas da noite, nossos irmãos, em desespero, terão a ajuda e a chance de fugir. Faremos como nos comprometemos para pôr fim a essa

prisão. Irmãos, oremos para que o Divino amigo nos sustente nessa prova que nos confiou. Estejamos à disposição do Mestre que, na sua infinita bondade, permitiu que nossos irmãos, em prova terrena, tivessem a chance de se libertar dos seus males: cobiça e inveja. Quando fomos mandados para observá-los, ficou claro que Diogo Álvares tem uma personalidade desbravadora, mas seu ódio interno, camuflado pelas suas belas feições, não permitiam que seus companheiros de viagem percebessem o quanto não tinha respeito pelos seus comandados. Para ele, os marinheiros não passavam de seres inferiores a serviço da armada espanhola. Não sentia compaixão por nenhum deles e por isso resolveu fazer aquela expedição por terra à procura de ouro e riquezas.

Eram duas horas da manhã e um suave assovio, imitando um pássaro, foi ouvido. Era o sinal que os homens presos queriam ouvir. De repente veio o índio da tribo de Aluê se esgueirando e cortou as amarras do punho de Diogo Álvares. Em seguida, libertou os demais.

— Onde está Aluê? — Perguntou Rubenito.

— Ela está lá atrás, foi libertar os negros.

Para ela seria um salvo-conduto porque eles não seriam perseguidos. Achava que uma vez libertos não causariam a intenção da tribo rival de persegui-los. Desta forma, todos foram libertados, com exceção do senhor Smith, que foi acometido de morte súbita.

A fuga

Nada que Duramin falou foi o suficiente para convencer Diogo Álvares quanto a essa expedição.

— Fiu, fiu. — Duramin ouviu. Era Aluê atrás de frondosa árvore a assoviar.

— O que é isso? Acorde Aramin, estamos sendo chamados.

— Quem? — Falou Aramin.

— Acho que é uma índia.

Aluê se aproximou com um objeto cortante pedindo silêncio. Cortou a corda dos pés e das mãos de Aramin e Duramin e os chamou para segui-la. Foi nesse momento que se deu o alarme de que os presos estavam fugindo. Houve gritaria e corre-corre no meio da noite. Aramin, Aluê e Duramin seguiram um caminho diferente de Ruan e os outros libertos. Acenderam tochas e colocaram os batedores para sentir no ar o cheiro dos fugitivos.

— Nada, senhor. — Falou Rubenito, escondido próximo a um monte cheio de vegetais.

— Deixem suas armas engatilhadas para esses primitivos.

— Temos pouca munição, não o suficiente para atingir vários deles. — Falou um dos marinheiros.

— Padre, o que o senhor acha, devemos ficar aqui ou prosseguir para longe?

— Vamos ficar e esperar, talvez Aluê esteja precisando de nós.

Aluê conseguiu escapar junto com os escravos para uma zona de maior conforto porque conhecia melhor a região, contudo decidiu esperar amanhecer para procurar o outro grupo no local preestabelecido.

— Como se chamam? — Perguntou Aluê.

Com uma linguagem arrastada e pouco entendida, Duramin respondeu:

— Sou Duramin e ele é Aramin.

Ao olhar aquele jovem negro, Aluê sentiu uma certa atração.

— Sou Aramin, somos gratos.

Eles se abraçaram, um calor humano contagiou os dois e cada um sentiu-se protegido e feliz com aquele encontro.

Após breves segundos, ouviram ruídos de galhos se quebrando, movimento de quebra de plantas e sons de vozes ao longe. Imediatamente o grupo ficou quieto e observou ao redor.

— Castilho, estamos cansados, faz algumas horas que estamos procurando, mas não encontramos os fugitivos. — Disse um dos comparsas.

— Fiquem quietos e tragam mais tochas, não sossegarei enquanto não localizá-los. O chefe quer vê-los presos ou então vão achar que aqueles negros são prenúncio de má sorte.

— Chefe, me diga, não podemos deixa-los fugir e não vê-los mais?

— Claro que não, fique calado, eles são a garantia de que seremos pagos. Eles precisam de nossas velhas armas.

Feito esse comentário, o grupo de malfeitores continuou a abrir caminho nas matas e a observar a presença de alguém estranho. Estavam todos escondidos. O sol apareceu com esplendor.

— Venham! — Aluê chamou os escravos para percorrerem a trilha escondida na mata.

Partiram à procura da tripulação do Aragosa. Após o meio-dia o grupo atingiu o riacho que seria o ponto de encontro caso fossem obrigados a se separar. Apesar do cansaço, Aluê e os escravos continuavam a sorrir e a se entrosar como se fossem irmãos. Ficaram às proximidades da água e, enquanto Duramin fora buscar lenha, Aramin olhou a índia e falou arrastado:

— Não vejo outra maneira de fugir.

— Vocês não vão longe. Essas terras são grandes e não tem como fugir com facilidade. — Afirmou Aluê.

Duramin observou o casal e disse:

— Fiquei triste em saber que não podemos voltar para casa.

— Não desanimem. — Disse Aluê, fazendo gestos e movimentos com as mãos.

Diogo Álvares e seu grupo corriam, quando podiam, e rumavam na direção do riacho, mas foram surpreendidos pelos perseguidores. Houve luta corporal, porém devido ao pequeno número de sobreviventes do Aragosa, foram novamente presos e amarrados.

— Devemos executá-los, agora? — Perguntou um dos primitivos.

— Não, deixemos o chefe decidir. — Respondeu Castilho.

Enquanto isso, Portarcos, não satisfeito, gritava de raiva ao perceber que faltava no grupo a presença de Nerfando.

— Como eles escaparam? Estava certo que seriam mortos.

— Tem uma índia que, com sua luz, não permitiu que nossas intenções fossem alcançadas. — Justificou um de seus comparsas.

— Saíam daqui, seus incompetentes! — Gritou Portarcos. — Olha só esta! Deixamos por alguns momentos esses subalternos a sós e vejam o que eles aprontam? Será que eu mesmo terei que pôr o plano em prática?

— Abram caminho! Logo chegaremos ao acampamento.

Agora, era Ruan que não aguentava mais todo o desgaste do trajeto.

— Estou cansado e com sede. — Falou Rubenito. — Falta muito para chegarmos? Seria melhor que nos matassem logo, pois acabariam com o nosso sofrimento.

— Calem-se, seus tagarelas! Não veem que estão gastando forças?

O grupo continuava sendo levado para a tribo.

Aluê continuava a olhar Aramin e logo tinha pensamentos de alegria ao ver o negro tentando falar-lhe.

— Deixe que eu ajudo você. — Disse Aramin.

Duramin começou a visualizar elementos estranhos na natureza. Seriam vultos de pessoas já desencarnadas no meio da floresta? Ela questionava tudo aquilo.

— Será que isso é o início do fim?

Portarcos ordena aos espíritos de baixa vibração para vigiarem o grupo de Aluê, ou Antônia.

Nova tentativa

Portarcos deixou claro as ordens: queria que Nerfando morresse logo e voltasse para o meio deles, afinal ele desaparecera em missão na crosta terrestre fazia tempo.

— Como você acha que sairemos daqui? — Perguntou Duramin.

— Voltaremos logo para a tribo; conheço o caminho, apenas devemos esperar mais algum tempo a chegada dos outros.

O tempo ia passando e nada, nenhum sinal do grupo de Rubenito e o padre.

— Fiquem aqui, vou averiguar se eles foram presos novamente.

Aluê voltou a procurar o acampamento dos primitivos. Seu comparsa olhou por todos os lados e viu um rastro grande que levava de volta ao centro do cativeiro.

Ela pensou: “Não vou poder libertá-los sozinha, voltarei com mais guerreiros.” Aluê se distancia e volta para pegar os outros fugitivos.

— Venham, voltaremos depois, eles não conseguiram fugir.

O grupo se deslocou rumo à enseada.

— Olhe! — Exclamou o marinheiro. — Só os escravos, mas cadê os outros?

Logo que chegaram foram dizendo o que aconteceu.

— Ficamos presos, mas nos libertaram. Aluê nos salvou.

Os dois últimos tripulantes do naufragado Aragosa contaram, resumidamente, o destino da embarcação. Agora não tinha jeito, teriam que ficar naquele lugar por um longo tempo.

— Senhor, temos que salvá-los. — Falou Aramin, pois havia uma simpatia com a tripulação em cativeiro.

— Não podemos fazer isto a sós. — Respondeu Ítalo, um dos marujos.

— Pediremos ajuda a Aluê.

Ela permanecia próximo a eles acompanhada de outro índio.

— Então vamos agora. Acamparemos perto deles e tentaremos resgatá-los de madrugada.

— Todos concordaram e foram falar com Aluê.

— Poderemos partir e ficaremos próximo ao riacho, o resto é com vocês. — Ela decidiu.

O grupo partiu em direção aos selvagens. Chegaram ao riacho tarde da noite e aguardaram o silêncio da madrugada.

Ítalo e seu companheiro, com ajuda de Aluê, seguiram a trilha. Chegaram ao local quase pela manhã. Estavam cansados da jornada e resolveram descansar. Foi o suficiente para dormirem e serem despertados por um ritual de noite. Observavam os guerreiros portando lanças e dançando próximo do lugar onde estavam os presos.

— O que faremos? — Perguntou o marujo para Ítalo.

— Temos que agir agora para que nossa tripulação não seja dizimada. Eles avançaram corajosamente para o centro da tribo, atirando e acertando dois primitivos. Todos correram, não esperavam um ataque surpresa. Foi o suficiente para libertarem Diogo Álvares e os demais, que correram em direção à mata. Rubenito não olhou para trás, só pensando na distância do local inicial. O padre logo veio atrás.

— Rubenito, o que faremos? Para onde vamos? — Perguntou o padre.

— Estamos no rumo de um riacho, este era o local do encontro.

Ao mesmo tempo ouviram passos em sua direção. Eles ficaram atentos e viram o casal de negros próximos.

— Olhe, é Duramin e Aramin, vamos falar com eles.

Os dois correram ao encontro dos negros e abraçaram-se com eles.

— Finalmente encontrei-os. — Falou o padre.

— Estamos esperando vocês. — Falou Aramin.

Rubenito ficou muito alegre em poder ouvir a voz dos negros. Ele pensou: “Estou vivo, que maravilha!”

Portarcos e seu grupo já se aproximavam do local, que passou a emanar fluidos deletérios capazes de atormentar o pensamento

dos invigilantes.

— Deixem-nos aqui e vamos embora. — Falou Aramin.

Duramin estranhou aquele pedido e observou:

— Não podemos estar sós, precisamos de toda ajuda.

— Podemos voltar agora e deixar que o tempo encontre meios de levar o comandante para a tribo. — Disse Aramin.

Portarcos falou no mundo dos espíritos: “Logo eles cederão, farei com que seus algozes voltem e completem o serviço que não fora feito há vários anos.”

Diogo Álvares continuava escondido nas matas, sozinho, pensou em gritar, mas logo seria localizado se fizesse dessa forma.

— Deixaremos eles aqui e voltaremos depois. — Falou Aluê.

O padre pediu mais um tempo para reunir a tripulação definitiva.

— Está bem, deixaremos vocês procurarem, não poderemos fazer nada. Deixem suas coisas próximas ao riacho e vamos caminhar ao redor. — Falou Aluê.

Ela conhecia bem aquelas paragens. Na infância, fora obrigada a reconhecer os terrenos com potencial de exploração de ouro ou pedras preciosas. Para isso contariam com a ajuda da intuição da pequena índia.

Naquele momento, o padre e Rubenito deixaram o grupo e foram tentar localizar os restantes. Encontraram rastros de sangue e suor.

— Acho que estão por perto. Veja, Rubenito, esses rastros, tem alguém ferido nas proximidades.

Finalmente encontraram o capitão quase desacordado, com um ferimento de lança na altura do ombro esquerdo.

— Finalmente me encontraram. E os outros, onde estão? — Perguntou Diogo Álvares.

— Estão próximos, tenho certeza. — Respondeu o padre.

— Sabe, Rubenito, acho que devemos pensar em voltar para casa. Esta é a minha vontade. — Disse o padre.

A floresta de ouro

Duramin observa as atitudes de Aramin; ela percebera que ele estava sendo alvo de um companheiro espiritual que soprava um ar em seus ouvidos, e achou que aquilo poderia estar influenciando-o.

— Aramin. — Falou Duramin. — Me diga, está sentindo algo estranho?

— Não, apenas calafrio, acho que vou adoecer. Por quê? Está querendo me dizer algo?

— Sim, que você já está doente.

— Como? Você está vendo algo de ruim?

— Vejo um homem do seu lado, acho que está influenciando-o.

— Não brinque comigo.

— Sério, não estou de brincadeira.

Aramin ficou pensativo. De repente surgiram fugitivos no cenário.

Rubenito, acompanhado do padre, e Diogo Álvares ferido, mas lúcido.

— Como encontraram ele? — Perguntou Aramin.

— Estava jogado nas matas, agora falta Aluê e os demais marinheiros. — Respondeu Rubenito.

— Fiquem aqui com o comandante, irei ver se encontro Aluê próxima da tribo. Padre, o senhor vem comigo?

— Sim, claro, fiquem aqui, não queremos demorar.

Os dois partiram novamente para a região dos primitivos.

Portarcos não se convencia. Para ele, aquela fuga deveria terminar logo. Ordenou aos seus seguidores:

— Vamos em direção da tribo, façamos com que aqueles marinheiros que libertaram o grupo sejam logo localizados. Influenciaremos os guerreiros a procurar nas zonas do norte.

Passava do meio-dia e o sol da tarde ardia nos rostos de Rubenito e do padre.

— Olhe, estamos próximos.

Rubenito ouviu um assovio de pássaro. Era Aluê dando sinal de que estava viva e os observava.

— Onde ela está? — Perguntou o padre.

— Perto, se ela nos vê é porque estamos próximos a ela.

Nesse momento surgiram dois marinheiros correndo em direção sul a distância da dupla.

— Olhe, padre, eles estão indo para o lado contrário.

— Fiu, fiu. — Rubenito assoviou.

Eles não ouviram e continuaram a correr, mas alguns primitivos corriam atrás deles.

— Deixe-os, não podemos fazer nada. Aguardaremos Aluê nos encontrar. — Falou Rubenito.

— “Pai Nosso, que estás no céu...”

O padre começou a rezar.

— Padre, me responda, o senhor acha que Deus, nestas matas, poderá ouvir nossas preces?

— Claro, Rubenito, Ele está em todos os lugares, nas plantas, no ar que respiramos, nos animais próximos a nós.

— Fico na dúvida, mas vou esperar sair daqui para cantar de alegria.

Ouviram passos, era Aluê se aproximando. Rubenito, ao vê-la, corre em sua direção e a abraça efusivamente.

— Querida, quanta saudade! Como não pude esquecer-te, me sinto aliviado em tê-la próximo.

Aluê, envergonhada, fala para Rubenito:

— Estou bem, só preciso de um pouco de repouso porque a última noite foi cansativa. Aluê desmaia nos braços de Rubenito.

— Padre, me ajude, precisamos levá-la de volta.

Os dois carregaram Aluê para as proximidades do riacho.

— Olhem! Lá vem os dois e a índia nos braços deles. — Comentou Aramin/Artemides.

Duramin, ou Nerfando, correu para acudi-los.

— Tragam-na aqui. — Falou Duramin. Com seus fortes

músculos, Aramin carregou Aluê para próximo do riacho e passou a colocar água no rosto dela.

Trouxeram um pouco de comida fresca, caçada há pouco. Colocaram um pouco de sal em sua boca. Aos poucos a bela índia foi despertando do desmaio.

— Como vim parar aqui?

— Eles a trouxeram. — Respondeu Aramin.

Sem perceber que estavam sendo observados, Aramin beija a testa de Aluê.

— Saia! — Gritou Rubenito. — Não precisas ficar aí com ela.

— Mas patrão, ela está reagindo com que lhe dei.

— Não seja ingênuo, ela está despertando porque está se refazendo.

Aramin olha entristecido por ter que deixar aquela índia e diz:

— Sim, patrão, estou à sua disposição.

— Vá buscar lenha. A noite vai surgir novamente. Traga mais sal para fazermos nossa comida.

— Sim, senhor.

Passava das seis da tarde e os dois marujos que os ajudaram a fugir não apareciam.

— Padre, devemos espera-los ou voltaremos para a tribo sem eles?

— Vamos esperar até que o último homem apareça.

Venham cá. — Chamou Diogo Álvares. — Tenho algo a dizer. Eles têm muito o que guardar, as minas que eles têm nos deixariam ricos para o resto da vida. Padre, traga-me um mapa, vou dizer onde ficam as jazidas.

Com uma luz de tocha, ele demarca a área das riquezas.

— Estive lá várias vezes, tínhamos que carregar alguns sacos de pedras que depois se transformariam em armas para os índios.

Diogo Álvares interrompeu seus pensamentos e falou alegremente:

— Vamos voltar e ficar ricos!

O padre e Rubenito entreolharam-se e ficaram pensando no que fazer.

— Aluê, quantos homens você acha que tem essa tribo?

- Uns oitenta.
- Então, vamos!

Os interesses

As matas onde nasceriam a nação brasileira eram ricas de animais e flora exuberante. À medida que a noite chegava, os pássaros se acomodavam nas árvores. Podia-se ouvir o som do uirapuru e outras espécies formando uma melodia ritmada e harmoniosa, o que trazia paz no coração e acalmava os animais. Aquele grupo de aventureiros estava cansado. Cada frase, comentário ou suspiro era motivo para pensamentos controversos. Uns queriam a liberdade, como os escravos; outros queriam desfrutar das riquezas do novo mundo, e havia os índios, juntamente com Aluê, que queriam a paz entre as tribos. Situações vividas naqueles momentos afluíam sentimentos diversos e antagônicos que trariam à tona personalidades cheias de amor, ódio e de cobiça.

— Voltem aqui! Já é noite! — Falou Duramin, em palavras retorcidas.

— O que esta escrava está nos dizendo? — Perguntou Diogo Álvares.

— Calma, ela está só querendo nosso bem. É tarde, não encontraremos a trilha nessas condições. — Disse Rubenito.

— Da próxima vez é melhor eles ficarem calados. — Sugeriu o capitão.

— Já é hora de descansarmos, Aluê não tem condições de voltar. Além do que, os marinheiros que nos libertaram ainda não voltaram. Pode ser que estejam presos ou perdidos.

— Não me interessa, devemos voltar e ficar ricos, muito ricos. — Respondeu Diogo.

— Calma, capitão, devemos voltar, mas o senhor está ferido e parece estar com febre. Aluê vai nos ajudar assim que ela melhorar. Tenho certeza. — Falou Rubenito.

Todos se deitaram em volta da fogueira. O padre, pensativo, avaliou que deveriam voltar para encontrar os marinheiros e o resto da tripulação, mas não levar o ouro que tanto aqueles homens queriam.

— Rubenito, venha cá. — Chamou Aluê.

— O que você deseja?

— Quero que peça a Aramin para me trazer um cobertor e água, farei um curativo com ervas da mata no ferimento do capitão. Tenho conhecimento do assunto.

— Perfeito. — Falou Rubenito. — Mas posso ajudá-la a procurar as ervas agora à noite, não precisa de Aramin.

Percebendo o interesse de Rubenito por ela, Aluê despistou e disse que se sentia cansada, deixaria para o amanhecer a procura da medicação.

Rubenito não parava de lembrar as feições daquela índia; pensava em seus ideais de levá-la para a Europa e transformá-la em uma princesa. Estava preparando palavras elogiosas e galanteadoras para dizer assim que tivesse oportunidade. Ao mesmo tempo, Aramin também a admirava. Apesar da dificuldade de comunicação, ele sentia por ela um apreço e admiração. Aluê dividia seus sentimentos para Rubenito: respeito e alegria ao vê-lo, mas, por Aramin, creditava os mais sinceros desejos e afeições. Um conflito emocional antagônico entre aqueles dois homens.

Durante a noite, Rubenito pensou que o ideal era retornar à Europa com bastante ouro e poder. Assim poderia ter conforto e desfrutar de uma boa vida até o seu fim.

Aluê tinha o sonho de ser mãe, cuidar dos filhos e viver na tribo com seus familiares até o fim dos seus dias. Desejos inversos.

Aramin queria a liberdade e, se possível, levar aquela índia. Duramin, sua companheira, deveria aceitar aquele caso a contragosto: um homem e duas mulheres. Mas não foi assim que os acontecimentos evoluíram.

Pela manhã, após o alimento inicial e o banho nas águas do riacho gélido, Aramin foi convocado por Aluê para pegar umas ervas nas proximidades ajudando-a e protegendo-a nessa tarefa.

Isso foi suficiente para despertar ciúme em Rubenito, que percebera uma afeição da índia pelo jovem escravo. Ele acompanhou preocupado o distanciamento do casal.

— Rubenito, vou lhe mostrar no mapa, o local das minas. — Falou Diogo.

— Está bem, mas não deveremos nos demorar; se tivermos que pegar ouro e pedras é melhor localizar na tribo onde eles guardam. É melhor do que termos que procurar nas cavernas próximas.

— Mas isso é roubo. — Disse Diogo, acompanhado do padre.

— Não, padre, isso é pegar algo que nos pertence, afinal é uma indenização, e teremos que voltar para a Europa sem a nossa tripulação porque fomos dizimados por eles. — Argumentou Rubenito.

Estava certo que Rubenito se empolgou com a possibilidade da riqueza, mas não era esta a intenção do padre, que queria apenas localizar os outros homens. Diogo Álvares aceitou o argumento do subalterno.

— Bom garoto. — Falou Diogo. — A partir de agora és meu imediato, visto que o senhor Smith não se encontra mais aqui. Voltemos aos planos. Sei onde eles guardam o material que recolheram nas minas. Deixe-me localizar aqui no mapa. É bem aqui, vejam, é aqui que eles guardam. — Apontou para a mata próxima.

Novo ataque

Rubenito estava definitivamente apaixonado por Aluê, porém a recíproca não era verdadeira. Sentia dúvidas no seu sentimento, mas sabia, em seu íntimo, que Aramin possuía a preferência do amor dela.

O dia passou muito rapidamente com Diogo Álvares agitado, tecendo planos com Rubenito para atacar as reservas de ouro e pedras dos primitivos. A tribo de Aluê era atrasada nesse quesito e se contentava com o que a natureza oferecia.

— Rubenito, meu imediato, olhe aqui os detalhes: seremos rápidos. Quando a noite alcançar altas horas estaremos longe daqui prontos para pegar o barco e voltar para a Europa.

Nessa altura dos acontecimentos, eles não sabiam que a embarcação fora a pique, somente os marinheiros tinham o conhecimento. Largaram tudo, foram direto para a floresta à procura do casal Aluê e Aramin, pois fazia algum tempo que estavam fora do alcance dos aventureiros.

— Olhem, lá estão os dois. — Falou o padre.

— Voltem, estamos prontos para partir. — Falou Diogo. — Vamos à procura do ouro e depois do resto da tripulação.

Aluê se assustou com aquela ordem e falou:

— O senhor está com febre e ferido.

— Não importa. — Disse Diogo. — Estou pronto para buscar o que é meu e de Rubenito.

— Padre, diga a ele que não tem condições, agora que consegui a erva para curá-lo.

— Não seja tola, estamos a um passo de nos tornar ricos.

Neste momento, Diogo cai com uma flechada próximo ao ombro e grita de dor.

— Abaixem-se! Estamos sendo atacados.

Rubenito atira com sua pistola em direção oposta aos agressores. Eram os índios da tribo rival dos primitivos, um outro grupo que vivia em litígio com os exploradores.

— Rubenito, abaixe a arma, não vê que temos pouca munição? Temos que esclarecer quem são eles. — Falou o padre.

— São da tribo dos Aruês, eles não gostam que invadam suas terras e sempre destroem nossas armadilhas. — Disse Aluê.

— Não me interessa, atire Rubenito, ali próximo da árvore.

Rubenito atinge um índio com um tiro certo. Foi o suficiente para, entre gritos, os atacantes recuarem.

— Vamos embora daqui! Não aguento toda essa gente. — Falou Diogo com febre e ferido nos dois ombros. — Carregue-me!

— Não posso, comandante, temos muito peso para levar, principalmente após pegarmos o ouro.

— Não me deixe aqui! Imploro.

Ouvindo isto, o padre roga aos demais para não deixarem o capitão naquelas condições.

— Ora, está bem, chamem os negros e vamos para o outro lado do riacho próximo da caverna onde os exploradores e primitivos escondem a nossa fortuna.

Era irônico como na mente adoecida de Diogo Álvares e do hipnotizado Rubenito, os pertences dos primitivos eram como se fossem deles. É assim que acontece com as sociedades sem líderes religiosos sensatos, sem moral e sem razão de ser, deixando a ilusão comandar seus atos. Voltemos à história.

Lentamente, após algumas horas, o grupo se desloca pela floresta fechada até atingir o local marcado por Rubenito.

— Bem, padre, aqui é o suficiente. Fiquemos alertas a outro ataque.

Aluê se mostrava preocupada com as atitudes de Rubenito, que não parava de olhá-la como se fosse um vigilante. Duramin, já cansada, passa a ver vultos de espíritos na floresta, os protetores do local, que guarneciam a mata virgem e se nutriam do magnetismo que o ambiente fornecia. Eram de boa intenção, faziam uma barreira com suas emanções positivas. Portarcos e sua turma não tinham medidas de apoio à expedição, pelo

contrário, queriam que aquele grupo logo desencarnasse para poderem reaver seu antigo subalterno, que agora se chama Duramin.

— Tirem esses empecilhos espirituais daqui. — Reclamava Portarcos. — Deixem o caminho livre para nossa ação.

— Sim, mestre, obedecemos a sua vontade. — Falou um subordinado.

— Tragam aquele grupo de atiradores de volta e o induzam a fazer um novo ataque. Eu quero Itarcos nas minhas mãos. — Gargalhava o chefe.

— Sim, mestre, eles não têm chance contra essas armas de fogo.

— Ótimo, assim teremos mais almas desencarnadas, quero que sejam muitas. — Ria Portarcos.

Com essa ordem de Portarcos, criou-se um dos piores climas naquela floresta. Os animais, pressentindo o conflito humano próximo, corriam em diversas direções, pássaros voaram e uma rajada de vento foi sentida por todo o grupo de Rubenito; estavam pensando que algo de errado poderia acontecer.

— Corram! Vamos nos proteger naquela caverna próxima. — Disse Rubenito.

Todos correram na direção indicada. Logo passaram a ouvir os zumbidos de flechas serem atiradas contra o grupo.

— Rubenito, corra mais rápido. — Falou Aluê e ele, sentindo mais força, levou Diogo em seus braços.

O abrigo

Entre flechadas e tiros de pistola, o grupo liderado por Rubenito encontrou-se acuado numa pequena caverna com Duramin a evocar seus protetores espirituais para ajudar todos em desespero.

Foram ouvidos pelos espíritos protetores da floresta que, percebendo o conflito, decidiram influenciar os animais restantes a produzirem sons contínuos, como um alerta, de que invasores do território estavam trazendo perigo ao local. Assim se procedeu. Portarcos, não satisfeito, tentou neutralizar o ambiente com cargas deletérias, o que fora contido pela espiritualidade maior, que o acalmou com fluidos benéficos. Era totalmente inacreditável, uma batalha lá e aqui, no invisível e visível, um verdadeiro duelo onde o bem estava superando o mal. Foi quando, de repente, os uivos de cachorros do mato passaram a ser ouvidos pelos índios. Os mesmos bateram em retirada com receio de ataque destas feras pouco domadas. O Brasil contava com larga ocupação de terras por índios que, provenientes do hemisfério norte, vieram em retirada, séculos antes, fugindo da cultura de outras tribos mais evoluídas que os subjugavam. Com eles trouxeram o hábito e os costumes de povos dominadores. Ao chegarem a essas regiões, passaram a usar os conhecimentos de agrupamento e reuniram as famílias rudimentares em clãs que culminaram em diversas etnias e passaram a dominar vários territórios de uma nação que se chamaria Brasil. Para eles, essas terras eram consideradas sagradas por deuses descendentes de culturas americanas do norte, apenas com variações de ideias diferentes, como o deus do ar, que para eles, seria uma representação feminina.

Bem, mas culturas à parte, daremos prosseguimento ao relato

dessa trágica, mas não menos emocionante viagem no tempo.

— Duramin, me diga, o que você acha? — Perguntou Aramin.

— Só sei que algo nos protegeu. — Respondeu.

— Então temos chance de sair e ir embora daqui?

— Os espíritos não me dizem, temos que achar um caminho para nós mesmos.

— O que vocês estão fazendo? — Perguntou Rubenito.

— Patrão, estamos pensando em um jeito de sair desta enrascada. — Respondeu Aramin de modo rebuscado.

— Não me diga que, a partir de agora, vocês sabem pensar. — Falou rispidamente o jovem aventureiro.

— Não, patrão, só penso que poderemos ajudar.

— Ah! ah! ah! Agora temos outros seguidores e com ideias.

— Saiam daqui! Preciso descansar. — Gritou Rubenito.

Eles foram se alojar numa área próxima sem ter chance de convencer os exploradores a outras manobras, como fugir de noite em direção ao rio, e com isso navegar até o mar. Esta era a primeira intenção dos escravos.

— Vamos voltar e pegar as riquezas destes primitivos. — Falou Diogo.

— Calma, capitão, agora não temos condições, a noite chegará logo, temos que nos alimentar e descansar; ademais, estes índios rivais logo poderão voltar.

Portarcos não se conformava que Itarcos, ou Duramin, ainda estivesse vivo.

— Seus vermes, olhem o que fizeram, de repente fugiram, não podemos confiar nesses índios. — Reclamou.

— Chefe, faremos tudo de novo, traremos os primitivos até aqui para prender e exterminar este grupo.

— Façam rápido, influenciem o outro grupo e eles não terão escapatória.

— Deixe disso Portarcos. — Falou Excelcior, um espírito vindo de regiões mais puras, tentando proteger o grupo de Rubenito.

Dito isso, Portarcos bateu em retirada assustado com tanto apreço que aquele espírito evoluído emanava.

— Fora daqui! Todos! Não fiquemos mais, isto é uma cilada. —

Gritou Portarcos.

Foi assim que, para alívio geral, inclusive dos benfeitores da floresta, aquela noite foi calma e relaxante; com as aves noturnas emitindo sons agradáveis e os grilos a cricrilar em alto e bom som, sem medo dos homens invasores. Era paz e tranquilidade, ordem e amor da natureza, como Deus permitiu na criação.

Novos planos

Durante aquela noite agonizante, o grupo de Aramin não tinha esperança de sair dali com vida, somente Duramin que, por meio de seus guias, se referia ao quanto era necessária a harmonia de objetivos daqueles homens tão diferentes.

— Patrão. — Falou Aramin a Rubenito. — Por que não vamos pelo rio até o mar? É fácil fazermos uma canoa, essas águas são calmas, certamente não teremos problemas em andar de noite no barco.

— Negativo! Daremos uma volta por terra e vamos encontrar o local onde eles guardam a nossa fortuna.

Rubenito rendia homenagem aos seus ideais de riqueza. Com isso, chamava os espíritos da mesma faixa vibratória.

Portarcos não esperaria o amanhecer para pôr em prática seu plano de influenciar a tribo primitiva a localizar e exterminar o grupo de Diogo Álvares.

— Céus! Não temos mais provisões. — Falou Aramin.

— Não me venha com esta notícia. — Respondeu Rubenito, assustado.

— Acho que devemos ir logo embora com o que nos resta.

Rubenito se levantou e passou a falar com Diogo Álvares, abatido pela dor de duas flechadas, cujos ferimentos começavam a infeccionar.

— Certo, Rubenito, vamos agora, delirava o capitão.

— Agora não podemos. Temos que esperar o raiar de um novo dia. — Rebateu Rubenito.

— Chamem Ruan para buscar mais lenha, e diga para levar o negro Aramin.

A poucos passos de distância, Aluê, pensativa, tentava agrupar as próprias ideias. Chegou à conclusão que seriam necessários

meses de preparação para realizar o intento que Diogo Álvares: retirar o ouro e as pedras preciosas dos primitivos sem que eles soubessem. “Mas como?” Pensava:

— Rubenito, tenho uma proposta a fazer para o seu bem e de todos na tribo.

— Não me venha com meias palavras.

— Devemos nos reunir nesta caverna próxima à tribo dos primitivos. Dali até o centro da tribo são cerca de sessenta metros de distância. O centro dela possui uns buracos feitos por eles para enterrar ossos de restos de animais consumidos, pois eles acham que com isso terão mais comida no outro dia. Para eles, esse procedimento é sagrado. Após atingirmos os buracos, faremos uma descida até a metade do poço e cavaremos mais um pouco para que eles não nos percebam. Ganharemos tempo até o amanhecer e ficaremos quietos até eles irem embora. Ficarão só as mulheres, como de costume, para os afazeres da tribo, como comida e bebidas locais. Sequestraremos elas e deixaremos indicação que fora a tribo rival deles que fez o serviço. Deixaremos as marcas e restos de adereços dos índios, abatidos por nós, que ficaram na clareira. É lógico que eles partirão em direção à tribo rival, que fica a um dia e meio de caminhada pela floresta. Assim ganharemos tempo para voltar às minas e recolher todo o ouro e pedras que queiram pegar. Depois é só fugir para o lado da floresta que dá acesso ao mar e à praia. Pegaremos os botes e rumaremos para o navio. Deixaremos as mulheres, que são em número menor, próximo da enseada e levaremos o que pudermos para longe daqui. O que acham da minha ideia?

— Fantástica! como você é esperta. — Falou Rubenito, meio enfeitiçado por ela.

— O que farei? — Perguntou Diogo Álvares.

— O senhor ficará próximo de nós na caverna e permanecerá lá até concluirmos o serviço de retirada do ouro.

— E se vocês forem embora e me deixarem?

— Não podemos fazer isso oficial, o senhor é quem sabe navegar pelos oceanos.

— Tem uma certa lógica. — Respondeu o navegador.

Aluê queria, na verdade, se livrar dos exploradores dando o que eles queriam: as riquezas que só os serviam. Aramin, ouvindo isso, reclamou:

— E nós, o que faremos?

— Vocês virão conosco porque precisaremos de ajuda para retirar as pedras brilhosas. — Disse Rubenito.

— Está bem, concordo. Mas o que faremos se formos descobertos? — Perguntou Aramin.

— Deixaremos nos levar, é o nosso fim. — Falou Diogo Álvares, com voz de chefe.

Passaram a noite confabulando a respeito do tamanho do buraco, como descer e fazer novos furos nas paredes laterais, tudo sem levantar suspeita do crime que iriam praticar. Aluê revelou seu talento para o crime, quem diria? Aramin surpreendeu-se, mas deixou levar-se pela paixão embutida na alma.

Outros planos

Os planos concebidos pela mente de Aluê eram uma reprise do que fora feito em sua existência passada, enquanto Antônia. Ela, após perder seu amado, resolveu vingar-se das pessoas que atrapalharam sua vida amorosa. Para isso tentou o suicídio por meio do consumo de veneno, mas só piorou a sua situação física no que concernia à digestão de alimentos. Por fim resolveu vingar-se praticando um assalto à residência da nobre que delatou seu romance secreto com Artemides.

Naquela época em que Nerfando suicidou-se, descobriram a autora do crime; a nobre Antônia foi expulsa da comunidade e nunca mais foi vista nas redondezas. Sorte dela porque o príncipe Raul intercedeu pela amada com a intenção do escândalo não se espalhar e encerrar o caso o mais rápido possível. Para Aluê fluíam tão bem aqueles pensamentos que na sua alma ficou marcado o arrependimento. Agora, uma nova chance fora dada para que o resgate dos débitos fosse feito em coletividade. Seria mais difícil reunir condições favoráveis para esse intento. Porém, a espiritualidade amiga levara vários anos de planejamento minucioso sob a supervisão de Excelsior, o diretor de assuntos reencarnatórios da cidade espiritual Luz Divina. Tal intento era necessário para o reestabelecimento da harmoniosa lei divina de amor e caridade para com os faltosos que infringem a lei de Deus.

Como neste caso, tudo dependeria, no final, da vontade de cada um através do contato íntimo de seus pensamentos perdoar e amar uns aos outros. Vejamos o que se sucedeu:

Era um domingo esplendoroso. Ao sinal de ventos e arvoredos balançando, o grupo de Aramin inicia a sua descida para o local da tribo primitiva munidos de artefatos retirados dos índios

mortos e cristãmente sepultados pelo padre que, durante a cerimônia, rogou ao Criador uma chance para que aquelas almas pecaminosas retornassem à casa do Pai. Naquela época os nativos eram considerados sem alma.

Andaram pela floresta brasileira com muito cuidado para não despertar suspeitas. Aguardaram, com cautela, o anoitecer, e resolveram finalmente acampar próximo da pequena caverna, já marcada num mapa provincial e amador.

— Chegamos. — Disse Rubenito.

— Patrão, estamos longe, veja aqui nesse mapa!

— Ora, negro, não me convença de que estou errado. Estamos no local correto, veja.

Aluê olha para Diogo Álvares, quase desfalecido pelo cansaço da longa manhã de caminhada, tudo pela intenção de ficar rico.

A riqueza transmitia poder sobre os outros e fama para a sociedade europeia. Nos dias atuais, além desses predicados, a vida na cidade tornou-se mais cheia de prazeres rápidos e sem noção, o que leva o ser humano a um imenso abismo entre o seu eu e a realidade que teima em se apresentar à sua frente. Nestas circunstâncias, a lei do perdão e do amor ao próximo tende a ser posta de lado em favor dos prazeres que a vida moderna passa a oferecer. Nesse instante, Aluê observa:

— Ficaremos aqui mesmo, não adianta discutir entre vocês o que está certo. Deixemos a noite cair e iniciaremos a procura da caverna mais próxima do acampamento.

— Está bem, Aluê, mas digo que Aramin está equivocado. — Falou Rubenito, mais amável.

— Sabemos que estamos próximos, sinto o cheiro de carne assando em fogueira. Vejo até um pequeno clarão naquela direção. — Apontou.

Aluê sobe em uma árvore e confirma o que ele diz.

— Deixemos anoitecer mais e passaremos a ter a escuridão a nos proteger. — Observou Aramin.

Rubenito não gostou da observação porque pensava que tudo que o escravo dizia era para chamar a atenção da índia.

— Diogo, o senhor acha que tem condições de esperar aqui ou

na caverna? — Perguntou Rubenito.

— Na caverna estarei mais protegido.

No momento propício o grupo se deslocou ao ponto estudado. Com a ajuda dos céus conseguiram chegar à caverna, deixando o capitão e os índios que acompanhavam Aluê seguindo os restantes para a tão arriscada empreitada.

Sussurros faziam parte das comunicações do grupo e, ao chegar ao poço, perceberam que seus planos não dariam certo porque o buraco já estava demasiadamente cheio e raso, não dando condições para realizar a tarefa. Resolveram se atirar na vala rasa próxima à tenda do chefe dos primitivos. O risco seria bem maior.

O sequestro

Rubenito fala para Aluê:

— Ficaremos aqui até o amanhecer e depois faremos como planejado.

— Aramin, fique ali do outro lado, e Duramin, fique próximo a nós. — Mandou Rubenito.

O objetivo era claro: deixar o negro longe deles e ter oportunidade para ficar perto de Aluê.

— Deixe-me ir, não quero ficar aqui nessa vala, vou para a floresta. Se quiserem me chamem quando tudo terminar. — Disse Duramin.

O grupo se dividiu mais ainda.

— Está bem, saia para lá e não faça barulho. — Cochichou Rubenito.

Durante aqueles minutos, tudo parecia parado. Mas os guerreiros primitivos apareceram da floresta com Diogo Álvares e outros dois índios novamente presos.

— O que é isto? — Falou o chefe da tribo e logo todos se apressaram em acordar.

Aramin observou e correu para trás das árvores à procura de Duramin.

— Sinto cheiro de outros homens. — Disse o chefe.

Diogo Álvares, muito machucado, pede para que os índios o poupem porque estava ferido. Logo os prisioneiros foram amarrados e deixados no centro da tribo.

— Ouro, ouro. — Delirava Diogo.

Aos poucos a tribo voltou ao normal e todos voltaram a dormir.

— É hora de buscarmos outro abrigo. — Falou Aluê a Rubenito.

— Fiquemos aqui. — Respondeu o aventureiro segurando os braços da índia.

— Neste momento, Rubenito beija os lábios de Aluê com força. Ela meio que corresponde, mas logo se desvencilha dele.

— Não, não quero!

— Mas eu te amo, tenho verdadeira alucinação por você, não percebe?

— Não acredito nisso, afinal você vem de outro mundo, sei que lá tem belas mulheres.

— Não como você, seus olhos, seus lábios, seu jeito, tudo me encanta.

Aluê, ainda sem jeito, olhando em direção a Aramin, escondido na mata, diz:

— Agora não. Não tenho sentimentos para com você.

Isto deixou Rubenito confuso e ao mesmo tempo cheio de esperança de conquistar a índia.

— Está bem, deixarei você pensar. — Disse ele.

A noite passou, novos raios solares anunciaram a bela manhã que seria. “Bem-vindo dia! Que seus raios tragam a paz que todos os homens de boa vontade almejam”, pensou o padre, próximo de Rubenito.

— Vi o que você fez. — Falou o padre.

— Não, padre, não fiz nada contra a vontade dela. Por mim ela estaria em meus braços há muito tempo. Sinto amor por ela, só me falta a riqueza para conquistá-la.

— Rubenito, não traia seus sentimentos, percebo que ama a jovialidade dela, mas talvez não a ela como mulher.

— Padre, confesso, não tenho outras palavras; aqui, longe de tudo, faria qualquer coisa por ela.

Duramin e Aramin, atrás das árvores, esperavam um sinal para avançar. Agora os índios iniciavam sua retirada para o trabalho e coleta de frutas, ficando somente um reduzido grupo de homens e a maioria das mulheres.

— Agora! — Ordenou Rubenito.

Todos se levantaram. Duramin e Aramin surgiram da floresta empunhando lanças e Rubenito duas pistolas.

— Vamos liberar Diogo e os índios da tribo de Aluê.

Eles dominaram as mulheres, amarraram os dois homens que

restaram e colocaram em prática seus planos.

Aluê e os índios ficaram tomando conta das mulheres sequestradas e escondidas num local ocupado anteriormente. Diogo Álvares, Rubenito, Ruan e os escravos partiram para a caverna, depósito de ouro e pedras preciosas.

— Ali, capitão, estamos perto. — Falou Rubenito.

Logo que entraram se depararam com um local cheio de pedras preciosas e o ouro almejado.

— Chegamos, ficaremos ricos. Peguemos o que é nosso por direito. — Mandou Diogo Álvares.

— Capitão, o senhor tinha razão, tem muito ouro guardado aqui.

Todos riram e comemoraram. Encheram alguns sacos de pedras preciosas e saíram para a região acertada.

— Capitão, vamos por aqui, não percam tempo, logo notarão que as mulheres foram sequestradas. Virão procurar aqui e perceberão que foram roubados. O grupo tomou o caminho de volta e desapareceu na mata. Aluê e seus companheiros arrumaram um meio de amarrar todas as mulheres para dificultar a fuga e as deixarem a uma distância de um dia de caminhada pelas matas. O plano deu certo.

— Ah! ah! ah! Estamos ricos, uma fortuna está conosco. — Falou Diogo, ainda fraco. — Vamos nos encontrar no local marcado com Aluê.

— Estamos próximos, esperamos Aluê chegar.

— E o resto dos homens? — Perguntou o padre.

— Estão mortos. — Respondeu Diogo.

— Não acredito. Eles devem estar longe, próximo das minas. Vocês viram que outros guerreiros vieram com o capitão de madrugada? Vocês serão excomungados por mim se deixarem esses pobres marinheiros. — Ameaçou o padre.

Duramin sorriu e disse:

— Os espíritos me garantiram que eles estão vivos.

— Viram! Não podemos deixá-los.

Aluê surge com seus parceiros e passam a dialogar:

— Se voltarmos, seremos pegos, eles vão nos procurar, devemos

voltar para nossa tribo.

— Não podemos deixá-los. Ademais, se restaram poucos, devem ser libertados. — Argumentou o padre.

Diante dos fatos decidiram procurar os demais.

O recuo

A discussão se acalorou mais entre o grupo, pois o padre continuava a insistir em retornar e libertar os prisioneiros.

Quem era o padre?

Jesuíta de convicção, terminou os estudos religiosos num monastério próximo à cidade de Alhambra, na Espanha. Logo no final pediu para acompanhar a espiritualização dos índios e outros que considerava pecadores ignorantes por desconhecerem a doutrina católica. Assim, ele resolveu embarcar na expedição rumo à América do Sul. Não esperava ficar eternamente nessas terras; pensava que seria difícil retornar ao seio espanhol. Suas vidas já se intercruzaram no passado. Entre os convidados para as bodas do príncipe Raul e Antônia, estava um charlatão conhecido das rodas da corte, mas tolerado por muitos pelos favores sexuais que prestava às senhoras idosas da corte. Sua profissão repugnante atraiu muitos rivais, mas tinha um bom coração, e seu trabalho-extra era o único meio de subsistência. Nasceu de família pobre, logo ofereceu seus serviços assim que se tornou juvenzinho. Ambicioso, passou a fazer parte do rol de jovens conquistadores. Uma de suas conquistas, Antônia, esteve em suas mãos por um período. Era conhecido como namorador e, após ela saber de seus predicados negativos, tratou de encerrar o romance. Ele também teve culpa no suicídio do jovem Nerfando. Tramou um falso testemunho em que ele seria culpado de denunciar para Raul o verdadeiro culpado de Antônia não gostar dele. Por vingança, abordou Raul e insinuou toda a trama. Por essa razão, Nerfando foi preso e interrogado.

— Padre, qual é o seu plano? — Perguntou Aluê.

— Primeiro deixaremos todos aqui e irei juntamente com Ruan e Rubenito à procura destas minas. Pelo que percebi, estão

próximas desse vale. — Apontou para o rústico mapa.

Os mapas existentes na época foram invenção de antigos árabes que, para se guiarem pelas estrelas nos desertos, resolveram marcar pontos próximos das cidades importantes. Esta cultura vinha sendo exercitada pelo mundo ocidental, mas não com detalhes importantes que foram incorporados pelos enviados desta antiga cultura.

Passaram-se alguns minutos de observação, quando Aluê sugeriu nova tática.

— Senhores, é melhor levar logo essas pedras e o ouro para bem longe daqui e voltarmos em outra expedição. Não sabemos o que ocorrerá quando descobrirem toda nossa trama. Sugiro recuarmos e voltar depois.

O padre pensou e sentiu que estava sendo traído, mas a índia tinha razão em observar que era imprevisível a reação do povo rival contra a suposta tribo envolvida falsamente pelo arдил de Aluê. Os Iurinepés tinham sangue agressivo, e tão logo percebessem toda a trama, partiriam contra os verdadeiros culpados.

— Está bem, iniciaremos nossa retirada. Guardaremos o nosso tesouro e, tão logo possamos, mandaremos olheiros para ver o que está acontecendo. — Ordenou Rubenito.

O padre, não satisfeito, falou:

— Anticristãos! Não volto sem aqueles homens.

— Não pode, padre, ir sozinho, todos recuaremos, é o mais lógico.

O padre olhou para todos e disse:

— Não consigo trair aqueles homens, isto é pura traição.

Quem diria, meus irmãos, o que o aprendizado da vida nos traz. Após o jovem prostituto ter denunciado Nerfando, fugiu da cidade, mas logo fora vítima de conspiradores que, não tolerando seu trabalho, o denunciaram para as autoridades locais. Fora preso, torturado e jogado ao mar com pedras amarradas nos pés e braços. Afogou-se e passou a ser assediado pelo grupo espiritual comandado por Portarcos, o velho intrigueiro das zonas umbralinas. Sorridente, recebeu o jovem em seus delírios

personais, logo o aprisionou na tentativa de manipulá-lo para se tornar um deles. Porém, a misericórdia divina intercedeu e irmãos de esferas superiores o resgataram para planos menos conturbados, levando em consideração o potencial de educar-se no bem. Os planos do Mestre são para salvar os pecadores e enterrar o pecado, eis o objetivo da evolução moral. Não tardou para que indivíduos das esferas umbralinas se revoltassem com sua interferência, mas nada puderam fazer.

O transe

Pela manhã, ao acordarem cedo, iniciaram o retorno à praia onde supostamente o navio estaria à espera dos aventureiros.

Colocaram-se a caminhar pelas densas matas, pegando o caminho mais longo para despistar os índios que poderiam ir seu encalço deles.

— Duramin, me diga o que faremos se formos novamente presos? — Perguntou Rubenito, visto que o capitão estava ferido e sem condições de chefiar o grupo.

Ela respondeu enfaticamente:

— Seremos mortos!

— Ah! ah! ah! Essa negra tem humor.

No fundo Rubenito sabia disso. Não teriam uma segunda chance.

Para Duramin, aquelas visões e presságios faziam parte de um transtorno que a acompanhava por um motivo não esclarecido. Tinha sonhos de afogamento e acordava de madrugada com falta de ar e sensação de morte. Seus guias tentavam ajudá-la, mas nada era possível sem os devidos ressarcimentos do débito em sua vida, trazido das existências passadas. Após um breve período nas zonas umbralinas, ela foi sugada pela consequência de seu débito às zonas mais profundas de desespero. Tinha pesadelos agoniantes onde se via montada em um cavalo alado com dez patas e que a machucava constantemente e com força. Mesmo montada, logo vinham outras entidades e a arrancavam de cima do animal sujo. Era deprimente e tinha um significado; o gesto era para mostrar que ela/Nerfando tinham que se submeter à vontade do chefe local, Portarcos, extremamente habilidoso em hipnose e subjugação. Nerfando não aguentava mais tanta subjugação e rogou por misericórdia para que fosse logo liberto

dessas zonas do mal.

Após vários anos purgando em trevas médias, mais precisamente no vale dos suicidas, foi dada uma chance para ressarcir os seus débitos. Alguém muito influente o ajudou a sair mais rápido do local. Esta pessoa era tão simplesmente Maria das Dores, mãe de Nerfando, que já contava com alguns anos nas esferas superiores, recompensa pela sua dedicação aos pobres. Ela viveu numa época crucial para que a humanidade selasse seus destinos rumo à melhoria do planeta. Por isso o Divino Mestre escalou seres de outras esferas para impulsionar o planeta Terra. Os que hoje ajudam do lado de cá a recomposição da psicosfera da Terra, entre eles podemos citar: Agostinho e Lucas, sim, o médico, que se tornou cristão de tanto ouvir as histórias do Mestre Jesus. Ele, ainda que distante do planeta, auxilia com suas emanções de júbilo para que nobres cientistas das artes da cura possam ajudar a humanidade com descobertas científicas nas áreas da genética e reprodução. Este mártir lutou ao lado das virtudes para que a humanidade recebesse o legado moral do Mestre.

Bem, nossos aventureiros persistiam na firme ideia de fugir com todo o ouro e pedras, com exceção do padre, que tinha o pensamento voltado para libertar os demais prisioneiros.

Já era mais de meio-dia quando Rubenito ordenou que o grupo parasse para recompor as forças.

— Aluê, olhe o capitão! Parece que ele arde em febre.

Após ela falar nele, Duramin solta um grito e começa a falar em outra língua:

— *Satoquê alú.*

Todos se assustaram e o capitão começou a gritar:

— Tirem ela daqui! Ela vai nos seduzir para não voltarmos.

— Acalme-se, capitão, isto é só uma encenação. — Disse Rubenito. — Aramin, vá lá e acalme-a.

— Não posso. Quando começa assim, ela não para.

— O que vai acontecer? — Perguntou Rubenito.

— Ela vai começar a falar as verdades.

— Você pode dizer o que ela irá falar?

— Umas vezes posso, outras vezes não, porque, ela fala em outras línguas.

Nisto, a escrava cai no chão, começa a se contorcer e fala:

— Deixem este homem aqui! — Apontou para o capitão. — Ele foi quem nos trouxe para a destruição.

O capitão, apavorado, começa a gritar:

— Falso satã! Soltem-me, vou bater nela.

— Não pode, capitão, ela só está acusando sem razão. Veja, está desmaiando.

Duramin perde os sentidos para o alívio de todos.

— Ufa, peçamos novas forças. — Falou Rubenito.

Discussões

Aluê não se convenceu daquela comunicação dada pelos espíritos através de Duramin. Para ela, era necessário um ritual com a presença de cânticos, danças e o pajé da tribo poderia chamar os espíritos da floresta.

— Duramin, acorde, acabou! — Falou Aramin.

E ela volta à consciência lentamente.

— Tenta não fazer mais isso. — Alertou o capitão. — Não saberás as consequências.

— Aramin, traga mais ervas. Vamos fazer um chá e dar para a negra Duramin, só assim ela poderá se acalmar. — Pediu Rubenito.

— Sim, patrão. — Respondeu o escravo.

— Quanto a você, Duramin, recomendo que repouse por mais alguns momentos, tempo suficiente para recuperarmos nossas forças. — Falou Rubenito.

— Olhem, é um representante da tribo Iurinepés. Está chorando e nos chama. — Apontou Aramin.

— Preparem-se! É uma emboscada. — Alertou o capitão.

— Abaixem as armas, é uma criança. Como nos encontrou?

— Aramin, vá lá e veja o que quer. — Ordenou Rubenito.

Ao se aproximar da criança atrás da árvore, o escravo viu outras mulheres próximo e acalmou a todos.

— É um pequeno grupo de mulheres e crianças. — Tranquilizou Aramin.

— Ainda bem. Aluê, você sabe se comunicar com eles? — Perguntou Rubenito.

— Mais ou menos, deixe-me falar.

Após algumas interlocuções, Aluê surge com um semblante de preocupação.

— Elas dizem que um grande conflito entre as tribos foi iniciado. Fugiram para este lado e dizem que muitas mortes estão acontecendo. Muitas mulheres foram sequestradas por eles, o que não é verdade, e isto fez com que os Iurinepés fossem agredidos pelos índios comerciantes.

— Nossa! Que história. — Falou Rubenito. — Acho que nossa estratégia funcionou. Vamos embora, não podemos mais ficar aqui.

Aluê, arrependida com as consequências da sua sugestão de saque e roubo, pede para Rubenito:

— Senhor, por favor, voltemos, deixe-nos ajudar estas mulheres, elas não têm culpa.

— Vamos embora. — Bradou o capitão. — Se decidirmos voltar, não sairemos vivos desta.

Rubenito pensou e pediu:

— Acalmem-se, vamos pensar. Se voltarmos faremos o quê? Diremos que foi culpa nossa e estará tudo bem? Ledo engano, nos massacrarão. Padre, o que o senhor acha?

— Digo que não podemos voltar. Simplesmente temos que resgatar nossos homens. Sugiro que essas pedras e o ouro que vocês pegaram sejam trocados pelo resto da tripulação do Aragosa.

— Nunca! — Bradou o capitão. — Prefiro morrer a devolver meu ouro.

Momentos de reflexão tomaram conta do grupo.

— Já sei. — Falou Rubenito. — Deixaremos parte do ouro aqui e uma parcela levaremos conosco. Diremos que o restante da fortuna estará à disposição deles desde que libertem os homens e deixem-nos voltar em paz para a tribo de Aluê. Assim teremos garantias de que nos deixarão em paz.

— Perfeito. — Concordou o padre.

Era comum naquela época, como ainda se vê em algumas culturas, o “olho por olho, dente por dente”, a não ser que, por um ótimo motivo, aquela situação de vingança fosse deixada de lado. Esta era a esperança do esperto Rubenito.

— Capitão, não acho justo voltarmos sem nada. — Opinou

Ruan. — Nos sacrificamos muito, quase perdemos nossas vidas para estes selvagens.

Duramin, ao recobrar os sentidos, fala:

— Se voltarem, não sairão com vida.

— Não fale mais nada. — Ordenou Rubenito.

— Está bem, capitão, o senhor volta com Aluê até a praia e nós voltamos com boa parte do ouro e pedras para a troca. Iremos com o padre e Ruan. Está bem assim?

O capitão olhou para o grupo e rebateu:

— Seus vermes! Acham que vão me enganar? Vocês querem levar todo o ouro e me deixar com essa índia perdido nestas terras.

— Não, senhor, não é nossa intenção.

— Vermes! — Gritou, ardendo em febre.

— Aluê, leve o capitão para a praia! Prometo retornar assim que resolvermos esta situação. — Mandou Rubenito, que achou boa a observação do capitão. Todos queriam o ouro, com exceção do padre e Aluê. Agora que aquele grupo tão diferente iria começar as discussões e jogos de alianças.

Novos rumos

Aluê não se convenceu de que o capitão iria desistir facilmente da fortuna roubada dos índios.

— Capitão, fique com Aluê. — Pediu Rubenito.

— Tenho uma outra proposta. Sei que queres a riqueza tanto quanto eu. Proponho deixarmos a índia e o padre mais o Ruan para trás e irmos nós dois embora, esquecendo estes marinheiros presos. Pegaremos a embarcação e seguiremos para uma região litorânea onde possamos arrumar outra tripulação. Na Bahia temos um porto com gente suficiente que queira embarcar.

Rubenito pensou na proposta do capitão e concordou:

— Está bem, mas não posso deixar Aluê. Ela tocou o meu coração, acho que a amo.

— Não fale essa palavra. — Resmungou o capitão. — Falando nisso, deve sequestrá-la, aí você se casa e fica com ela para o resto da sua vida. O que acha?

— Está bem. Então falaremos para os demais alegando falta de gente. Levamos Aluê conosco na tentativa dela se comunicar com os índios saqueados para mostrar nossa intenção de paz. Depois vamos para o outro lado da floresta, deixaremos o padre, Ruan e os outros índios retornarem para a tribo de Aluê, e ficarão para o resto de suas vidas lá. Pelo menos o padre irá ter bastante tempo para refletir sobre a vida e aprender os costumes locais.

Tudo acertado entre eles, esperaram o momento para dizer sobre a nova determinação.

— Aramin, venha cá e chame o padre. — Pediu Aluê.

— Sim, senhora, respondeu com voz mansa.

— Acho que vamos ser enganados. Se nossa intenção é de libertar os marinheiros, o capitão e Rubenito querem nos deixar aqui para sermos aniquilados. Vejam só! Temos que nos unir e

fincar o pé que só sairemos daqui quando a tribo Iurinepés estiver fora do alcance da tribo agressora.

— Padre, o que o senhor acha de nós nos juntarmos e fazermos com que nossos planos sejam de completa libertação dos marinheiros presos nas minas?

—É e sempre foi minha intenção, Aluê. Temos que nos unir e não regressar sem eles.

De repente, Rubenito, com a pistola na mão, aponta para o padre e diz:

— Acabou a farsa! Vamos embora, Aluê.

— Não era isso que estávamos querendo. — Respondeu o padre.

— Deixemos de prosa, chegou a hora de nos dividirmos. Saiam todos daqui e deixem somente Aluê, ordenou.

Aos poucos, afastaram-se o capitão, Aluê e Rubenito. Neste momento surge o chefe da tribo de Aluê que, presenciando a cena, dá uma bordoadada na cabeça de Rubenito, ele cai com a arma em punho, desmaiado.

Todos correram para pegar as armas, mas logo foram imobilizados pelos demais índios da tribo.

— Fomos salvos! — Falou o padre.

— Ainda não. — Respondeu Aluê. — Eles estão em dúvida sobre o que fazer com vocês.

O ouro estava lá com as pedras e a índia explicou ao chefe da tribo o motivo das discussões no grupo. Foi suficiente para que os índios decidissem levar Rubenito para a tribo e deixar o capitão na praia.

— Sugerimos devolver o ouro e as pedras. — Disse o padre.

— Vamos todos! Vocês devolvem e libertam os demais.

Os personagens dessa trama pareciam satisfeitos com a evolução dos fatos, com exceção do capitão e Rubenito, que, ávidos pela riqueza, não se contentavam em perder a fortuna.

— Temos uma última chance de reverter os fatos. — Disse Rubenito.

— Capitão, me dê a sua bússola de bolso e mostre aquele espelho.

Eles ofereceram para o índio que os vigiava. Ao se distrair com

os objetos, levou um soco nas costas e caiu inconsciente.

— Fuja, capitão. — Ordenou Rubenito.

— Não posso, estou com a perna dura.

— Então deixe esses sacos maiores e veja se consegue.

O capitão bem que tentou, mas logo foi alcançado pelos índios. Rubenito, mais ágil, fugiu pela densa floresta.

— Deixe-o. — Falou o padre. — Logo virá a noite e ele não conseguirá ficar sozinho.

Aluê, assustada pelos acontecimentos, abraçou Aramin que sentiu maior afetividade com aquele gesto.

— Penso que você está triste pelo patrão Rubenito.

— Não, não é bem isso, acho que temos que reparar nossos erros deixando de volta todo o ouro e as pedras, senão não teremos paz. Logo virão ao nosso encalço ao perceberem que foram enganados. Nossa tribo estará em perigo e perdida em uma guerra sem fim.

— Vamos logo devolver o que temos, só assim asseguraremos a paz.

Duramin, assistindo àquele gesto de simpatia entre os dois, fica triste e não se contém:

— Deixemos os dois aqui. — Referiu-se ao capitão e a Rubenito.

— Vamos ver se eles sobrevivem.

Aramin pensou e disse:

— Isto não podemos fazer, o que o padre quer é levar todos de volta para a civilização.

— Correto, Aramin. — Concordou o padre. — Aluê, qual é o plano final para sairmos desta?

— Deixe-me pensar, mas acho que não demoraremos com muitos planos.

O comentário espiritual

Estava anoitecendo quando Rubenito se embrenhou na mata densa.

— Vamos pensar: se devolvermos somente o ouro temos chance de libertar os companheiros oferecendo as pedras após a libertação de todos. O que acham? — Perguntou Aluê.

— Perfeito. — Respondeu o padre.

— Ótimo! Pela manhã cedo demandaremos as regiões das minas à procura dos homens do navio. Logo que encontrarmos, iniciaremos as negociações.

O padre aquiesceu.

Era tarde da noite quando o capitão faz um apelo:

— Deixem-me aqui, quero voltar para meu barco.

— Só depois que resgatarmos todos. — Disse o padre.

— Não percebem que não temos mais ninguém? Que todos estão mortos?

— Não achamos isso, eles precisam de escravos para o trabalho.

— Padre, e se Duramin disser o contrário? Ela tem capacidade de se comunicar com os mortos. — Questionou o capitão.

— Não entraremos nesses detalhes. Somos suficientemente adultos para compreender que esses casos não funcionam bem.

— Então, veremos! Duramin, venha cá e traga Aramin para traduzir o que ela disser.

A escrava se aproximou do capitão e indagou:

— Meu amo, o que deseja?

— Quero que vá ao mundo dos mortos e traga notícias das pessoas que foram para lá. Fale com o senhor Smith. Ele saberá onde estão os outros.

— Ah! ah! ah! — Riu Portarcos. — Vejam como eles são ignorantes no assunto, acham que é só falar e pronto, já

aconteceu.

Se divertia o velho intrigueiro do mundo espiritual.

— Chamem o Olinto, nosso melhor zombeteiro, ele irá rir muito com esses desorientados.

Assim a facção de Portarcos se organizou para dar a comunicação desejada.

— Temos que fazer silêncio. — Falou Duramin. — Me tragam uma tocha e coloquem atrás daquela árvore, vou tentar falar com os mortos da floresta.

Ela sabia que as coisas não funcionavam daquele jeito, mas era uma maneira de satisfazer o capitão.

Após algum tempo de orações e cânticos, surge uma comunicação feminina, mas pelo espírito de Olinto, o falso justiceiro.

— O que querem de mim? — Perguntou o espírito do mal.

— Queremos vossa orientação. — Respondeu Aramin.

— Pergunte.

— Queremos saber quantos marinheiros estão presos?

— Não encontrarás ninguém, somente mais ouro e pedras, todos morreram de fome ou peste. Vão vocês mesmos desarmados e falem com um índio de nome Rosarê, que lhe entregará todo o ouro que quiserem.

Aramin, desconfiado do relatado, fez mais uma pergunta:

— Qual é o seu nome?

— Meu nome é justiça.

— Quantas luas estás aí?

— Muitas, mas poucas.

“Não entendi, parece controverso”, pensou.

— Você é comandado por alguém?

— Sim, Portarcos é meu chefe.

Aquele nome não era estranho, Duramin falava em um nome parecido em seus pesadelos.

— Traga ele até aqui. — Pediu Aramin.

— Não posso, ele é o supremo que me manda. Saiam daqui. — Falou o espírito, e repetiu a mesma frase.

— Está vendo, capitão, ele mais confundiu que orientou.

— Não diga isso, ele foi bem taxativo, voltemos para procurar mais ouro.

Rubenito, de longe, observa a cena e diz:

— Estes índios não querem entender que isto é o meio de ficarmos ricos. Só se eu sequestrar Aluê e ir sozinho pegar a fortuna. — Falou em voz alta.

— Não pensem que vai ser fácil, esta negra não sabe o que fala. Para mim é ela mesma falando para nos assustar. — Disse o padre.

Aramin pensou em quem era Portarcos e o que quer com eles.

— Padre, quero lhe dizer algo. — Falou Aramin.

— Esse espírito que se comunicou por último, o justiça, acho que disse algo de verdade.

— O quê? — Rebatou o padre.

— Existe um ser espiritual nos espreitando. É necessário fazer um ritual para espantá-lo.

— Ah! ah! ah! — Riu Portarcos. — Eles não sabem que ninguém pode comigo. Só os demônios maiores para acalmar toda a minha ira. Ninguém manda em Portarcos, ninguém. — Finalizou o espírito do mal.

Aluê, a sequestrada

Portarcos ria com as colocações do grupo a respeito de evocar os espíritos da floresta.

— Ah! ah! ah! Como é bom rir desses desgovernados. Tragam Olinto, tenho uma nova missão para ele.

Assim, o grupo do lado espiritual arma uma cilada para os vivos.

— Primeiro vocês vão atrair os índios perversos, nossos representantes na terra, para fazer uma emboscada a este grupo de inválidos. Diga ao chefe Ornatos que precisarei de reforços em áreas de retaguarda. Logo que forem presos, faremos de tudo para serem exterminados e poderei convocar Nerfando para o nosso grupo de elite.

Portarcos não tinha ideia de que os espíritos amigos estavam também acompanhando o caso daquele grupo de provas e expiações. Era necessário que as situações evoluíssem a certo ponto.

— Digam ao chefe Portarcos que estamos preparados. Um, dois, três, já aguardo as últimas ordens. — Falou o chefe do mal, escalado por Portarcos.

Em certos grupos de zonas inferiores os chefes são capazes, dependendo dos interesses individuais, de se unir para realizar determinada tarefa. É por isso que Portarcos ofereceu uma grande recompensa pela ajuda de Ornatos e seu grupo especialista em realizar transtornos mentais sutis em pessoas com distração na mente. O alvo seria o capitão, debilitado pelas flechadas de que fora vítima.

— Portarcos, venha cá e selemos nosso acordo. Você fica com a índia Aluê e Nerfando, e eu terei o prazer de assustar este padreco devedor, o capitão e os demais que não puderem se

salvar. O Rubenito deixa também à sua mercê. — Falou Ornatos.

— Acho pouco, mas estou satisfeito. — Falou o interlocutor do mal.

Todos de acordo, partiram para agredir o grupo, só que defesas inesperadas atrasaram o intento.

— O que querem aqui? — Perguntou o defensor da floresta.

— Queremos o que é nosso: estes aventureiros de araque. — Responderam Portarcos e Ornatos.

— Não podem, eles estão sob a égide de Jesus.

Dito isso, o grupo se agitou e Portarcos falou:

— Não sabemos quem é.

— Sabem sim. — Respondeu o defensor. — Ele foi crucificado por amor a todos nós, e foi você quem o difamou.

Um olhou para o outro e disse:

— Quem?

— Você, Portarcos, o antigo amigo da Galileia, o galileu amador que seguiu Jesus em suas trilhas e, assim que podia, relatava ao seu comandante os passos do Mestre.

— Mas eu nunca fiz isto, não difamei ninguém quando em vida terrestre.

— Falou sim, mas, por agora, não vou te revelar a tua história, peço que deem meia volta e retornem às suas zonas.

Um mar de fluidos benéficos invadiu o ambiente, Portarcos e Ornatos começaram a adormecer e foram logo gritando para os demais retirarem-se imediatamente, pois aquilo era uma das ciladas da turma do bem.

— Deixe-o ir, no momento oportuno terá seu aprendizado. — Disse o orientador espiritual.

Naquele campo de batalha invisível aos encarnados, sobravam aromas dulcificantes e apaziguantes na área.

— Olhem! É Rubenito levando Aluê. — Falou Ruan.

— Voltem! — Ordenou o padre.

Mas era tarde. Como um bote de animal peçonhento, Aluê fora sequestrada por Rubenito.

— Vamos atrás dela. — Ordenou o padre.

Todos os índios logo pegaram tochas e saíram à procura dos

dois. Aramin e Duramin também acompanharam o grupo, deixando o capitão sozinho.

Diogo Álvares aproveitou a distração e fugiu do local com uma parte do ouro, se arrastando mata a dentro. Depois de algumas horas, retornaram sem Aluê e perceberam a fuga do capitão.

— E agora? — Perguntou Ruan. — Ele ainda levou parte do ouro.

— Vamos esperar amanhecer e iremos atrás dos dois delinquentes. — Pediu o padre, que também se sentia traído.

Vejam, amigos, como não conseguem perceber que o amor entre eles era grande e necessitavam dos devidos resgates. Mesmo assim, a posse, a cobiça, o desprezo pelos sentimentos verdadeiros fizeram com que eles confundissem o verdadeiro amor que tinham um pelo outro. Seria necessário o resgate de vidas passadas para poderem se unir rumo ao maior de todos os amores: Deus, em todo o seu verbo.

Origem indígena

Durante a madrugada, Duramin sonhou com ondas sufocando-a. Era uma mensagem longínqua de seu subconsciente, que em uma vida distante, num momento de tormento, tornou-a fraca frente às vicissitudes da existência agressiva e ela sucumbiu no meio do mar agitado. Nunca mais tivera paz, volta e meia estas cenas faziam com que acordasse no meio da noite com sufocamento.

— Ah! Como é difícil esse sono. — Reclamou Duramin.

— Acorde, Aramin, estou passando por mais um momento de sono agitado.

— Durma, por favor, não aguento esses mosquitos e ainda esse cheiro no ar de algo queimando.

Certo que aquilo não traria consequências ao sono, todo o grupo foi absorvido na inconsciência.

— Tragam mais o sufocante. — Falou o chefe dos agredidos Iurenepés. — Vamos levar esses dois peles escuras.

Referia-se a Duramin e Aramin.

— E esses? — Apontaram para o padre e Ruan.

— Deixe-os, não queremos mais gente branca que traz tantos problemas. Aquele cheiro de queimado na mata era uma erva sonífera que produzia o torpor de quem a cheirasse. O grupo de aventureiros foi pego por uma arma dos Iurenepés.

— Digam para os demais recuarem, vão pensar que os escravos fugiram e o ouro e as pedras foram levados por eles.

Assim, o grupo Iurenepés fez justiça com as próprias mãos, levando a fortuna roubada dos selvagens de volta aos verdadeiros donos, os índios Tuinepés, descendentes de Xavantes, que habitavam outras regiões da América Central e se estabeleceram naquelas paragens.

Vejam amigos, aqui cabe uma explicação:

Assim que os índios da mesoamérica migraram para o sul, mais precisamente para o futuro Brasil, trouxeram consigo genes de qualidade duvidosa para a lavoura e construções manuais de habitações e artigos astrológicos. Desta forma, se deslocaram mais para caça e pesca, não evoluindo para artes manuais mais elaboradas. Um pequeno grupo dotado de maior habilidade viveu em terras brasileiras a partir das regiões amazônicas, portadora de ricos sítios arqueológicos não descobertos, pelo simples fato de que os objetos usados e quebrados eram descartados nos leitos dos grandes rios que cruzavam toda a região. Para este grupo, as relíquias dos ancestrais eram sagradas, e como tal, eram descartadas para não serem encontradas. Daí, podíamos assegurar que olhos de tigre da sorte, animais em barro fundido, pratos de barro religiosos e outros objetos ornamentais foram devidamente descartados por este povo. Algumas ideias foram passadas para descendentes que locaram outras regiões do futuro país.

Como vê, alguns sítios arqueológicos que datam de milhões de anos, foram descobertos, em sua maioria, em regiões hoje desérticas e rochosas, antigos abrigos das regiões inóspitas. Vulcões comumente explodiam em áreas longínquas do continente, mas as cinzas penetravam no ar ainda denso do planeta, transformando toda a paisagem em questão de anos.

A explicação foi necessária para demonstrar quão difícil foi a adaptação destes homens e mulheres, descendentes de ancestrais norte-americanos, em povoar uma área tão inóspita para eles. Quando chegaram os colonizadores europeus, decidiram trair suas convicções culturais em favor de apetrechos e quinquilharias sem valor. Pena que só um pouco de sua cultura, fruto de milênios de conhecimento, foi preservada. Seu gene continua na própria espécie e foi misturada com todo tipo de descendente europeu e africano, o que gerou uma raça forte, porém com aprendizado ainda a se fazer.

Bem, caros amigos, os nativos daquela época ainda tinham no seu sangue o gene caçador nato, mas aos poucos foram

domesticados pelos dominadores, e hoje só restou saudade deste povo que tanto lutou para sobreviver a todo o tipo de agravos ambientais.

E Aluê e Rubenito, como iam?

— Deixa-me, seu monstro. — Gritou a índia.

— Agora você é minha, não vou mais largar você. — Falou Rubenito.

— Solta-me, tenho algo a confessar-te.

— Não diga que você me ama! — Falou o sequestrador.

As minas

Naquele momento de isolamento, Aluê, cansada da empreitada na floresta, exige:

— Solta-me! Meu povo irá me procurar assim que o sol nascer.

— É isto que você tem a me dizer? Estou esperando por esta aventura dos índios.

— Quero dizer também que amo Aramin.

Transtornado, Rubenito solta um grito:

— O negro?

— Sim, ele me atraiu desde a primeira vez que o vi. Acho que temos laços antigos que não sei explicar.

Rubenito, irado com tal revelação, rebateu indignado:

— Não pode ser, você uma bela índia gostando de um escravo e ainda por cima sem posses ou charme.

— Pense o que quiser, sou livre para gostar de quem quer que seja. Até porque sou rejeitada na tribo por ser mestiça. Em minhas veias corre sangue europeu e indígena.

— Eu sabia de sua procedência, vejo que seus lábios amáveis têm formato de belas amêndoas que aparecem na primavera espanhola.

— Então deixa-me partir, juro que não falarei onde estás.

Rubenito avalia com o coração a situação de fuga e não se conforma com o que ouviu.

— Nunca deixarei você partir, muito menos para ficar com Aramin. — Ele tenta beijá-la, e é repelido pela índia.

— Volte aqui! não poderá fugir de mim. — Disse Rubenito.

Ela, como se aceitasse seu cativo, parou, olhou para ele e disse:

— Ficarei aqui até decidires levar-me de volta, a não ser que me mates e deixes eu ficar livre das tuas mãos.

O senhor e a serva, este foi o quadro que se desenhou entre os dois.

— Ficaremos até o amanhecer, depois vamos ao local onde, supostamente, os companheiros estão escondidos: as minas de ouro e pedras.

Rubenito e Aluê ficaram próximos um do outro, longe do local onde o padre e os demais estavam. O que restou para eles foi descansar. Eram três horas da manhã.

— Rubenito, não me leves a mal, estou feliz em ter meu coração desperto pelas ondas do amor, nunca senti isto antes. — Comentou Aluê.

— Vamos dormir, teremos uma longa caminhada pela manhã.

Há alguns quilômetros dali, os que estavam com o padre e Ruan despertaram com a surpresa de terem sido saqueados e sem vestígios dos culpados. Deram pela falta dos escravos.

— Acho que os escravos fugiram com o nosso ouro. — Disse Ruan.

— Não era nosso, era empréstimo, já íamos devolver. — Respondeu o padre.

Os índios da tribo de Aluê logo que despertaram reuniram-se e decidiram partir para a tribo dos Iurenepés, pois tinham achado adereços que pertenciam a esta tribo. O chefe falou:

— *Arolê, falah, milá.*

— O que ele quer dizer? — Perguntou Ruan.

— Que vão embora procurar os fugitivos. — Disse o padre. — Vão nos deixar aqui.

— Estes índios estão agitados e furiosos. — Alertou Ruan.

— Verdade, devemos seguir com eles, afinal, queremos resgatar os nossos, mas agora estamos sem condições para tal ato.

— Veja, senhor, alguns apetrechos para troca, vou dar um pequeno espelho para o chefe.

Ao olhar o espelho, Ruanon, o chefe, gritou:

— *Hu hu hu açoilá turev*, que significava: “gostei do objeto”.

— Então deixe-nos ir com vocês. — Pediu o padre.

— *Sosê live*, que significava: “podem vir pequenos brancos”.

O padre já entendia o significado das palavras indígenas. Como

não tinham mais nada para trocar, resolveram acompanhar os parentes de Aluê. Assim, poderiam achar o resto da tripulação.

Rubenito e a índia estavam longe, próximos das minas, após várias horas de caminhada pela floresta.

— Deixe suas coisas aqui. — Falou Rubenito. — Agora me diga como faremos para entrar nas minas e levar alguma coisa?

— Primeiro, pretendo observar as saídas do local. Conto assim que tiver uma ideia.

— Apresse-se, não temos tempo. Temos que sair daqui no máximo até a noite. — Falou Rubenito.

Aluê pensou e disse:

— Está bem, entraremos na mina por aqui. — Apontou no chão o desenho que fizera.

Era uma entrada estreita que levava ao coração da mina e estava há alguns metros da entrada principal, porém, encoberta pela vegetação.

— Como sabe que dará na mina? — Perguntou Rubenito.

— Esta entrada nada mais é do que um ramo do local. Será mais fácil nossa saída por aqui do que tentar a sorte onde não existe.

Os encontros

Aluê, assustada com os atos de Rubenito, resolve aceitar aquela situação e pede que ele a deixe entrar primeiro no pequeno túnel de acesso à galeria principal da mina de ouro.

— Deixa-me ir primeiro, tenho um corpo menor que o teu.

— Está bem, vá, mas não tirarei meus olhos de você. — Falou o sequestrador.

Os dois se prepararam para assaltar as galerias e levar o máximo do ouro que encontrassem.

— Olhe, Rubenito, não temos condições de carregar muito. Ademais, o que me interessa é deixá-lo ir logo que suas intenções se realizem.

O espanhol olha para ela e, com um ar sarcástico, diz:

— Não sabe que gosto de você.

Assim os dois prosseguiram a caminhada no estreito túnel.

— Olhe, são os marinheiros. — Falou Aluê.

— Verdade, eles estão ali em número de oito, acho que pode haver mais.

Estavam magros, esqueléticos, com dificuldade de olhar em volta; pareciam desgastados pelo tempo e só haviam passado algumas semanas.

— Se Ruan estivesse aqui, poderíamos tirar todos, mas quero logo tirar o meu ouro. Por aqui. — Rubenito indicou a pequena entrada para a galeria central. Aos poucos e sem perceberem, foram retirando alguns cascalhos dourados que se acumulavam no chão.

— Veja, Aluê, estamos ricos, isto vale muito no lugar de onde venho.

Aluê, indiferente, começou a chorar baixinho.

— Está emocionada de ficar rica?

— Para nós essas pedras são apenas para ornamentar os nossos criadores e mais nada.

— Aluê, você não entende, isto é uma pepita de ouro, vale muito.

— Vocês, homens brancos, só pensam nisso, em ficar ricos. Para nós a riqueza está nesta natureza bela e perfeita, nos rios, no mar e no céu unindo as estrelas. Nosso coração não é egoísta, só queremos ter filhos e criar nossas famílias. Deixem estas riquezas de lado e nos sigam na simplicidade da vida, assim vocês poderão encontrar a paz que tanto vocês, homens de guerra, desejam.

Aluê não se contentava com tanta ganância, para ela tudo aquilo era em vão, o ouro, as pedras, nada valia, nos cantos daquela floresta. Mas Rubenito insiste:

— Estamos muito ricos, se levarmos parte dessa fortuna para a civilização. Não teime, comprarei tudo o que queira, teremos muitos serviçais e logo que possamos mostrarei o mundo a você.

— Rubenito, deixe-me aqui, já conseguiu o que queria. — Falou a índia na saída do túnel.

— Nunca! Você já me pertence, agora seremos marido e mulher. Ela começa a chorar, mas nada adiantou.

Ao mesmo tempo, o padre e os outros seguiam os índios em direção à tribo dos Iurenepés. Ao chegarem lá, viram os dois marinheiros que por último ficaram no Aragosa.

— Olhe, padre, são os dois últimos marinheiros. — Disse Ruan.

— Acho que foram presos e não estão tendo bom tratamento. Veja! Estão sem roupa e com os cabelos raspados.

O padre orou em silêncio e respondeu:

— Acho que eles logo serão sacrificados.

— Então precisamos agir.

Com um impulso, Ruan correu com uma pistola na mão em direção aos companheiros.

— *Luque Aruê sauta.* — Falou o chefe.

Logo os guerreiros contiveram Ruan, agarrando-o.

— Volte, Ruan, eles logo perderão a vida e seguirão o caminho do céu, assim eu espero.

Ao retornar, transtornado, para o grupo, Ruan falou:

— Não podemos deixá-los assim, logo serão mortos. Padre, vamos, me siga!

— Não podemos fazer nada, estamos sob orientação do chefe e sem as ordens dele, nada faremos.

— Isto é covardia, fale com seu Deus e diga a Ele que prefiro morrer pelos meus companheiros a deixá-los assim.

— Pare, Ruan. Não duvides do poder Divino.

Logo vieram os demais índios Iurenepés falar com o chefe.

A estratégia

— Solte-me! — Falou Aluê, irritada com as amarras com que Rubenito queria aprisioná-la. — Não aceito isto!

— Calma, amor, quero ter certeza que não fugirá de mim.

Portarcos, à espreita, adorava aquela situação; para ele, tudo era vitória:

— Vejam, amigos, como ele está transtornado com a pretensa tortura. Ah! ah! ah! Não foi preciso nem enganá-los com nossas ideias, ele mesmo gosta da riqueza, mesmo que obtida com muitas desavenças. Tragam o meu machado, irei pessoalmente comandar a influência para que Duramin seja logo executada.

E o obsessor perverso ruma a direção da tribo dos Iurenepés. Chegando lá, já estavam todos em reunião os chefes das tribos e os outros que acompanhavam o drama.

— Mataremos esses aqui. — Apontou o chefe Iurinepés para os marinheiros e os outros negros. — Serão executados caso não consigamos ver nossas mulheres que foram raptadas.

— Não façam isto! — Ajoelhou-se o padre em súplica aos chefes.

— Retirem ele daqui. — Falou o Yurenepés.

— Não, pelo amor de Deus, não podem sacrificar nossos homens, eles não merecem morrer.

— Quem merece morrer? — Perguntou o chefe da tribo de Aluê.

— Ninguém. — Respondeu o padre. — Vamos, deixem-me sentar próximo de vocês e explicar.

Após alguns momentos de conversas e interpretações, o padre segue:

— Tragam os meus homens para cá, verão que nada temos a ver.

Ruan foi trazido e disse:

— Não temos nada a ver com o sequestro das mulheres. Acho

que foram os índios que procuravam ouro e pedras.

Os dois chefes, após conversarem, resolveram ir à tribo dos exploradores para dialogar. Foram ao encontro só os líderes das tribos e o padre. Chegando, foram reunidos pelos exploradores, que cobraram explicações.

— Falem! O que querem? — Perguntou o índio explorador.

— Queremos paz, para isto, quero lhe devolver algo que encontramos com os brancos.

Mostrou sacos de pepitas de ouro e pedras. Os índios exploradores caíram em alegria e falaram:

— Suas mulheres estão longe daqui, vamos procurá-las e soltá-las, culpa do homem branco que nos roubou e levou embora nossas mulheres.

O padre discordou:

— Epa, não fomos nós que roubamos as mulheres; temos culpa, sim, de levar o ouro, mas nós não sequestramos as mulheres da sua tribo.

— Ora, padre, diga a verdade. — Respondeu o chefe da tribo de Aluê.

— Não posso, jurei silêncio.

— Tragam o ouro e soltem os prisioneiros. — Gritou o chefe dos exploradores.

Parecia que tudo estava se ajustando, até que apareceu Aluê amarrada e Rubenito armado com pistola nas mãos, dizendo:

— Parem! Tenho algo para negociar.

Todos se olharam e Rubenito continuou:

— Quero lhes apresentar esta índia mestiça, Aluê, que deixou vocês sem alternativa. Ela quer mostrar uma coisa.

Rubenito joga um saco com pepitas de ouro no chão.

— O que significa isto?

— Calma, padre, estou tentando negociar com eles. — Cochichou Rubenito. — Venho com a intenção de mostrar-lhes o verdadeiro culpado de toda a confusão nessas tribos.

Ele aponta para Aluê.

— Pare, Rubenito! Não faça isso. — Rogou o padre.

Todos se entreolharam e a confusão começou. Tiros foram

dados para cima, os índios exploradores correram para pegar suas armas de fogo, os da tribo de Aluê correram para pegar suas flechas e arcos, e os Iurenepés carregaram suas bordunas e se armaram de pedras. No meio da confusão, Rubenito correu para as matas com Aluê. O padre, sem entender as estratégias, seguiu Rubenito que não era mais alcançado.

— Venha, padre, por aqui, rápido.

— O que é isto meu rapaz, não vê que você está deflagrando uma guerra?

— Ora, padre, não se preocupe, só assim posso satisfazer Aluê e o senhor, libertando todos. Chegou o momento de todos serem libertados; enquanto eles brigam entre si vamos soltar todos e voltar para o Aragosa. — Disse Rubenito, sem saber que o barco já se encontrava no fundo do mar.

— Está bem, você comanda!

— Vamos primeiro para as minas, tem cerca de oito dos nossos lá.

Foram na direção sugerida, conseguindo retirar todos que, desnorteados, necessitavam de ajuda para andar. Em seguida, rumaram para o lado dos Iurenepés e encontraram Ruan e os dois marinheiros, que já haviam contado a Ruan sobre o fim do barco. Finalmente, comemoraram a união. Aluê, ainda triste, falou:

— As mulheres dos Iurenepés ainda estão sob escolta.

Após várias horas de caminhada chegaram próximo do cativeiro dos índios. Rubenito ordenou:

— É agora! Vamos libertá-los, e assim voltaremos para a praia.

— Rubenito, não existe mais o barco. — Informou Ruan.

A revelação

Portarcos gritava:

— Malditos! Como os deixaram escapar! Vamos atrás deles!

Falou o espírito de Augustos, velho imperador romano que, em épocas antigas, arregimentava almas inescrupulosas para fazer o seu reinado no mal. Era acostumado a mandar; suas ordens não costumavam ser negadas. O imperador, na época de Roma, não tolerava que seus comandados dessem opiniões diferentes das dele. Resultava, quase sempre, em ordens com o intuito de dominação e expansão do império romano. Tudo ia bem até que encontrou um fim trágico e suas penas se multiplicaram após esta última encarnação. Via em seus algozes companheiros de outrora que remontavam inimigos antigos. Nerfando era o principal escolhido para sua vingança, que de tanta influência, sucumbiu no mar, atordoado entre a lealdade do amigo e o julgamento dos inimigos.

Como veem, mais uma oportunidade para o ajuste coletivo. Neste momento, um espírito de luz surge e fala:

— Portarcos! Augustos! Volte para o seio do bem, deixe de tanta revolta.

— Pare de me chamar de Augusto! Sou Portarcos, o magno.

— Claro, o magno, como lhe intitulavam, não lembra?

Portarcos fora morto com punhaladas justamente pelo grupo de Nerfando, que na época se juntava com Antônia/Aluê e Rubenito. A meta era que todos perdoassem seus erros do passado.

— Pare! Não quero lembrar como fui traído. Só me restou o ódio que tenho. Queria voltar para o meu reinado, o império me atraía, tudo era meu.

— Isto! Veja como se lembra. Agora, quer ver todos destruídos. Não vê que eles são seus irmãos, cheios de erros e fracassos, não

vê que eles merecem uma chance igual a sua?

— Parem, não vou cair nessa. Homens! Para trás! Isto não vai ficar assim, farei um ataque a este grupo. Não perdoem ninguém, todos morrerão e ficarão sob meu comando.

Assim, Portarcos deixa o local, enquanto Rubenito recebe a notícia do desaparecimento do Aragosa.

— Homens, que loucura! Nós aqui esperando libertar todos e ficar ricos.

— Soltem Aluê. — Mandou o padre, e imediatamente a índia fora libertada.

— E agora, o que faremos?

— Daremos dignidade a essas mulheres. Solte-as e serei sua mulher. — Prometeu a índia.

Em ato contínuo, Rubenito ordenou:

— Vamos todos! Atacaremos os guardiões e soltaremos as mulheres.

Num impulso, os que tinham condições de atacar seguiram Rubenito e, em poucos minutos, libertaram as Iurenepés.

— Muito bem, Rubenito, o que faremos agora?

— Levaremos elas conosco até próximo do riacho e mandarei Ruan falar aos Iurenepés que temos as suas mulheres. Mas terão que devolver o ouro e as pedras que nos pertencem. Só assim nos livraremos de todas as mazelas que temos agora decorrentes da nossa pobreza.

Planos de troca

Nerfando, ou Duramin, estava em pensamento quando foi avisada pelos demais que iriam retornar à tribo dos Iurenepés e devolver as mulheres deles, mediante o retorno do ouro e pedras confiscados por eles.

— Tragam as mulheres e os pertences delas, deixaremos tudo para os companheiros que as esperam.

— Claro, Rubenito, todas estão prontas para a viagem de volta.

— Rubenito, espere. — Falou Duramin.

— Diga, não temos tempo.

Com sotaque carregado falou:

— Isto é uma emboscada, ao nosso retorno seremos todos mortos. As tribos se juntaram e estão revoltadas por terem sido enganadas por nós.

— Como? — Perguntou Rubenito.

— Eu vi em meu último sonho que farão um acordo conosco, mas logo que estiverem com suas mulheres, mandarão matar-nos com arcos e flechas.

Rubenito pensa e conclui que a melhor solução é retornar para a tribo de Aluê levando as mulheres, lá terão chance de lutar e vencer.

Aramin, ouvindo este comentário, opinou:

— Patrão, não vejo que seja uma boa solução, logo nos alcançarão e nos destruirão.

— Aluê, venha cá, dê sua opinião. É minha esposa, já considero você assim.

— O que deseja de mim?

— Quero que pense em uma solução, logo seremos atacados pelos Iurenepés e o povo explorador. Teremos que ter um plano de fuga.

Aluê pensou e ordenou:

— Tragam as mulheres e vamos vesti-las com as roupas dos marinheiros.

— O que é isto, Aluê, ficaremos desnudos?

— Sim, é uma estratégia, levaremos algumas mulheres conosco e vestiremos outras. Caso eles não aceitem nossos termos, elas disfarçadas atrairão a atenção dos Iurenepés e nós fugiremos por outro caminho.

— Genial! — Exclamou Rubenito. — Façam o que ela diz, troquem as roupas e as deem para algumas mulheres Iurenepés.

A riqueza era só no que Rubenito pensava, no que iria fazer depois de ter tanto ouro e pedras para desfrutar a vida. Aluê pensava em devolver as mulheres dos Iurenepés. O padre queria misericórdia para o grupo e o capitão Diogo Álvares sabia que seu navio não existia mais. Todos ainda com objetivos opostos, mas em vias de se unirem para sair daquela situação.

— Rápido, tragam outras roupas e peguem o que estiver ao seu alcance para se vestirem.

O problema era que nada tinham, apenas as roupas do corpo, mas assim o fizeram e ficaram com panos envoltos das suas cinturas para cobrir os órgãos genitais.

— Estamos prontos, Rubenito. — Falou Ruan.

Duramin e Aramin também tiveram que ceder algumas peças sujas de roupa, ficando só com o essencial.

Demoraram algumas horas até chegar às proximidades do rio que levava às terras dos Iurenepés. Era quase noite e o grupo decidiu acampar e descansar, deixando para prosseguir no dia seguinte.

— Rubenito, estamos exaustos. — Disse Ruan.

— Está bem, acamparemos aqui. Peça para que os homens façam uma fogueira e vamos ver se encontramos algo para assar. Durante algumas horas todos se dividiram em tarefas para pôr o acampamento em condições de habitabilidade.

— Aluê, venha cá. — Falou Rubenito.

— Explique o que devemos fazer amanhã.

— Devemos sair bem cedo e logo que fizermos contato com os

Iurenepés, mostraremos algumas das suas mulheres e faremos nossa proposta; salve engano, ficarão furiosos mas logo deixarão o ouro e as pedras próximos do local onde ficaremos. Nisto, soltaremos as mulheres que correrão para os braços deles e levaremos as disfarçadas até certo ponto e as soltaremos também. Correremos para a direção oposta, a praia, e levaremos o ouro e as pedras para um acampamento já à beira do mar, que montaremos ao chegar. No final, irei sozinha relatar o ocorrido à minha tribo e pedir que eles nos protejam, se vierem ao nosso encalço. Neste tempo, espero que vocês consigam pegar um outro barco que, possivelmente, passe pela costa em qualquer direção.

— Plano perfeito. — Disse Rubenito.

Duramin ouviu o relato do plano e falou, com um péssimo sotaque:

— Vocês não acham que eles são tolos? Vão ao nosso encontro custe o que custar, eles nos querem ver mortos.

Intervenção dos sonhos

Aluê não tinha mais o que falar, para ela seria o plano perfeito, para Rubenito só interessava a fuga e ficarem ricos.

— Portarcos, o que faremos? Parece ser nossa última chance de derrotá-los.

— Faremos o seguinte: assim que amanhecer, influenciaremos os guerreiros Iurenepés a traírem seus princípios e atacarem logo o grupo de Rubenito. Eles defenderão suas terras e sua riqueza. Dizimarão suas mulheres, que as consideram impuras, visto que dormiram com os marinheiros e estão vestidas com as roupas deles. Vai ser o suficiente para consumarem a destruição total deste grupo de aventureiros de araque.

— Perfeito, chefe. — Falou outra entidade do mal.

— Tragam o prisioneiro!

E veio, para a surpresa de todos, o espírito do imediato senhor Smith, atordoado, sem falar coisa com coisa.

— Levem-no até Nerfando; esta noite ele vai dar o seu recado para a escrava.

Assim se sucedeu. Quando todos dormiam, o espírito de Nerfando avistou, em pleno sonho, o senhor Smith trazendo uma tocha na mão. Estava alegre e dizia que todos iriam se salvar. Acontece que, ao final da comunicação, apareceu a sombra de outra entidade correndo por detrás de Smith e irradiando luz de paz e amor, dando a entender que tudo não passava de uma cilada.

Duramin acordou esbaforida de madrugada e ficou pensando no que havia sonhado.

“Não sei não, acho a coisa complicada, de um lado o imediato feliz, e do outro um indicativo de cilada. Vou acordar Aramin e conversar com ele”.

— Acorde, acho que vamos morrer.
— Pare, Duramin, você só fala nisso.
— Fui visitada pelo senhor Smith no meu sonho. Ele disse que tudo iria sair bem, mas no final da conversa pressenti indícios de uma cilada.

Aramin pensou e disse:

— Está bem, vamos falar com Rubenito.

Portarcos, em ódio puro, falou:

— Deixem este Rubenito para lá, não vai acreditar no seu rival.

Uma luz dourada aparece e diz para Portarcos:

— Deixem eles! Merecem viver em paz.

— Nunca!

Portarcos/Augusto lembrou o quanto gostava da sua vida de mandar nos romanos, mas que, de repente, foi interrompida por um grupo rival:

— Deixem-me concluir minha vingança. — Disse ele.

— Vingança não leva a nada, retorne para a vida que Cristo pregou, ajude seus irmãos.

Portarcos saiu correndo em direção oposta, não aceitando a sugestão, o que foi bom para o grupo de encarnados.

— Rubenito, patrão, acorde. — Falou Aramin.

Rubenito, em sono profundo, não acordou.

— E agora, Duramin, o que faremos?

— Vamos acordar todos o mais cedo possível e avisar que devemos recuar. Não podemos entregar as mulheres até termos certeza de que não seremos traídos.

Ordens inversas

Duramin cumpriu a sua missão de avisar o grupo, sobre o que provavelmente iria acontecer, conforme sonhara.

— Duramin, venha conosco o mais rápido possível. Temos que retirar todas em direção à mata fechada. É hora de sairmos e deixar as mulheres Iurenepés correrem para sua tribo. — Pediu Aruê.

Rubenito acorda atônito e vê toda a movimentação de debandada:

— Parem! Não vamos fugir, devemos lutar e recuperar nosso ouro.

— Rubenito, vamos voltar, é urgente. Duramin recebeu aviso dos espíritos. Disseram que é uma cilada.

— Não acredito, padre. Até o senhor acha que os sonhos dela são verdadeiros?

— Só sei que tudo isso é arriscado. Temos os marinheiros remanescentes. O que queremos mais? Rubenito, voltemos enquanto é tempo!

Vencido, Rubenito concorda e pede uma última chance para recuperar o tesouro:

— Deixeme aqui com Aluê e Duramin, enfrentaremos os Iurenepés com outro stratagema.

— Qual? — Perguntou o sacerdote.

— Deixaremos nos apanhar e ao mesmo tempo levaremos as suas mulheres. Duramin e Aluê irão evocar os seus espíritos, cada uma conforme a sua crença, para jogar uma praga nesta tribo, e, ao mesmo tempo, Ruan e Aramin explodirão a pólvora que resta nos nossos mosquetes. Certamente irão se assustar e nos deixarão levar

o nosso ouro.

— Que tolice é essa, Rubenito?

— Padre, deixe-me tentar, não suportarei viver só no sonho.

— Está bem, se eles aceitarem a sua proposta, podem ficar, mas eu vou voltar com o restante da tripulação.

— Não pensamos assim, padre. — Falou Ruan. — Quando ficamos juntos, a tripulação não se separa.

— Só faltava esta. Agora é um motim, todos querem seguir Rubenito! — Retrucou o sacerdote.

— Claro, é o nosso código de honra. — Disse Ruan, que perguntou aos marinheiros: “Todos unidos em prol da fortuna e do sucesso?”

— Sim. — Responderam.

— Não é justo, isto não é pergunta que se faça. — Questionou o padre.

— Então pergunte o senhor.

— O que vocês preferem: viver modestamente até o fim das suas vidas ou morrer nas mãos destes Iurenepés?

A tripulação ficou calada, nem sim e nem não.

— Estão vendo, eles não querem segui-lo.

Todos, com exceção do padre, começaram a se preparar para ir com Rubenito. Estavam cansados e só queriam recuperar o ouro e as pedras.

— Ah! ah! ah! — Gargalhava Portarcos. — Não falei? Eles preferem a riqueza. Chamem os demais, logo teremos Nerfando em minhas mãos, aquele insolente que nos deixou por vagas promessas.

Logo se reuniu um grande número de entidades das trevas, todos com a intenção de proporcionar um caos total até que os desencarnes fossem feitos.

— Olhem! — Falou Aluê. —É meu padraço, foi quem me aceitou e me ajudou quando cheguei.

Era o velho Anorque, um dos mais antigos da tribo. Vinha acompanhado de dois guerreiros e iniciou um diálogo com Aluê.

— O que querem fazer? — Perguntou o velho índio.

Aluê explica toda a situação. Estava quase amanhecendo.

— Está bem, é melhor voltar e deixar os homens brancos se entenderem com os Iurenepés.

— Não posso, ele é meu esposo. — Falou Aluê, apontando para Rubenito.

— Mas não teve nenhum ritual.

— Eu sei, estou prometida.

— Não reconhecemos, devemos levar o assunto ao conselho dos idosos.

Naquele instante as mulheres Iurenepés começaram a chorar em coro e a fazer um barulho intenso com intenção de assustar os animais.

— Diga para elas pararem com isso. — Falou Rubenito.

— Não podemos impedir, elas lastimam as suas vidas. — Respondeu Aluê.

— Decidiremos logo o que fazer. — Disse Rubenito para o padre. — Levaremos as mulheres deles de volta e só as entregaremos mediante o pagamento ou devolução do que nos pertence.

Todos recuaram, deixando o local em correria.

— Para onde vamos, Rubenito? — Perguntou o padre.

— Para a praia, Levaremos um tempo, mas vamos nos fortificar e construir um pequeno refúgio para nós.

— Não temos água e comida, isto é loucura. — Alertou o padre.

— Então, qual é a solução?

— Deixemos estas índias voltarem para o seu povo. Temos um

saco de ouro enterrado na areia da praia, nós o colocamos lá. Você terá o suficiente para retornar à vida que tanto deseja.

Rubenito pensa e diz:

— Está bem, voltemos, mas com elas. O que está lá é pouco.

A retirada

Amanhecera e o grupo de Rubenito começava a descida de um barranco. Agora formavam um grande grupo e demandariam, no mínimo, dois dias de exaustiva caminhada até a enseada em que jazia o Aragosa.

— Rubenito, não temos mais condições de prosseguir, veja como todos estão. Os marinheiros se arrastam e as mulheres Iurenepés não ajudam na caminhada. — Disse Ruan. — Prossigamos assim mesmo, temos forças para realizar a tarefa de fuga.

De repente, Rubenito cai desacordado de exaustão.

— Parem! — Gritou o padre. — Deixem-nos descansar, tragam Rubenito até aqui e deixem-no se recompor.

Aluê correu, olhou para seu pretenso esposo e disse:

— Aramin, traga algo para beber, ele está muito fraco.

Logo o escravo apareceu com a água coletada de um riacho próximo. Trouxe também umas ervas de aspecto adocicado para ele mascar.

— Tome, Rubenito, beba água e morda essas plantas.

Meio acordado, o jovem seguiu as orientações.

— Vamos aproveitar e deixar as Iurenepés voltarem daqui. — Orientou o padre.

Após várias conversas entre si, finalmente deixaram as prisioneiras irem embora, ficando os farrapos de panos no chão e seguindo seminuas até desaparecer na floresta densa.

— Pronto. — Falou o sacerdote. — Louvado seja Jesus Cristo que nos auxiliou nesta hora de sofrimento.

— Calem! — Protestou Rubenito. — Deixaram nosso trunfo ir embora?

— Sim, Rubenito, acabou, vamos voltar para a civilização

pobres, mas com honra.

— Deixe disso, padre. Homens! Preparem-se para voltar para os Iurenepés e tentar resgatar nosso ouro.

— Calma. — Pediu Aluê. — Não é o momento, estamos próximos à nossa tribo, voltaremos depois. Devem se alimentar e recuperar os ânimos. Não tens força para tal empreitada.

O padre olhou para Rubenito e completou:

— Louvado seja o Senhor que nos guia, nos dá certeza de que um dia seremos homens de boa vontade.

— Padre, não faça sermão agora. Concordo com Aluê, me casarei com ela logo que deixarem e voltaremos para pegar nosso ouro.

Rubenito cai em sono profundo, o que foi logo compartilhado com os demais que, exaustos da expedição, decidem encerrar as atividades daquele dia tendo ajuda de Anorque e dos dois guerreiros, que já procuravam uma boa comida para assar e peixe para sustentar todo o grupo. Aproveitaram para trazer frutas coletadas de algumas árvores. Parecia que tudo estava resolvido. A noite chegou e todos dormiram com o som dos habitantes noturnos; os protetores espirituais da floresta comemoravam a tranquilidade e o ambiente favorável ao entendimento.

Aramin se aproxima de Aluê e diz:

— Não pensei que você gostasse do homem branco.

— Gosto, mas algo me diz que não é para ficar com ele.

Duramin ouve a conversa e fala:

— Homem branco gosta de você, mas você não gosta dele, percebo isto. Seu coração não corresponde ao dele.

Aramin arrebatou Duramin e disse:

— Deixe eles, vão se entender.

Aluê olhou com lágrimas escorrendo e disse:

— É o melhor que podemos fazer para ter paz.

Aramin, despedaçado, rebate:

— Melhor para você; para mim o que vale é o verdadeiro amor.

— Disse olhando para Duramin sua companheira.

— Você já tem Duramin, não pode reclamar.

— Ela é minha companheira, mas somos mais irmãos, ela sabe

disso, não fizemos nenhum voto perante a tribo ou os deuses.

Duramim concordou e disse que Aramim estaria livre para ter outra mulher. Ela diz que o destino dela é ajudar os necessitados.

Todos deitaram pensativos.

Revelações

A noite transcorreu tranquila com o grupo de Rubenito dormindo sono pesado. Foram visitados pelo espírito da floresta enviando esforços para que todos fossem levados ao descanso profundo. Queriam que eles desfrutassem dos benefícios dos habitantes da floresta e deixassem outras espécies, em fase de acasalamento, se reproduzirem sem serem mortos pelas necessidades físicas dos homens. Quanto aos índios, os agressores e os Iurenepés deixariam os destinos amenizarem suas dívidas para com eles; só que, espreitando os bons fluidos que emanavam para Rubenito e o grupo, estava o velho Portarcos. Para ele, Nerfando seria a causa do desequilíbrio de seus seguidores que já não acreditavam no comando do velho vingativo, e, por isso, estavam debandando para outro grupo de hipnotizadores. Era uma questão de honra para Portarcos deixar a sua ira fluir e reconquistar sua influência.

Vieram à tona mais imagens de lamento e destruição causados por Augustos na época romana. Quem era Rubenito? Neste período conturbado de domínio romano, Rubenito, na verdade, fora pai de Augustos, também imperador romano, na época em que o Mestre Jesus trazia sua mensagem de paz e amor para os homens dominados pelo ódio e rancor. Ninguém escapou da boa nova e Tibério, adoentado, procurava a cura para seus males em todos os quatro cantos do mundo. Mas ele não era portador de fé suficiente para ajudar a crer nas palavras dos homens de boa vontade. Decidiu enviar emissários à Galileia para perscrutar o que havia ouvido de um homem que era capaz de curar os males físicos. Não aceitava mais os tratamentos a que se submeteu, desde sanguessugas a extratos de ervas provenientes do norte da cidade. Seu poder terreno, agora cada vez mais limitado pela

doença, o fazia perceber que seu fim estava se aproximando, mas ainda tinha amor correndo nas veias pelos descendentes que poderiam continuar sua história. Foi com este intuito que despachou para a região da Palestina um velho amigo seu que, do púlpito, acenou pelo desejo de ir ao encontro da cura de sua filha. O senador Publio Lentulus foi voluntário neste início de jornada para averiguar todo o poder que aquele homem dizia ter, mas que não possuía armas e nem soldados, apenas o amor, a fé e a caridade para com o próximo.

No início, tudo deveria ser guardado a sete chaves, mas com a evolução da trajetória, caso fosse comprovado o poder do Mestre Jesus, tinha ordens de tentar convencê-lo a fazer uma viagem à antiga Roma e ver o seu mandatário quase morto, o que não foi possível pela dificuldade da época. Ele viria? Com toda certeza, se estes homens sem fé houvessem pelo menos mudado o seu eu, mas o Mestre nunca esqueceu os homens de boa vontade. Assim, em meio a turbulências de pensamentos de Portarcos, vemos surgir um personagem que, há muito, havia lhe servido de pai.

— Portarcos, chefe, estou aqui para receber suas ordens. —
Falou um dos seus subjugados.

— Abaixese e lamba as minhas mãos quentes; em pouco tempo levaremos minha vingança às últimas consequências.

— Chefe, só restou eu e outro, o que faremos?

— Arregimentaremos outros, afinal Portarcos sempre vence, custe o que custar. Mesmo com início de cansaço por tantos anos de ódio e incompreensão.

— Tragam o senhor Brown, o destruidor de mentes, ele atenderá ao meu chamado. — Ordenou Portarcos.

— Sim, chefe.

E os dois se retiraram para cumprir as ordens.

— Olhem, não deixem de vir me ver destruir totalmente este grupo.

Nerfando dormia desdobrado, sonhando com um ambiente celestial onde suas ordens seriam para trazer paz aos necessitados.

O porto seguro, sem dúvida, são os ensinamentos do Pastor de

almas que veio nos ensinar o quão é importante o amor do nosso Pai para com todos. Para Ele, o fato de estarmos na infância da humanidade significa mais cuidados com os sofredores e aflitos. Que assim seja!

Envenenados

Logo cedo, os marinheiros libertos anunciaram:

— Rubenito, acorde, estamos com um sério problema.

Ainda sonolento, Rubenito não entendia o que eles queriam dizer com aquilo.

— Temos que voltar para os Iurenepés, eles deixaram um rastro de um pó em nossos corpos. Veja! estamos ficando com uma cor escura, nossas gargantas começam a fechar. Aluê disse que é um veneno de longa duração, morreremos assim que chegarmos à tribo deles. Ela diz que só eles sabem a fórmula para a cura.

Era tudo o que Rubenito queria ouvir.

— Homens, preparem-se! Voltaremos agora mesmo.

O padre, cansado desta jornada, informou:

— Voltarei para a tribo de Aluê, eu e Ruan. Não temos condições de empreender nova jornada, pelo menos por agora.

Portarcos ria.

— Viram! O velho aqui fez com que eles fossem marcados com o veneno da raiz forte. Se não fosse pela minha manipulação, os exploradores de ouro e pedras não tinham colocado o pó de silício na bebida deles. Achavam que iriam ficar fortes com esta mistura, mas na verdade era para esgotar as últimas forças dos presos e depois deixar o último suspiro para os animais da floresta terminarem o serviço. Alimentavam os animais e descartavam estes homens já consumidos pelo tempo e pelo trabalho.

Portarcos regozijava-se, achava que a chance de seu plano de vingança aumentava. Veio o influenciador de almas, chamado Restritus, e falou:

— Estou às suas ordens, chefe das mentes, o que deseja?

— Quero que faça o seguinte: apure suas energias para deixar

Aluê em condições de hipnose mental. Ela tem um quê de habilidade para traçar planos, mas no próximo ela irá induzir o grupo para uma cilada. Deixaremos todos retornarem para a tribo dos Iurenepés e, em seguida, após ato falho das suas ideias, ela entregará seus companheiros para a morte, ficará atônita e achará que não terá outra solução para alcançar a paz. Este padre, sem convicção, também cairá nas minhas garras.

Para Restritus isto seria muito fácil de executar.

— O que ganho em troca? — Indagou o ilusionista.

— Te darei todas as almas para te servir, com exceção de Nerfando, meu antigo orientado, que caiu em uma cilada e se afastou de nós. Agora é a nossa vez de triunfar. — Falou o velho asqueroso.

— Calma, Portarcos. — Sugeriu um mentor espiritual. — Tua hora está chegando, abandona os teus intentos e deixa este grupo seguir em paz.

— Nunca! — Rebateu Portarcos, já com pouca força na sua voz.

Decisão de voltar

Duramin ouvindo que haveria necessidade de retornar ao povo Iurenepés, e quem sabe, aos exploradores de pedras e ouro, decidiu:

— Eu não vou.

— O quê? Você é uma escrava e quem decide se você vai ou fica, sou eu. — Gritou Rubenito.

Imediatamente, Aramin interfere:

— Patrão, não fale assim com ela, temos medo, é normal.

— Somos exploradores e assim que encontrarmos uma oportunidade de descoberta, fincamos bandeira e este caso é para salvar os nossos companheiros.

O padre ouviu e perguntou:

— O que é isto Rubenito? Agora você quer salvá-los, desde quando este intento?

— Ora, padre, temos que nos redimir dos erros; para isto estamos tentando reconsiderar os fatos.

— Está bem. Então façamos o seguinte: durante a noite, ficaremos alertas para qualquer movimentação. Os Iurenepés estão vindo ao nosso encalço. Logo que suas mulheres chegarem às proximidades da tribo, vão querer nos dizimar, então teremos paciência. Iniciaremos o retorno agora, lentamente, até o pôr do sol. O que acham?

A índia Aluê, sob influência de Portarcos e seus amigos, dá uma nova ideia:

— Acho que temos que ser realistas; estamos no limite de nossas forças para tal empreitada. Devemos, antes de tudo, estudar a melhor maneira de atacar os Iurenepés. Acho que devemos, todos juntos, partir para cima deles de uma só vez.

Acontece que os Iurenepés tinham em mente atacar os

marinheiros acabando com o maior número deles, inclusive convencendo os índios exploradores a participarem do tal ataque, visto que era uma questão de honra para os indígenas.

Assim lavava-se a honra da tribo: praticando o ritual de morte. Após a matança ou captura de inimigos, cruzavam as lanças por todo o corpo da vítima até atingir os órgãos vitais. O rompimento poderia se estender por vários dias, tempo suficiente para animais e répteis sentirem o cheiro de carniça e finalizarem o assassinato. Este era o costume deles. Beber sangue do guerreiro oponente havia sido banido desta prática, que vinha das culturas incas e maias. Nada disso era mais feito.

— Vamos seguir Aluê. — Disse o apaixonado Rubenito, e todos concordaram.

Portarcos ria muito e Restritos, um super-hipnotizador, começou a influenciar os demais do grupo para que um não gostasse do outro. Aconteceu até uma briga de machados entre os homens porque um esbarrou no outro sem querer. O ambiente no grupo de Aramin estava ficando pesado.

Duramin, pressentindo os erros da escolha, opinou:

— Patrão Rubenito, falando francamente, hoje acordei com um sonho em minha mente.

— Que é? Diga logo.

— Sonhei que iríamos ser deitados no chão e retirados todos os nossos cabelos.

— O que significa isto?

Aramin interveio e disse:

— Patrão, é a morte por escarpelamento.

— Deixem de bobagens, arrumemos as coisas e partiremos de volta. Já descansamos muito neste local.

Aramin se levanta e faz mais uma observação:

— Patrão, ela quer dizer que se voltarmos aos Iurenepés não teremos mais outra chance de retornar.

— Agora vocês estão contra mim? — Observou Rubenito com voz alterada.

— Não, patrão, queremos apenas voltar com vida; nós merecemos.

— Alto lá, acham que não sou responsável por vocês? Pois estão enganados, sempre os respeitei.

Aramin e Duramin não entendem estas últimas palavras.

— Deixem pra lá, arregacemos as mangas e vamos agir.

O grupo iniciou a caminhada em direção à tribo Iurenepés.

— Andem rápido, quero ver se no início da noite resolvemos esta pendência. Pegaremos todos de surpresa e reaveremos o ouro que é nosso, trazendo-o de volta ao nosso domínio.

Todos se entreolham.

— Restritos, falta muito pouco para eles chegarem ao local. — Observou Portarcos.

— Sim, chefe, por pouco eles não se desentenderam, mas estão bastante desgastados entre eles, ou seja, o grupo está dividido nos pensamentos. Logo que iniciarem os combates serão facilmente derrotados porque um não suporta mais o outro.

Após várias horas de caminhada o grupo chega a uma cachoeira próximo da tribo dos Iurenepés e Rubenito ordena:

— Ruan, vá e veja se eles estão reunidos!

Mal acabou de falar, são cercados pelos Iurenepés.

Rendição de Portarcos

As horas se passaram e os Iurenepés estavam procurando indícios de abusos em suas mulheres, mas nada fora constatado. Portarcos esforçava-se para influenciar os índios e logo acabar com a vida dos intrusos, quando uma Divina luz tranquilizante surgiu e iniciou um diálogo:

— Estou aqui para mostrar o teu passado, Portarcos. Vês esta mulher, Aluê, que tanto persegues, como fazes também com Rubenito?

— Não tente me mostrar o passado, esta técnica de destruição dos meus ideais não funciona.

— Ela é tua filha, Antônia, a doce e meiga menina que outrora se apaixonou por Artemides, teu futuro genro.

— Não é verdade. Deixe-me em paz, não aguento ouvir a sua voz.

— É a voz do teu coração que te fala, não a minha, te rende aos fatos.

E, como se uma tela mental abrisse nos pensamentos de Portarcos, ele começou a ver o nascimento de uma criança branca com olhos azuis e muito risonha, que logo encantou o pai, Altino (Augustos). Ele não parava de olhar e agradecer aos céus aquela dádiva de tê-la nos braços. O crescimento de Antônia foi cercado de recomendações e cuidados. Altino sempre que podia ficava com a jovem, identificando-se espiritualmente com ela. Quando a menina completou oito anos, Altino foi acometido de um forte resfriado após ter chegado em casa sob intensa chuva, evoluindo para pneumonia e logo desencarnou. Deixou Antônia para ser criada pela mãe e a avó. Ao chegar ao mundo espiritual, foi saudado por antigos comparsas e logo reassumiu seu posto de chefe dos hipnotizadores. A espiritualidade tinha chance de

Altino/Portarcos reunir esforços para resgatar alguns débitos, mas sua maneira vil de tratar os outros trouxera velhos hábitos e atitudes más. Só que, para ele, Antônia era o seu alento, sua princesa.

— Portarcos! Acorde! Você está em transe, eles querem te apanhar. — Avisou Restritos.

— Não aguento mais, esta menina mexeu comigo. — Falou o antigo hipnotizador.

— Largue agora estas imagens ou você não resistirá.

A luz se intensificou e apareceu um jovem com aspecto de tranquilidade que perguntou:

— Não me reconheces Restritos?

— Quem és? Meu irmão?

— Sim, sou teu irmão em Cristo. É hora de vires comigo, nossos amados nos esperam.

Após uma intensificação maior da luminosidade, um doce perfume invade o ar onde se travava a batalha invisível. Logo Portarcos e Restritos caem em choro compulsivo e são abordados por vários espíritos de luz que os consolam e lamentam o estado em que se encontram.

— Deixem-se amar, nós temos o bálsamo para vocês, as palavras de Jesus, que dizia “Ame o seu próximo como a si mesmo”.

Foi assim que a espiritualidade maior fez com que Augustos, ou Portarcos, fosse resgatado para áreas de reestabelecimento. Quanto aos nossos aventureiros, a história prossegue, mas sem as interferências malignas dos antigos algozes.

— Deixem-me falar com seu chefe! — Pediu o padre aos Iurenepés.

A fórmula espiritual

- Deixe-me falar com o chefe dos Iurenepés. — Pediu Duramin.
— Cale-se! Estes assuntos são decisivos para nos defendermos.
— Respondeu Rubenito.
— Meu amo, raramente ela interfere em algo e se ela pede para explicar é melhor deixá-la falar. — Disse Aramin.
Rubenito questionou:
— Ela não tem cultura, não sabe nem a nossa língua.
— Quem vai falar por ela é o seu coração. — Insistiu Aramin.
Rubenito pensou e, a contragosto, decidiu:
— Está bem, deixem-na falar com o chefe Iurenepés.
— Sábia decisão senhor. — Elogiou o padre.
— Tragam-na! — Ordenou Rubenito.
— Nós temos um pedido. — Falou Duramin ao chefe Iurenepés.
— Você, pele escura, protegida do sol, o que deseja?
— Quero que me dê a fórmula para curar estes normais.
— Só os deuses sabem. — Respondeu o Iurenepé.
Com esta resposta, Duramin prepara-se para comunicar-se com o invisível.
— Aramin, traga aquela folha, passarei a mastigá-la até entrar em transe.
Era uma folha de erva doce; Aramin sabia das suas propriedades dulcificantes e relaxantes.
A negra passou a mascá-la e tomou um pouco de água. De repente, começou um diálogo com os espíritos:
— O que desejas? — Ela falou com voz diferente.
— Misericórdia para nós. — Respondeu.
— Tens o bastante, ainda vives. — Retrucou.
— Não! Quero para eles, esses homens que sofrem com veneno.
— Deixe-me explicar: eles sofrem pela sua incúria e devaneio,

querem ouro e poder, isto não terão agora.

— Querem a saúde. — Falou Aramin, que intermediava a conversa.

— Querem matar as tribos e pegar o ouro.

— Queremos a paz e a união.

— Então prove o que diz.

Neste intervalo, Aramin aconselha Rubenito e o padre.

— Melhor entrarmos num acordo ou este espírito não vai nos dar a fórmula de cura.

— Padre, deixe-me tentar falar com este espírito negociante.

— Olhe aqui, queremos a fórmula agora, eu ordeno!

Duramin calada, não se manifestou.

— Raios! Que desperdício! Está bem, continue Aramin, mas não diga depois que não tentei.

E Rubenito sai contrariado.

— Vou lhe mostrar a paz. Aqui está o que sobrou do ouro; não temos mais nada, só os trapos que nos cobrem, somente isto daremos aos Iurenepés para adorarem seus deuses.

Assim, Aramin convenceu os espíritos da floresta a dar a fórmula para curar os marinheiros.

— Primeiro, pau-rosa, moa e dilua com um pouco de água, adicione o corante do Urepê, uma vegetação rasteira que dava próximo ao rio, masque pedaços de tronco do sul, outra árvore da região, e depois dê aos seus homens. Esta é a fórmula para cortar o veneno.

Duramin, ainda em transe, complementa:

— Tem coisa que não se pode mudar, esta fórmula irá dar vida aos seus, mas não aos nossos intentos, que é a união dos seus povos. Tragam mais homens e a discórdia continuará, tragam mais ouro e as discussões continuarão. Só se vocês se virem como companheiros de caminhada é que vão entender o verdadeiro valor da vida. Não desperdicem esta chance, será a sua última.

Ao final, Duramin cai desacordada, enquanto Aluê, o padre e alguns índios, assustados com aquela revelação, passam a procurar os ingredientes.

— Se soubesse, não teria vindo até os Iurenepés para pedir a

fórmula. — Falou Rubenito. — Estaríamos mais próximos da tribo de Aluê.

Em compensação pensou, “há uma última chance de pegar o ouro e as pedras”.

— Larguem ela! — Ordenou o padre. Era Duramin sendo carregada pelos Iurenepés para ser glorificada, pois ela falou com os espíritos da floresta.

— Não toquem nela! — Pediu Rubenito.

Pronto, foi o suficiente para ele disparar a pistola para o alto e, em ato contínuo, formou-se nova confusão em que os Iurenepés correram assustados. Rubenito foi procurar o ouro nas cabanas dos primitivos. Não encontrou nada, tudo tinha sido dado aos índios exploradores como pagamento pela ajuda naquele certame. Algumas vezes esses acordos eram selados, para o desespero de Rubenito, que começa a chorar próximo de uma tenda.

Retorno à tribo dos exploradores

Ao perceber que não tinham a fortuna, Rubenito decidiu deixar todos e seguir rumo à tribo dos índios exploradores.

— Vou embora sozinho, falou, todo marcado por tintas naturais dos Iurenepés, após os deixar, enquanto se escondia.

— Volte, Rubenito. — Pediu o padre. — A festa acabou, retornaremos para a praia e montaremos acampamento. Aliás, temos um punhado de ouro escondido na praia, não lembra?

Rubenito refletiu um pouco sobre os seus modos e disse:

— Perfeito, padre, confesso que havia esquecido este importante detalhe. Tragam os homens e vamos voltar para a praia.

— Calma. — Falou Aluê. — Ainda não completamos a fórmula, falta o corante.

Aos poucos a fórmula ganhava consistência avermelhada e estava concluída.

— Primeiro os mais sacrificados. — Determinou o padre, e, aos poucos, foram dando toda a medicação natural.

— Ufa. — Suspirou Aramin. — Agora acho que salvamos todos.

— Voltemos antes que a noite chegue. — Pediu Rubenito.

Antes de partir, os Iurenepés jogaram lanças e flechas em direção ao pequeno e combalido grupo, que saiu correndo em direção à floresta densa.

Todos se escondiam como podiam e novos tiros de pistola foram dados.

— Rubenito, por aqui. — Chamou o padre.

— Agora não, leve o resto que falta, vou sozinho em direção à tribo dos índios exploradores, não me esperem por aqui. Se sobreviver, vou ao encontro de vocês.

— Não faça isto, você não voltará.

— Voltarei sim, mas rico e não tão pobre como eu nascera.

Ele sumiu tomando rumo diferente do grupo. A noite chegou e o grupo, agora comandado pelo padre, resolveu ficar próximo de um riacho com facilidade de encontrar comida e bebida. Até um jacaré foi abatido, para alegria de todos. E abundante carne fez alimentar também a esperança de retornar logo à tribo de Aluê.

Passaram-se algumas horas da noite quando se ouviu barulho de galhos quebrando próximo a eles; era Diogo Álvares que, ouvindo falatório, ressurgiu no cenário à procura de seu companheiro de caça ao tesouro, Rubenito.

— Cadê o marinheiro Rubenito?

— Foi em busca do seu tão sonhado ouro. — Respondeu o padre.

— Ao amanhecer procurarei o meu ouro. — Falou Diogo, com aparência transtornada e dificuldade de caminhar.

— Volte conosco, você está perdido aqui e logo vai ser comida de onça. — Alertou o padre.

— Deixe-o, senhor, ele encontrará o que quer e o que não deseja.
— Profetizou Duramin.

Novas ideias

Não faltaram avisos para que Diogo Álvares não partisse em direção ao povo explorador.

— Fique, capitão, não vá, é arriscado. — Aconselhou o padre.

— Não vim para ficar pobre, tudo que eu quero é minha parte na fortuna que este povo esconde.

— Isto não o levará a nada.

— Deixe-me ir, encontrarei Rubenito e traremos todo o ouro que quisermos.

Diogo parte até todos o perderem de vista.

— Nunca mais o veremos. — Disse Aluê.

— Acho que não, mas foi a escolha dele. Suspendamos o acompanhamento e vamos retornar o mais rápido possível para a civilização. — Falou o padre. — Ruan, a partir de agora você toma conta dos homens. Irei na frente com Aluê e logo chegaremos à praia.

Assim foi feito. Para alegria de todos parecia que aquela odisseia havia terminado, visto que não tinham mais esperanças do retorno de Rubenito e do capitão.

Ao chegarem à praia, acenderam uma grande fogueira para que qualquer embarcação que passasse pela costa avistasse o fogaréu.

— Olhem! É um navio de bandeira espanhola.

— Graças aos céus, finalmente poderemos retornar à civilização.

Gritaram, mas não foram vistos ou a embarcação não quis atracar, talvez com receio de ser alguma estratégia de pessoas que queriam arrebatá-lo o barco.

— Não pararam, padre, o que faremos? — Perguntou Ruan.

— Ficaremos aqui até conseguirmos voltar.

— Já se passaram alguns meses e não temos mais paciência de

esperar.

— Eu sei, estamos cansados, sugiro nós mesmos construirmos uma pequena embarcação e partir pelo litoral até uma cidade já constituída.

O plano foi traçado: tirariam a madeira da floresta, junto com cipós e um grude que os índios fizeram com o caule de uma árvore. Enquanto isso, Aluê, Aramin e Duramin se identificaram tanto que pareciam formar uma família de três. Não ouviram mais falar em Rubenito e Diogo Álvares.

Certa manhã, um grande alvoroço foi ouvido vindo das bandas da tribo de Aluê. É que haviam encontrado os restos mortais de um homem vestido com a roupa de Diogo Álvares. Todos correram e confirmaram o vestuário do antigo capitão.

O padre fez um funeral digno, cristão, e rezou muito pela alma do velho marinheiro. Sobre Rubenito, queriam saber por onde andava.

Sem respostas, o grupo continuou em silêncio imaginando o destino dos companheiros.

— Não importa. — Disse o padre. — De qualquer forma temos que sair daqui e não temos tempo a perder.

A embarcação estava quase pronta e logo que os detalhes fossem resolvidos, tentariam a sorte no mar, e quem sabe, seriam resgatados por alguma nau.

— Padre, acho que já podemos ir. — Avisou Ruan.

— Muito bem, começaremos a remar assim que o sol aparecer.

— E Aluê e os escravos?

— Acho que vão ficar aqui; perguntaremos a eles o que desejam.

Assim fora feito, os nautas pediram uma reunião com toda a tribo de Aluê para agradecer e informar que, finalmente, estavam prontos para partir.

A embarcação era segura, mas pequena, parecia um grande bote de quinze metros de extensão e dois de largura. Fizeram uma pequena vela e colocaram uma quilha com pequeno remo lateral para dar o rumo. A vela era de pedaços de panos que sobraram. O rumo seria dado por um sextante que sobrou do naufragado Aragosa.

Organizaram uma festa e perguntaram quem queria retornar com eles. Aramin se manifestou:

— Quero retornar com Aluê e Duramin.

Foi uma surpresa para todos.

— Você não está adaptado aqui? — Perguntou o padre.

— Estou, mas é que nosso filho...

— Filho?

— Sim, Aluê está gestante, esperando um filho de Aramin.

— Como? vocês não falaram nada!

— Estávamos esperando uma oportunidade. Apesar da tribo ser a nosso favor, queremos retornar a uma boa cidade, queremos que nosso filho cresça aprendendo como o homem branco aprendeu.

O padre olhou para os dois e concordou:

— Está bem, venham conosco, mas saibam que a nossa aventura não tem tempo para acabar.

Olharam todos para o céu estrelado, fizeram uma prece e rogaram ao Deus Criador, que comanda o céu e a terra, para que as bênçãos dele fossem derramadas sobre o grupo e aquela nova empreitada fosse concluída com sucesso.

A largada

Durante a noite, Aramin confessou a Aluê o grande amor que sentia por ela e que, a partir daquele instante, não queria mais saber de olhar para outra mulher, elevando a índia mestiça ao posto de primeira esposa. Duramin seria apenas uma amiga do casal. Era assim que se decidia na tribo em que Aramin nascera.

Passaram várias horas até o sol nascer. Aramin não conseguia dormir e a nova situação trazia mais responsabilidade para ele, mas o amor não tem fronteiras; quando ele atinge os corações apaixonados, nada impede das almas se unirem. Com as bênçãos de Deus a humanidade progride para o amor a Ele e aos semelhantes.

Pela manhã, com tudo pronto, o pequeno barco foi posto no mar e batizado com o nome de Albatroz, lembrando a ave que circunda os mares e oceanos do mundo.

— Padre, estamos prontos. — Falou Ruan.

— Está bem, subam todos e não esqueçam de nada.

O padre, na última noite, teve o cuidado de levar as últimas pepitas de ouro escondidas para que os homens não reclamassem. Era a garantia de que, se encontrassem alguma terra habitada, poderiam adquirir alimentos ou outras coisas para o sustento do grupo e, quem sabe, conseguir uma passagem de volta para a Europa.

— Soltar âncora! — Ordenou Ruan, agora no posto de comandante.

Assim foi feito. No início da manhã o pequeno Albatroz solta os cordames e são atirados contra as ondas que quebravam na beira da praia. Logo o barco ultrapassa o primeiro nível do quebra-mar.

— Mais força! — Gritava Ruan aos marinheiros que, com remos improvisados, faziam o que davam conta.

— Remem, remem. — Ajudava o padre.

Nesta altura, Aramin também pega um remo e ajuda a embarcação a sair da costa em direção ao alto mar.

— Muito bem, homens, conseguiram a primeira etapa. — Falou Ruan. — Ergam a vela e vamos traçar a rota para o norte, costeando o litoral destas terras. Pelos meus cálculos levaremos alguns dias para atingir a ponta de terra que nos levará a um pequeno vilarejo português.

Ruan marcou no mapa precário a posição de Cabrália, início da odisseia de Pedro Álvares Cabral em terras brasileiras.

— Muito bem, Ruan, vamos cantar para passar o tempo.

Com o vento soprando a boreste, a pequena embarcação tendia a se aproximar cada vez mais da costa.

— Remem para bombordo! — Gritava Ruan. — Não podemos encalhar novamente e deixar nossos planos por água abaixo.

As manobras náuticas eram sentidas, pois o mar estava agitado e pequenas ondas faziam com que o Albatroz parecesse um verdadeiro papel jogado de um lado para o outro. Aluê logo enjoou e Aramin, preocupado com ela, ficou mais próximo.

— Aluê, você está bem?

— Sim, meu amor, não sinto falta de nada, apenas me abrace.

As horas iam passando, até que Ruan conversa com o padre a respeito da primeira parada, pois a noite se aproximava rapidamente. Ele explica:

— Isto são ventos alísios, normalmente por estas paragens significa prenúncio de chuva; é quando os ventos mais frios, vindos do oceano, vêm ao encontro do calor proveniente da terra e costumam provocar tempestades.

— O que sugere? — Perguntou o padre.

— Ficaremos ali. — Aponta Ruan. — Lançaremos nossas cordas para passarmos a noite e aguardar o amanhecer. Se houver chuva, melhor nos abrigarmos em terra.

— Muito bem, então remem para a praia.

Assim foi feito e logo o Albatroz foi conduzido para o litoral em terras mais ao norte.

— Certo, Ruan, estamos todos bem, o barco mostrou-se forte o

suficiente para nos levar ao nosso objetivo.

— Remem para a encosta e abaixem a vela! — Gritou Ruan.
O Albatroz deslizou suavemente até uma ponta de areia.

A revelação

— Companheiros. — Falou Ruan já em terra firme. — Não posso mais esconder minha verdadeira identidade.

Todos se entreolharam e um marinheiro gritou:

— Fale logo!

— Sou o príncipe de Castella, que todos clamam nas ruas, o terceiro na sucessão ao trono.

— Como? — Perguntou o padre. — Conheço todos os filhos do rei, menos o que estava na Áustria em educação marítima e estudando astrologia.

— Muito bem, este sou eu.

Todos ficaram extasiados com a revelação:

— O que fazes aqui como marinheiro?

— Venho por parte do rei, meu pai, assumir as terras que nos pertencem.

— Mas não somos descobridores, viemos apenas tratar de avaliar as riquezas locais.

— Sim, mas de agora em diante e, em nome de Castella, tudo aqui me pertence.

— Ora, senhor Ruan, então diga seu nobre nome.

— Antônio Bonifácio de Aragão... — e mais dezesseis nomes foram pronunciados até, por fim, o de Aragones.

Entreolharam-se mais uma vez, e o padre rebateu:

— Filho, deixe disso, não és o descendente de Castella, estás alucinado.

— Pena que pensem que estou mentindo, peço que o marinheiro Sodré se apresente e denuncie a minha nobre descendência.

O marinheiro se ergue e fala:

— Ele é a nossa Alteza, o príncipe de Aragones, o terceiro na

sucessão ao trono. Sua irmã está próxima a se casar com o príncipe dos países baixos.

— Veem que não estou mentindo?

— O que sabe sobre mim? — Perguntou o padre.

— Sei que saiu do convento direto para o navio, que pretendia catequizar o maior número de índios, e que não queria voltar ao reino espanhol.

— Por que encobriu isto de todos?

— Para não pensarem que estavam transportando um nobre da casa real e para não atrapalhar os planos de Diogo Álvares, que sabia que tinha alguém importante na missão, mas não sabia quem era. Que os céus o tenham em boas mãos.

Esta revelação suscitou muitos comentários entre os expedicionários.

— Ora, então devemos comemorar ou chorar? — Perguntou o padre.

— Os dois. — Respondeu o príncipe. — Primeiro, comemorar, pois eu declaro todas estas terras de propriedade do reino de Castella; e chorar porque só tomarei efetiva posse ao retornar à Espanha.

Mais comentários surgiram.

— Duramin, ele diz a verdade? — Indagou o padre.

— Segundo o que ouço, ele perdeu o juízo. — Respondeu a vidente.

— E agora, qual será a nossa conduta? O que faremos?

— Vamos ouvir mais suas histórias. Ele é o príncipe, mas não deveria revelar isto. — Complementou Duramin.

Os novos planos

Naquela noite, após a revelação do príncipe herdeiro, todos se recolheram mais cedo, com exceção do padre e Aramin, que conversavam:

— Será verdade mesmo? — Perguntou o padre.

— É com certeza. Duramin não erraria.

— E se ele estiver blefando, o que faremos? Não temos como levar uma autoridade disfarçada de marinheiro.

— Devemos chegar a Cabrália e mandá-lo de volta com as credenciais que a ele se deve. — Falou Aramin.

— Eis o problema, o reino de Castella vive em disputa com os portugueses. Não vão aceitar que eu o transporte.

— Tenho outra solução. — Falou Aramin. — Dê o ouro que o senhor trouxe para ele retornar ao seu país e nós ficaremos em Cabrália até conseguirmos condições de voltar, eu, Aluê e Duramin, para a África e vocês para o outro continente.

—É possível que não consigamos. Irei me apresentar a um representante eclesiástico que estiver por lá. Vocês provavelmente serão presos e colocados em um calabouço, ou mortos por traição, conspiração ou qualquer outra acusação. Quanto às mulheres, serão abusadas e se tornarão escravas dos senhores de terras. É assim que a lei funciona.

Nesta época, o Brasil, ainda em fase de descobrimento, carecia de leis e ordem. O mais forte era quem comandava. Apesar de haver poucas regras no governo português, não eram suficientes para aplacar mandos e desmandos dos descobridores e escravizados. Vinham de Portugal exploradores, comerciantes de todas as espécies e pessoas a fim de iniciar uma colonização porque em Portugal não havia boas condições de sobrevivência. Então, como era de se esperar, a lei e a ordem não existiam nesta

época da descoberta. Muitos grupos se rivalizavam à procura de riquezas e o clero ajudava os desamparados a sobreviverem nesta época de crueldade. A vantagem era a facilidade de conseguir terras para colonizar e explorar a madeira e o ouro que se encontravam, daí a facilidade de ver navios de várias nacionalidades cruzando os mares do sul à procura de locais para explorar. O Brasil, recém-descoberto, multiplicou o interesse do estrangeiro, ávido por especiarias e riquezas naturais do novo mundo. Foram épocas de conquistas e glórias que só a colonização portuguesa teve condições de realizar devido ao seu poder ultramarino de conquistas que, sob a égide de Jesus, o Mestre, trouxe para o Brasil a esperança de um novo mundo, de novas pessoas, de novos ares. Foi assim que o país foi descoberto por estrangeiros e o povo, aos poucos, formado no seio da grandeza de seu território.

Numa passagem do Evangelho, Cristo se referiu: “a todo aquele que se dedicar aos negócios do Pai, será dado o cêntuplo de bênçãos de retorno”. Foi assim que os evangelistas encararam a tarefa de catequizar os indígenas brasileiros. Despacharam vários sacerdotes para expandir os negócios da Igreja, em favor da conquista de fiéis, através da ordenação de novos adeptos ao cristianismo. Não foi só o interesse econômico, como muitos pensam. Foi, sobretudo, a fé em um mundo melhor para todos, que o Papa Clemente, à época, decidiu mandar padres para todos os confins da terra nos mesmos moldes de Tiago, Pedro e Paulo, que incentivavam a crença em Deus e em Cristo para expandir a Santa Igreja. São dogmas que permanecem até os dias atuais, apesar das facilidades encontradas nas divulgações de diferentes doutrinas, tanto orientais como ocidentais. Neste episódio específico, temos pela frente o amor entre duas pessoas diferentes em raça e credo, e o padre, superior aos demais em seus pensamentos. Imaginem isso, mais de 500 anos atrás. Certo de uma solução universal para cada caso, o padre, estudioso do dogma da Santa Igreja, decide desligar o vínculo com seus ideais e partir junto ao nobre de volta para a Europa, deixando os seus afetuosos Duramin, Aluê e Aramin à mercê dos exploradores.

Isso foi o que ele começou a pensar.

Segunda Intenção

Duramin, ao acordar, revela um sonho:

— Sonhei que seríamos abordados por um outro povo e seríamos obrigados a deixar as terras em direção ao mar, sem rumo.

— É isto que significa mesmo ou tem outra interpretação? — Perguntou o padre.

— Mais ou menos, senhor, ela quando sonha com terra e mar ao mesmo tempo é que há uma contradição, apesar de um completar o outro. — Falou Aramin.

— O que, então, significa? — Perguntou novamente o padre.

— Significa que teremos tormentos daqui pra frente; não serão tempestades, mas reviravoltas em nossas vidas.

— Ora, pergunte a ela se não viu a figura de um anjo nos ajudando.

— Não, padre, isto ela não informou.

— Está bem, homens, voltemos ao barco, o vento melhorou e temos condições de levantar âncora e partir. Alteza, podemos partir?

— Sim, padre, deixe que eu continuo a comandar. Daqui pra frente vocês terão as minhas ordens.

— Sim, Alteza. — Curvou-se o padre.

Aquilo parecia um contraste, mas havia um representante real, outro da Igreja e os demais do povo, além dos índios e escravos, todos na pequena nau, quase à deriva, à procura de um porto. Os bons espíritos acompanhavam esta saga.

Para a alegria do padre, Ruan dava sinais de que não queria comprometer-se com maus exemplos. Tratava a todos com boa educação, mas passou a não dispensar o título que possuía. Descendente de linhagem nobre, começou a ter atitudes

condizentes com as de um soberano.

— Marinheiro, olhe para suas atitudes ao se dirigir a mim e ao padre. — Disse.

Todos se entreolharam e ainda não acreditavam no que estava acontecendo.

O marinheiro Olavo, o mais velho do grupo, falou:

— Desculpe, mas não podemos deixá-lo partir sozinho para a Europa.

— Como não? Sou o príncipe de Castella.

— Era. — Disse Olavo. — Agora o senhor será nosso salvo-conduto até retornarmos para a nossa cidade. Considere-se preso e não receberemos mais ordens suas. Serei o capitão, daqui por diante, e não toleraremos mais interferências suas. Fique calado até chegarmos a terra firme. Procurarei um representante da coroa portuguesa e o entregaremos em troca de um bom vinho, boa comida e a certeza de retornarmos à Europa.

Apontando uma pistola ao nobre, levou-o a se acomodar na parte traseira da embarcação sem nenhuma chance de escapar.

— Ruan, por que você se revelou? Foi ingenuidade sua. — Disse o padre.

Como fugir

Durante o dia ensolarado, Olavo demonstrou ter domínio total da navegação, tanto que deu ordens importantes no momento em que o Albatroz foi açoitado por ventos de bombordo, desviando o pequeno barco do seu rumo.

— Joguem mais para trás e não deixem o rolete sair do prumo!

Ele se referia ao pequeno timão improvisado. E assim, com dificuldades na manobra, o barco foi deslizando rumo a noroeste, o tão sonhado destino de Cabrália.

— Alteza, me perdoe, mas agora estamos sob o domínio desses facínoras. — Falou o padre.

— Percebi que querem o ouro e mais poder. — Disse Ruan.

— Não é só isso, eles pretendem nos mandar para as mãos da coroa portuguesa. Logo nos chamarão de invasores e seremos deportados ou talvez presos pelo resto de nossas vidas.

— Pensando bem, acho que devemos tentar uma fuga e não voltar com estes marinheiros.

— Bem, Alteza, podemos empreender um plano. Basta que me dê permissão de fazê-lo. Irei consultar Aramin e Duramin, que são nossos aliados. Aluê é boa de plano, pena que o último não deu certo.

— Está bem, padre, ponha o plano para ser elaborado.

O padre decide esperar a noite cair para, em momento propício, acordar os demais sem que os insurgentes percebessem.

— Olhe, Aluê, estamos aqui, próximos do monte da boa viagem — era como eles chamavam o atol localizado no meio do percurso —, o que achas? Temos chance de pular na água e nadar até estas rochas?

— Não teremos chance, os marinheiros dizem que são águas revoltas à nossa frente, frias e cheias de tubarões.

O padre pensou e sugeriu outra solução:

— Deixaremos todos com fome, jogaremos as provisões no mar. Quando atracarmos daremos a eles nossa merecida resposta e sairemos correndo pela floresta adentro, sem cessar.

— Não é bo, também, eles têm armas poderosas, as pistolas nos acertariam sem defesa.

— Já sei, não faremos nada por enquanto, deixaremos chegar a terra de destino e em seguida diremos que nos sequestraram. O que acha?

— Também não dará certo, eles dirão que estamos mentindo e revelarão logo nossa identidade.

— O que faremos? — Perguntou o padre.

— Deixaremos anoitecer. Com o barco atracado em uma baía, durante o sono, acorrentarei o marinheiro Olavo e deixarei os outros sob a mira da pistola dele para, em seguida, tomarmos o barco e remar até o destino final. O que acha, padre?

— Não dará certo, somos quatro, dois homens e duas mulheres. Não temos fôlego ou força necessária para conduzir esta pequena nau.

Durante aqueles momentos de discussão e pensamentos, o grupo de Aluê concede a palavra à Duramin:

— Duramin, tens o dom da vidência, o que achas?

— Devemos atender a todos os pedidos destes marujos e, ao final, rogaremos justiça ao cônsul enviado de Portugal. Diremos que fomos vítimas de facínoras inescrupulosos e pediremos que nos deixem em terras brasileiras para trabalhar como qualquer cidadão comum. Quanto ao príncipe, deixaremos as suas leis decidirem pelo seu destino, mas tudo dependerá de cada um, pois sabemos que os interesses são diversos.

— Não posso admitir isso. — Falou Ruan. — Sou um príncipe de Castella e exijo respeito nas ações a serem tomadas.

— Não aqui! Agora, és um prisioneiro igual a nós.

— Tenho sangue nobre e vocês de plebeu. — Rebateu Ruan.

— Se Rubenito estivesse aqui, talvez as coisas fossem diferentes. — Disse o padre.

— O quê? Aquele tratante? Que infâmia com a nossa

inteligência. — Respondeu o nobre.

— Calem-se! — Falou Duramin. — Tenho outra ideia. Atirarei ao mar um punhado de comida, agitarei o mar com a minha mão até os tubarões sentirem o movimento e depois deixaremos os peixes atacarem a embarcação que está com meu sangue, pois me furarei com uma agulha. Com isso, esses marujos serão obrigados a deixar-nos na encosta para não ter o barco destruído pelas ondas e pelos tubarões. O que acham?

— Pode dar certo. E se eles limparem o barco e quiserem prosseguir conosco, direi que os deuses estão contra eles e a maldição será grande se nos levarem.

— Grande ideia. — Elogiou o padre. — Vão achar que estamos sendo perseguidos pelos deuses.

— Verdade, só assim poderei ser salvo, sem agressões à minha pessoa, disse Ruan.

Terminaram de detalhar o plano de fuga e foram se deitar. A noite correu tranquila, uma brisa suave abatia os rostos dos semi-náufragos e ondas quebravam no mar. Ao amanhecer, qual a surpresa? O Albatroz se desmanchou, vários peixes de diversos tamanhos estavam mortos por entre os restos da embarcação.

— Foram os deuses que destruíram o barco. — Falou Duramin.

— Como? O que falas? — Pergunta Olavo.

— Não vêes o tamanho do estrago? O Albatroz destruído! São os deuses que não o querem. — Disse Duramin.

O padre, ouvindo isso, completou:

— Ela está certa, demônios nos açoitaram de noite.

Os marujos, perplexos e assustados, resolveram correr para pegar madeiras e amarras para rapidamente reconstruir o mínimo da embarcação. Já no final do dia estariam prontos para zarpar.

— E nós? — Perguntou o padre.

— Fiquem aí, morrerão com os seus deuses e demônios.

Assim, o frágil Albatroz partiu deixando Aramin e os outros perplexos com tamanha covardia.

— É, pessoal, deu certo até demais! Eles riram e se abraçaram.

— O que faremos agora? — Perguntou Aramin.

— Esperaremos amanhecer para ver onde estamos e se tem alguém para nos ajudar; ademais, esta praia é boa e tem belos coqueirais próximos, não passaremos fome. Olhe! Nos deixaram até um pouco de ração e dois machados. — Falou o padre.

— Aluê, diga, alguma vez esteve por estas terras?

— Não, é a primeira vez que vejo estes campos próximos do mar.

— Acho que devemos nos organizar para amanhã decidir o que fazer.

Vendo toda aquela movimentação, Ruan decide falar:

— Obrigado, senhores, acho que me salvei e a coroa espanhola também.

— Não diga isso, no momento temos que achar um meio de nos livrar desta situação. — Disse Aramin.

— Falaste bem, escravo, mas digo que se chegarmos à Cabrália, trabalharei para que logo todos nós voltemos à Europa em segurança.

— Não acredito. Com estas roupas e sem posses, ninguém vai acreditar.

— Pois veremos. — Rebateu Ruan.

O que aconteceu foi que um fenômeno térmico e climático fez as algas presas em corais poluírem por demais a encosta onde o Albatroz permaneceu e, de madrugada, Aramin, com uma pequena pedra cortante, fez furos nas juntas do barco separando a madeira e trazendo os peixes mortos para dentro da dissolvida embarcação. Sabotagem pura, que foi comemorada pelos quatro aos risos e gritos de alegria. Louvado sejam os homens de boa vontade que um dia serão abençoadas por Deus.

A filha de Aluê

— Aramin, puxe! — Gritava o padre, que assistia o trabalho de parto de Aluê.

A índia dera à luz uma bela menina, Ymira, com olhos claros, de descendência da tribo de Aluê.

— Que bela menina! — Elogiou Ruan.

— Deixe de admirá-la e ajude logo, vá pegar mais água quente, precisamos limpar o local por onde a menina nasceu. — Pediu o padre.

— Sim, meu sacerdote. — Ruan respondeu em tom de brincadeira.

Todos estavam felizes e Aluê mais encantada ainda. Assim nasce a primeira habitante das terras baianas, genuinamente brasileira.

— Vejam! Ela tem o jeito do pai. — Falou Aramin.

— Deixe disso, homem, ela se parece é com a mãe. — Revidou Aluê,

Todos riram daquela situação.

— Haviam se passado seis meses e o grupo, ainda perdido no sul da Bahia, já estavam mais próximo de Cabrália, mas sem saber a sua exata localização.

— Tragam mais madeira para atearmos fogo, logo escurecerá. — Falou o sacerdote, que depois ficou a pensar: “já estamos aqui por seis meses e nenhuma embarcação foi vista por nós. Pelos meus cálculos ainda estamos distantes do nosso destino. Pelo menos não passamos fome. As cercanias são ricas de caça e pesca. Os frutos locais são deliciosos.”

— Padre, olhe, é uma embarcação cruzando o litoral, parece artesanal como a nossa.

O grupo passou a gritar e a chamar o pequeno veleiro, que

cruzava à frente.

— Tragam mais fogo, faremos um aceno para que nos socorram.
Paulatinamente a embarcação desvia a rota e desliza em direção à praia.

— Ouviram nossos gritos! — Comemorou Aluê.

— Claro, seremos salvos. — Falou Ruan.

Aos poucos o pequeno barco, com dois tripulantes, atracou no litoral e desceram os homens.

— Graças ao bom Deus nos encontraram. — Disse o padre.

Para a surpresa de todos era o pequeno notável Rubenito.

— Rubenito, é você? — Gritou o padre, correndo em direção ao amigo.

— Padre, que surpresa!

Os dois se abraçaram como velhos companheiros.

— Como conseguiram chegar até aqui? — Perguntou o marinheiro Rubenito aos demais.

— É uma longa história. A verdade é que precisamos sair daqui.

— Claro, vocês virão comigo. E Aluê, onde está?

— Está sentada ali, próximo das árvores.

Rubenito entusiasmado para ver sua quase esposa, sai em sua direção, alegre e gritando.

— Aluê, olhe, sou eu, Rubenito.

Ao aproximar-se viu-a segurando uma criança recém-nascida.

— Aluê, meu amor, o que significa isso?

— É minha filha que acabou de nascer.

— Quem é o pai?

Aluê olha para Aramin.

— Não acredito! Esse escravo é o pai?

— Sim, é meu amado esposo.

Aluê mostra as características da criança.

— Não pode ser, estou perplexo. Como podes me trocar pelo escravo?

— Não o troquei, você nos abandonou, foi considerado morto.

— Prometi que voltaria e ficaríamos juntos.

— Por quanto tempo deveria lhe esperar? — Questionou Aluê.

— Deixem eles conversarem. — Disse o padre para Aramin. —

Ele precisa saber a verdade.

— Que tristeza no meu coração. — Reclamou Rubenito.

— Não se desespere, nós oficializamos a união dos dois há algum tempo.

— Padre, estou triste, não esperava isto, aliás não esperava encontrá-los mais.

— Então, Rubenito, contente-se, ela já tem esposo. Fique calmo e vamos pensar no que fazer para sairmos daqui.

Novas esperanças

Após o jantar, o grupo se reuniu e Aramin deu as boas-vindas a Rubenito e ao índio, de nome Alonso — nomeado por Rubenito.

— Este é o Alonso, encontrei-o perdido nas matas próximo da tribo dos exploradores. Convenci-o a me seguir e juntos assaltamos as minas deles. Levamos tudo o que tinha na nossa frente e conseguimos chegar ao litoral. Com muito esforço construimos nossa embarcação. Tentei chegar à enseada do Aragosa, mas os exploradores me perseguiram por vários dias. Então achei melhor seguir rumo oposto ao da tribo de Aluê. Consegui sobreviver com ajuda deste índio, de etnia guarani, segundo ele. Cá estamos nós após mais de cinco meses de jornada. Conto com que aprendi de navegação e acho que me encontro no rumo certo, navegando junto da encosta, em direção noroeste. O que me dizem?

O padre relatou tudo o que ocorrera com o grupo até a chegada à praia, inclusive a revelação de que Ruan, na verdade, era um nobre.

— Nobre? — Espantou-se Rubenito. — Nem desconfiava. Para mim ele não passava de um aventureiro igual a nós.

— Pois bem, agora temos a chance de sair daqui e voltar para a civilização. Por certo irás nos ajudar, não é Rubenito? — Perguntou o padre.

— Claro, amanhã partiremos rumo a Cabrália, mas tenho um pedido a fazer.

— Diga o que deseja.

— Quero que essa criança e Aluê fiquem sob a minha guarda. Quanto a Aramin, será despachado com todos vocês de volta para a Europa.

— Não podes fazer isso, Rubenito.

— Claro que posso, eu a amo. Mesmo que ela tenha uma filha de outro homem, eu a quero.

— Não podes fazer isso, o que Deus uniu não podes separar.

— É a minha condição, senão, ninguém vai comigo.

Rubenito estava irredutível.

— E agora, padre, o que faremos?

— Poderemos arrancar este barco das mãos deles. — Falou Ruan.

— Deixe disso, não quero uma briga aqui, resolveremos a pendência na paz. — Decidiu o padre.

Ao amanhecer, todos se reuniram novamente e Duramin, como num encanto, mudou de voz e começou a gritar:

— Parem! Não se desentendam! — Falou em um português escasso.

— Aramin, o que ela diz? — Perguntou o padre.

— Ela está entrando em conversação com os espíritos.

— Deixem-na falar! — Gritou o padre.

— Chamo-me Eliseu, sou descendente de tribos antigas, inimagináveis, oriento para que todos partam para seus destinos não permanecendo ninguém nessas terras.

Rubenito ouve e fala:

— Não acredito nesta escrava.

O sermão

— Rubenito, como duvidas de Duramin? — Questionou o padre.

— Acho que ela dá muitos palpites errados.

— Nunca! Desde que ela embarcou não a vejo fazer previsões erradas, que o diga Diogo Álvares.

— Ah! ah! ah! — Riu o velho capitão. — Ele não acreditava em nada do que ela falava e só perguntava as coisas para se divertir.

— Aramin, diga a verdade! — Falou Rubenito seriamente.

— Patrão, ela é vidente, nunca errou nada.

— Muito bem, então todos ficarão aqui, menos minha Aluê e sua filha. Embarquem imediatamente!

Com uma pistola na mão, Rubenito mira para o grupo.

— Vá, entre!

Aluê, relutando, diz:

— Só morta sairei daqui.

O impasse estava formado, eram claras as intenções de Aluê, Rubenito e Aramin. Formou-se, novamente, um triângulo antigo em que Antônia, príncipe Raul e Artemides voltam a produzir um ponto de discórdia, quando somente a misericórdia de Deus foi capaz de reuni-los em tão distantes e remotas terras para tentarem se unir em pensamentos e promover seus reajustes. Foi fundamental a intervenção do padre, que disse:

— Deixem a voz de Deus falar, e não me interrompam. Por certo, durante milhares de anos, os povos vêm divergindo um dos outros. Chego a pensar o que seria da humanidade se não houvesse o amor que o Divino Mestre propagou, a caridade, o respeito mútuo; certamente estaríamos em um lixo, num buraco sem fim. Mas Ele veio e trouxe o recado que deveríamos nos amar uns aos outros e respeitar sem cobranças. Julgo que as feridas do passado que não conhecemos devam ser abertas e depois

fechadas com o remédio que o Mestre prescreveu. Digo que só o amor vence, que o ódio não tem fim se os vossos corações não se curarem deste mal que só cederá quando a justiça do amor os acorrentar. Deixem falar seus corações, uns com os outros, perdoem os credos, as raças e os ódios que os vossos corações carregam. Olhem os pássaros no céu, eles não se preocupam com o que comer e beber, Deus os provém, e olhem as nuvens do céu, elas estarão onde os ventos as levam e tudo isto foi-nos dado por adição, ao nosso porvir. Não se destruam com suas mágoas, mas deem-se as mãos, sorriam uns para os outros, sejam irmãos dos desafetos, abram-se para o amor e a fraternidade, não destruam os sonhos de comunhão.

Dito isso, o padre se ajoelha na terra e completa com uma prece: “Senhor, pai de bondade, misericordioso, Divino Criador, não peço que me julgue, mas peço que perdoe meus pecados, as minhas faltas, que só a fé poderia suportar, as minhas inconfidências, que só o Senhor sabe. Diga aos meus irmãos que aqui se encontram que só o seu poder é capaz de nos dar a paz que tanto almejamos. Fale para seus corações que perdoem os nossos erros e faltas. Digo que pelo amor se constrói e pela luz que o Senhor nos deu é que iremos ter paz”.

Nisto, o padre se deita no chão e sob o olhar perplexo de todos, puxa uma cruz e a beija sem parar. Era o ato final de sua redenção como pastor.

— Padre, deixe disso, já entendemos. Fiquei sensibilizado, todos podem vir conosco, não deixarei ninguém nesta praia. Venha e me perdoe, vou lembrar destes pedidos para o resto da minha vida.

E como irmãos em Cristo, todos embarcaram e, para a glória do Senhor, Rubenito se redime dos seus atos de egoísmo e permite que a pequena família de Aluê consiga ir com todos. Emocionados, Rubenito e Aramin se abraçam e um pede perdão ao outro pelo mau comportamento que ambos tinham em suas relações.

— Vamos! Não percamos tempo, logo o sol estará a pino e não gosto de navegar em águas traiçoeiras sem ajuda de vocês. —

Falou Rubenito.

A pequena embarcação segue seu rumo em direção a terras libertadoras. Passaram-se mais dois dias e finalmente os tripulantes avistam uma aldeia de médio porte com uma bandeira de Portugal hasteada em um forte improvisado.

— Vejam, é Cabrália, tenho certeza. — Falou Rubenito.

— Graças a Deus, nossa aventura está no fim. — Disse o padre.

— Não completamente, ao desembarcarmos seremos ouvidos sobre a nossa procedência e o que queremos fazer nestas terras. Sugiro que façamos o seguinte: diremos que somos náufragos e que, por graça do bom Deus, conseguimos sobreviver com ajuda destes índios. Que queremos permanecer nestas terras o menor tempo possível e assim partiremos na primeira nau que nos leve de volta para a Europa. O que me dizem? — Perguntou o padre.

— Concordo com tudo, menos deixar estas terras. — Falou Rubenito.

Novas terras

Ao chegar a terra firme, o grupo foi recebido por soldados da coroa portuguesa comandados pelo Capitão Soares, proveniente da esquadra real, que os avistou e a eles se dirigiu:

— Bem-vindos ao nosso distrito! Estão chegando em terras portuguesas e quem sois que anuncio?

— Somos pequenos náufragos, digníssimo oficial. — Respondeu o padre.

— Pois bem, então deixem o vosso barco e entrem em nossas terras.

Todos desembarcaram e Rubenito pergunta:

— Estamos em Cabrália?

— Vocês estão em terras recém-descobertas, Cabrália está mais ao norte. Este povoado foi implantado há poucos meses e estamos a nos organizar.

— Como se chama este vilarejo?

— O chamamos de Lugar Alto da Cesarea ou Traquejo, nome que mais se aproxima da língua indígena. Traquejo ou Brejo Alto.

— Enfatizou Soares.

— Então, ainda não batizaram este lugar?

— Batizamos, sim, o Padre Antônio Vieira esteve aqui e nos abençoou.

— Como! O nosso sacerdote-mor? — Surpreendeu-se Rubenito.

— Pois bem, ele mesmo.

Rubenito ouvira falar dele, Diogo Álvares tinha feito confissões com o tal padre.

— Peguem suas coisas e reúnam-se próximo do forte. Identificaremos vocês e logo estarão liberados para circular em nossos domínios. Mas tenham cuidado, estas terras são inóspitas e índios tupinambás tentam nos atacar, atrás de nossas armas.

Acham que podem nos dominar. — Falou o representante da coroa portuguesa.

— Então teremos que declarar algo? — Perguntou Ruan.

— Somente o necessário para identificá-los.

— Pois bem, então, nos sigam. — Disse o oficial.

Todos se entreolharam e pensaram no que deveriam falar.

— Nome? — Perguntou o escrevente.

E Rubenito iniciou:

— Rubens das Graças ou Rubenito.

— Parece espanhol, proveniente de que região?

— Venho das fronteiras dos vinhedos.

— Ah! Sim, que região especificamente?

— Do Porto.

— Ora, pois, não tenho memória de tal nome por lá.

— É que meus pais descendem de regiões fronteiriças.

— Ah! Bom, então tens razão.

Ele completou sua identificação com outros dados.

— Próximo!

Aí veio o padre.

— És de onde?

— De Sevilha, Espanha.

— Mas és padre, podes ficar ao meu lado para que preenchas teus dados.

— Próximo!

Veio Ruan.

— Quem sois?

— Sou o príncipe de Castella.

— O quê? Uma autoridade? Aqui sem ninguém ao teu lado? Isto é piada. Guardas! Separem este para trabalhar no campo. Aprenderá a não querer enganar-nos.

— Mas, mas, deixe-me explicar.

— Saia daqui!

Ruan foi arrastado para as regiões de campo.

— Próximo!

— Oh! Não me diga! São criados do senhor padre?

— Exatamente. — Confirmou Aramin. Apontou para Duramin e

Aluê.

— Mas ela é índia, e com uma criança.

— Nós a achamos perdida numa mata próxima da praia com esta criança. — Informou Aramin.

— Então ficarão livres até decidirmos o que fazer. — Disse o escrevente.

Os demais foram identificados como marinheiros de várias nacionalidades.

— Capitão, tenho um pedido a fazer. — Falou o padre.

— Pois não.

— Quero que esses negros e a índia com a filha fiquem alojados próximo a mim. Deixaremos suas terras assim que um navio nos aceite com nossas preces.

— Claro, padre, mas precisamos de apoio sacerdotal. Estamos sós e só teremos comunicação com a coroa no próximo verão. Aí nos trarão notícias e mantimentos.

— Está bem, reúna seus homens e preparem o local. Rezarei uma missa para confortá-los.

Assim foi feito. Aluê, Rubenito, Aramin, Duramin foram alojados próximo ao padre e todos planejavam o futuro. O padre não pensava em outra coisa a não ser partir de volta para seus domínios levando notícias das novas terras e a necessidade de catequizar o povo indígena.

Consequência

— Soltem-me! — Gritou Ruan.

— Senhor, pegamos este homem tentando arruinar nossa embarcação. — Denunciou o militar.

— O quê? És traidor? — Perguntou o capitão Soares.

— Não, como disse, não sou traidor, quero apenas que me reconheçam. Sou um nobre, descendente de Castella.

— Recolham esse homem ao bailéu. — Ordenou o capitão.

Assim, Ruan permaneceu bastante tempo recolhido a um recinto inóspito.

— Senhor, dizem que logo chegará uma embarcação vinda da Europa. — Disse o padre.

— Verdadeira tua colocação. — Respondeu o capitão.

— Então deixe-nos partir, estamos aqui há alguns meses.

— Claro, assim que chegar, enviarei um mensageiro para que sejais acolhidos e levados de volta às vossas terras.

— Obrigado, capitão. — Agradeceu o padre.

— E quanto a você? — Perguntou o sacerdote a Rubenito.

— Permanecerei aqui, logo terei chance de buscar nas matas riquezas que não temos.

— E o ouro que conseguiste?

— É o suficiente, mas não o bastante para ficar muito rico.

— Mas é um saco cheio de ouro e pedras. — Observou o padre.

— Quero possuir gados e fazendas. — Respondeu.

— Está bem, Rubenito, direi que só eu irei.

— E quanto aos escravos e Aluê?

— Direi que são meus, na verdade serão meus sócios. — Falou Rubenito.

— Sócios, o que é isto? Não sabia que estavam neste pé.

— Seguindo a sua maneira de ver, pensei que só nos tornando

seus sócios poderíamos compartilhar nossos trabalhos, lucros e costumes.

— O que me diz, Aluê?

— Digo que ficarei feliz, afinal gosto de Rubenito, mas amo Aramin, seremos uma família feliz.

Surpreso, o padre pega seu boné e sai a pensar na praia deserta próximo ao local.

— Nunca imaginei isto, mas sinto que aqui se inicia uma nova história do bem contra o mal, onde o primeiro suplantou o segundo. Daqui para a frente não duvidarei da bondade divina, erguerei a luz do Mestre ao ponto mais alto da minha emoção. Não deixarei nunca de acreditar que o amor suplanta qualquer ódio ou pecado. Ficarei atento a todos que com seus destinos influenciarão vidas alheias, que com um toque do que o divino Mestre ensinou, tudo se transformará.

“O que fazer então?” pensou. “Deixarei estas terras, mas retornarei assim que puder; trarei notícias do velho mundo, mas transformarei meu ser em fiel seguidor do pastor da Galileia. Só retornarei aos campos do Senhor assim que for chamado por Ele. Glória a Deus nas alturas e que o amor a Cristo seja aclamado nos quatro cantos da terra.”

A noite chegou e todos da aldeia se recolheram à espera da nau que levaria os náufragos de volta ao convívio das terras velhas.

Novas revelações

A noite transcorreu com a calma de costume, até que um marinheiro os acordou.

— Padre, venha ver, a nau portuguesa acaba de atracar e vários soldados portugueses vêm a terra para procurar alguém importante.

— Seria Ruan? — Pergunta o padre.

— Não sei, senhor, eles vêm armados à procura de algo.

— Está bem, vou me arrumar e seguirei as trilhas que eles pegaram.

— Foram na direção onde Rubenito se aloja com os escravos. — Disse o marinheiro.

— Rápido, me ajude, algum mal-entendido está para acontecer.

Nisto, o grupo de Rubenito é trazido à força pelos soldados até a praça central do povoado.

— Quem sois? Responda! — Ordenou o capitão Soares. — Dizem que és um espião da coroa espanhola.

— Afirmo que não, sou apenas um marinheiro que, como náufrago, aqui estou.

— Como explica todo esse ouro e as pedras?

— Não é nada, encontrei nas matas próximo do naufrágio.

— Mentira! Tragam o outro que se diz da coroa de Castella.

Assim trouxeram Ruan até a praça.

— Diga, insolente, quem sois?

— Sou o príncipe de Castella!

Os oficiais portugueses se olharam e fitaram Rubenito.

— Ele é o verdadeiro. Você é o impostor. — Apontou para Ruan.

— Mestre, nos descobriram. — Falou Ruan.

— Calma, meu bom amigo, nada nos acontecerá.

Estava descoberta a farsa. Rubenito, na verdade, era o

verdadeiro príncipe de Castella que outrora fora o príncipe Raul. Como descobriram a verdadeira identidade? É que assim que partiram para a aventura nos trópicos do sul, uma linda moçoila, amiga do príncipe de Castella, procurou o rei da Espanha para denunciar que seu herdeiro pretendia fugir para as terras do sul a fim de aprender sobre a natureza e trazer informações das novas terras. Só que ao se depararem com o sumiço do Aragosa, o principado espanhol entrou em pânico e mandou outros navios exploradores para sondar as terras brasileiras. Ao se depararem com índios e nativos da América Central, resolveram partir, como colonizadores e exploradores da época, para dominar o resto da América, deixando o príncipe perdido nessas terras.

Tudo foi revelado à coroa portuguesa em tratado secreto entre os dois países, e aqui estamos nós com essa pintura feita por um renomado artista, mostrando o verdadeiro príncipe de Castella, que deverá ser escoltado até a corte portuguesa e considerado fugitivo da Espanha. Assim, retornará ao seu país como mercadoria de troca.

Ao norte ficará a Espanha a explorar a partir do meio mundo, e, ao sul, os portugueses. Tudo será um dia feito no papel tal qual o acordo já firmado. Com isso o nobre fora então desmascarado.

— Senhores, convenhamos, estou bem aqui e o que me resta é uma família de escravos que adotei. Sem eles não voltarei ao meu reino.

— Deixe disso, tenho ordens, Alteza, de escoltá-lo de volta.

— Pois bem, então diga a meu pai que só retornarei vivo se meus companheiros voltarem comigo.

Criou-se um impasse, afinal, o príncipe de Castella, devidamente identificado, resolve impor suas condições.

— Ademais, quero que o ouro que me pertence seja doado aos meus amigos Duramin, Aramin e Aluê.

— Como queira, Alteza, faremos o que nos pede. — Falou o capitão do navio português.

Dito isto, todos se juntaram para outras demandas.

Outras considerações

Como veem senhores, Rubenito teve a bênção de sair com vida de sua aventura. Pediu aos céus que partisse do ponto em que parara, como príncipe antigo, reassumindo novos deveres de nobre espanhol. Isto é possível, cabe ao Mestre de Luz traçar planos para que esses pequenos casos se tornem realidade. Um grupo de delinquentes teve as bênçãos do Mestre para se recompor através do reconhecimento mútuo do amor que eles nutriam um pelo outro, em épocas passadas. Ainda que esses personagens tenham tido chance de se odiar ainda mais, foi uma alma adestrada no bem que finalmente despertou o amor entre eles: o padre católico, que com suas orações em favor do grupo, deu a sustentação necessária para o resgate das dívidas coletivas.

Assim ocorre nas famílias de sangue, ou de trabalho, ou de convivência comum. Almas, já adestradas e evoluídas, confiadas para a missão do amor, levam pesados fardos, na maioria das vezes, com a finalidade de trazer o Cristo ou o amor aos seus pares. Com isso, a humanidade vai progredindo, pedindo e clamando por mais justiça nas relações, caindo e se levantando, pedindo e orando ao nosso Mestre maior para que um dia tenha finalmente chegado ao que o Mestre anunciou: “Chegarás a mim pelo teu esforço, e terás um lugar no paraíso”. Nossos personagens deram mais um passo em direção ao amor divino, verbo incontestável que Deus colocou entre nós.

— Tragam a índia Aluê e sua filha. Preparem-se pra embarcar. O navio partirá ao amanhecer. E logo teremos bons ventos à nossa frente. — Falou o capitão.

— Padre, peço que deixe esses homens decidirem a sorte deles.
— Falou Rubenito.

— Ruan e seus companheiros, vocês desejam ficar aqui ou

voltar para a Europa?

— Queremos ir também com o príncipe, a não ser que ele queira nos deixar suas descobertas e algum ouro para começarmos nossas vidas.

— Muito bem, direi isto a Rubenito. — Falou o padre.

Logo ao amanhecer, o navio português zarpa em águas calmas em direção à Espanha levando consigo uma parte do grupo que, unidos pela compreensão, deixaram o orgulho e as desavenças para trás. Quanto ao príncipe de Castella, assumiria o trono a que pertencera seu pai, constituiria família, mas sempre deixando o coração aos companheiros de viagem.

FIM

pelo espírito Rita de Cássia

Pós-Fim

Rubenito ainda tem uma declaração a fazer. Ao chegar à corte em que seu pai era o mandatário, disse:

— Pai, peço que me perdoe, mas estas terras brasileiras são tão belas e prósperas que tive vontade de ficar e não mais voltar ao meu país.

— Filho, sei o que dizes. Quando jovem, também embarquei em semelhante aventura, e o que ganhei foi o amor ao nosso país e às nossas origens. Portanto, seja bem-vindo e podes trazer os teus amigos de aventura para ficar conosco.

— Pois bem, meu pai, declaro que estas terras, ao sul de Cabrália, serão nossas, custe o que custar.

— Não podemos, o nosso acordo com os portugueses foi o que selou o teu regresso em segurança. Teremos outras terras, Ruan (reencarnação de Cortez), nosso melhor homem partirá em breve com sua tropa para averiguar terras mais próximas do Equador. Dizem que temos grandes chances de conquistá-las, afinal, precisamos expandir nosso reino.

— Como se chamarão estas terras? — Inquiriu Rubenito.

— Terras Americanas do Sul, onde o sol chega mais tarde, ou Terras do Oeste. — Respondeu o Rei.

— Bem, meu pai, uma coisa aprendi: não existe bem maior que o amor a Cristo. A partir de agora, Ele será meu guia e conselheiro. Nunca deixarei este amor se afastar de mim. Assim prometo, assim eu confirmo as minhas palavras.

Terminando a conversa eles se despedem. Aramin, Duramin e o padre dão ao seu anfitrião Rubenito salvas de glória e pedem um futuro grandioso para os Castella.

Comentários I

Numa manhã ensolarada, no palácio que abrigava a família dos Castella, surge a figura do príncipe herdeiro à procura de um navegador espanhol que seria responsável por levar uma esquadra à América do Sul. Seu nome: Cortez, cujo verdadeiro nome não foi registrado nos almanaques da humanidade para preservar sua verdadeira origem. Ruan, ou Cortez, fora brindado com uma medalha pelo império espanhol com o intuito de agradar o ex-amigo do príncipe de Castella, agora o verdadeiro rei do povo espanhol.

Essa história se inicia nos conturbados anos dos descobrimentos, quando portugueses, ingleses, espanhóis e outras raças lançavam-se ao mar com a intenção de conquistar mais terras alheias e povos que aos poucos vinham sendo dominados, ou melhor, dilacerados por conquistadores ávidos de fortuna e fama. Nesse espaço, sobrou uma pequena lembrança de como um dos homens mais cruéis que a humanidade conheceu foi capaz de dizimar povos guerreiros em favor do trono espanhol.

Cortez, ou Ruan, fora vítima de si mesmo que, ao invés de usar seu livre-arbítrio para união dos povos, foi usado para conquistar e destruir os sulamericanos. E quem foi Ruan na época do príncipe Raul? Voltemos ao núcleo da história. Na época de Antônia, Ruan teria sido um serviçal de Nerfando, o mesmo que por meio de suborno, também denunciou seu amo, portador de confidências entre ele e Antônia. Foi o responsável pela destruição do mestre que, fraco e influenciado pelas trevas, afogou-se no mar por vergonha de seus atos.

Nerfando, ou Duramin, nunca soube quem o denunciou, mas Ruan foi o responsável pela primeira denúncia. Agora como

descobridor, ainda em débito com a espiritualidade, parte para América Central e traz como prêmio a cultura dizimada dos astecas. Seu desafeto, Montezuma, não resistiu ao poderio militar espanhol e acabou sendo traído por seu suposto amigo.

Como veem, esta história ainda traz de um passado longínquo pessoas tão creditadas no mal que só o perdão do Divino Mestre será capaz de transformar as suas vidas. Fiquem em paz nos pensamentos desta história, pois a sua continuação traz, ainda, o reflexo das conquistas pelo desamor, o ódio, a ganância e o orgulho.

Comentários II

Após a meia-noite, Aramin entra nos aposentos de Aluê, que dormia com a filha, e pergunta:

— Queres voltar ao convívio da floresta?

Aluê, perplexa com aquela questão, responde:

— Sabes que te amo muito e meu sonho é voltar e conviver com os nossos. Mas também gosto da vida que estas terras nos proporcionam. Nossa filha conta com seis anos e está crescendo e vendo um mundo melhor, portanto, ficarei aqui.

— Aceito teu argumento, vou falar com Duramin, que ultimamente não tem se sentido bem.

O meio-escravo partiu em direção aos aposentos da sua negra amiga.

— Duramin, acorda, tens chance de voltar para terras brasileiras, o que achas?

— Não, desejo ficar aqui e acompanhar a evolução desta cidade. Tive um sonho, alguns dias atrás, que me procuravas para retornar ao convívio dos nossos. Só que entre a lua e o sol, muitos partiriam em busca de novas aventuras e um príncipe tomaria conta do lugar e libertaria aquele povo; ou seja, virá a época de muitas glórias para os que vivem no Brasil, mas meu lugar é aqui. Fique conosco e não saia mais à procura de aventuras.

— Está bem, não falarei mais nada. É que meu mestre sugeriu que poderíamos ir atrás das riquezas deixadas nas terras brasileiras.

Com isso, o grupo de ex-escravos e a índia Aluê encerraram seus destinos ao lado do monarca Rubenito, e com ele desfrutaram todos os momentos de suas vidas.

Em determinada época, o monarca solicita a presença de Duramin aos seus aposentos.

— Duramin, me diga, deverei conquistar o Brasil ou a América Central?

— Não queiras quebrar o que teu pai determinou. Mas deixa-me falar: certa noite, vi um cortejo de anjos a anunciar que terras ensolaradas e produtivas deveriam ser conquistadas pelos Castella e muita morte e destruição iria acontecer. Mas uma coisa poderia ocorrer, a sublimação de certas pessoas que necessitavam de paz em suas vidas.

Rubenito pensa e diz:

— Muito bem, acho que entendi o que desejas me transmitir, mas nosso povo necessita de descobertas.

Assim encerra-se a conversa e Duramin, com suas previsões infalíveis, volta ao seu aposento acompanhada de um sublime mentor invisível que diz a ela:

— Estás livre, fizeste a tua parte, daqui por diante o Senhor te abençoará para alcançares a liberdade de tuas faltas. Volta para o nosso mundo e serás recebida por um cortejo de anjos que te vêm anunciando esses dramas o tempo todo.

Duramin adormeceu e sua alma se despede, definitivamente, do corpo cansado em direção à glória do Senhor.